

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

**ALBERTO MAGNO MOREIRA MARTINS**

**MARIANNA GONÇALVES DA LUZ NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
MARANHENSE: trajetória de uma professora negra do município de Itapecuru -Mirim  
(1871-1960)**

São Luís - MA  
2025

**ALBERTO MAGNO MOREIRA MARTINS**

**MARIANNA GONÇALVES DA LUZ NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

**MARANHENSE:** trajetória de uma professora negra do município de Itapecuru -Mirim  
(1871-1960)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação  
- PPGE como parte das exigências para a obtenção do título de  
Doutor em educação pela Universidade Federal do Maranhão -  
UFMA.

Linha de pesquisa: História e Políticas Educacionais  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diomar das Graças Motta

São Luís - MA  
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Martins, Alberto Magno Moreira.

Marianna Gonçalves da Luz na história da educação  
maranhense : trajetória de uma professora negra do  
município de Itapecuru -Mirim 1871-1960 / Alberto Magno  
Moreira Martins. - 2025.

147 f.

Orientador(a): Diomar das Graças Motta.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em  
Educação/ccso, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,  
2025.

1. Trajetória. 2. Invisibilidade. 3. Mulher Negra.  
4. Poeta e Professora. I. das Graças Motta, Diomar. II.  
Título.

**ALBERTO MAGNO MOREIRA MARTINS**

**MARIANNA GONÇALVES DA LUZ NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
MARANHENSE: trajetória de uma professora negra do município de Itapecuru -Mirim  
(1871-1960)**

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profª. Drª Diomar das Graças Motta (Orientadora)**  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

**Profª Drª Delcineide Maria Ferreira Segadilha**  
Universidade Federal do Maranhão –UFMA

---

**Profª Drª Dolores Cristina Sousa**  
Universidade Estadual do Maranhão –UEMA

---

**Profº Dr. Paulo da Silva Lima**  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

**Profª Drª Iran de Maria Leitão Nunes**  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Dedico esta Tese a minha mãe, Clemencia Moreira Martins (*in memoriam*), pelo amor e cuidado incondicional e ao meu pai Francisco das Chagas Reis Martins (*in memoriam*) que sempre me acompanhou em vida. Sua força e dedicação são exemplos que levo comigo em cada passo. E aos demais familiares.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Olorum (Deus) em seguida a meu pai Ogum e minha mãe Iemanjá, por sua infinita bondade e por terem me dado caminho.

A minha família biológica: A meu pai Francisco (*in memoriam*) e a minha mãe Clemencia (*in memoriam*), agradeço por terem investido em meu processo educativo.

Aos meus irmãos: Benedito, Francisco, Cléce, Milton e aos meus sobrinhos e minhas sobrinhas.

A minha família Espiritual do Terreiro de Iemanjá (irmãos e sobrinhos de santo) a Biné Gomes, de modo especial à madrinha Raimunda Oliveira.

A todos os amigos e amigas que acreditaram em mim, pelo incentivo na caminhada rumo ao doutorado, de modo especial: Acildo Leite, Cristina Araújo, Rosenverck Estrela, Valdenice Prazeres, pelos ensinamentos e discussões sobre o meu objeto de estudo. Um agradecimento especial à Katia Amorim, pela disponibilidade em ler meu texto.

Um agradecimento muito especial à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Diomar das Graças Motta, pela delicada, firme e necessária orientação que muito contribuiu para elaboração dessa tese e também pela oportunidade de ampliação de conhecimentos.

Às Professoras Dr<sup>ª</sup>. Dolores Cristina Sousa, a Dr<sup>ª</sup> Delcineide Maria Ferreira Segadilha, ao Dr. Paulo da Silva Lima e a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iran de Maria Leitão Nunes, pelo carinho, interesse e disponibilidade de participar da Banca de Qualificação do Projeto de Pesquisa.

Aos companheiros e companheiras de jornada da 2<sup>a</sup> turma do doutorado, pela convivência harmoniosa e grande aprendizado.

Aos companheiros e às companheiras, pela oportunidade de participar das discussões durante as reuniões do Grupo de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gêneros (GEMGe) e às companheiras e aos companheiros do Grupo de Estudo e Pesquisa. Sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE)

Aos amigos e amigas do Centro de Ensino Odylo Costa Filho/SEDUC; aos amigos e amigas da Unidade de Educação Básica Prof. Sá Valle/ SEMED.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão e todos os professores, professoras, funcionários, funcionárias e estagiários/as pela convivência harmoniosa.

Ao querido amigo Carlos Wellington, pela paciência em normalizar esse trabalho.

Enfim a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente desse processo de qualificação profissional.

### **Quadros**

*Soa o teclado ebúrneo do piano  
Sob os dedos da bela aristocrata,  
E logo após escutam-se as estrofes  
De uma tocante e doce serena.  
Tudo nesse salão, onde a riqueza  
Reúne da elegância a fina flor,  
Respira do prazer a pura essência,  
Aí não tem entrada a negra dor.  
Ouvem-se vozes frescas; lábios róseos  
Soltam risadas francas, argentinas  
Que vão perder-se em moitas perfumadas  
Onde desabrocham flores peregrinas.  
E, entretanto, a porta, macilenta,  
Triste mendiga nos degraus sentada  
Beija o filhinho nu, adormecido*

*(Marianna Gonçalves da Luz, 1904)*

## RESUMO

Nesta tese versa-se sobre a educação maranhense, através da trajetória de uma professora negra do município de Itapecuru - Mirim (1871-1960). Encontra-se inserido na linha de pesquisa História e Política da Educação, desenvolvida no grupo de estudo História e Memória da Educação Brasileira. Este objetiva analisar a trajetória educacional, intelectual e profissional de Marianna Gonçalves da Luz, com ênfase em seus saberes docentes, produções literárias e suas contribuições para a sociedade itapecuruense e para a História da Educação Maranhense, no período de sua vivência, se caracterizando tem como fundamentos do campo social, histórico e feminista; e tem como procedimentos a revisão bibliográfica, e o uso de fonte documental. Para sustentar esses estudos usamos os aportes teóricos de: Bourdieu (1996; 2006); Certeau (2002); Motta (2003); Perrot (2005); Nunes (2006); Louro (2008); Meihy: Holanda (2012); Souza (2012); Santana (2014); Reis (2017) e outros estudiosos (as) que se debruçam sobre a temática, os quais possibilitarão uma maior visibilidade do sujeito mulher afrodescendente no contexto da sociedade brasileira. A abordagem metodológica será ancorada na história da educação, com foco em um sujeito da educação e da literatura, especificamente Marianna Gonçalves da Luz. Tem-se como categorias: trajetória; invisibilidade; mulher negra; poeta e professora, sobre o que concordamos com Franco (2008, p. 10) ao afirmar que "são perfeitamente possíveis e necessárias ao conhecimento, através da análise de conteúdo, no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada na concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento". A análise documental incluirá publicações e materiais iconográficos de acervos públicos e privados, disponíveis. Os resultados obtidos revelaram que Marianna Gonçalves da Luz desempenhou um papel crucial na educação de Itapecuru-Mirim, utilizando metodologias adaptadas às condições locais e desse modo promovendo a inclusão social. Sua práxis pedagógica foi marcada por um compromisso ético e político com a educação como ferramenta de emancipação social. Sua práxis literária, embora não intencionalmente, abordou questões sociais relevantes, especialmente as condições de vida das populações negras e as desigualdades enfrentadas pelas mulheres, contribuindo para a construção de uma memória cultural mais inclusiva. Concluindo-se que Marianna Gonçalves da Luz contribuiu significativamente para a história da educação maranhense através de sua atuação como professora e literata negra em Itapecuru-Mirim na primeira metade do século XX. Sua dedicação à educação, defesa dos direitos dos professores, produção literária e envolvimento cultural contribuiram para a inclusão social e a valorização da identidade afrodescendente, deixando um legado que continua a inspirar e influenciar a sociedade

maranhense. Daí espera-se que o estudo proporcione a contribuição esperada no campo educacional e literário. Dessa forma, ao compreender a inserção de Marianna Gonçalves da Luz no cenário educacional e cultural de Itapecuru-Mirim e do Maranhão, esperamos contribuir para a construção de uma memória mais inclusiva e crítica da história da educação brasileira.

**Palavras-chave:** Trajetória; Invisibilidade; Mulher negra; Poeta e Professora.

## ABSTRACT

This thesis deals with education in Maranhão, through the trajectory of a black teacher from the municipality of Itapecuru Mirim (1871-1960). It is part of the History and Politics of Education research line, developed in the History and Memory of Brazilian Education study group. This aims to analyze the educational, intellectual and professional trajectory of Marianna Gonçalves da Luz, with emphasis on her teaching knowledge, literary productions and her contributions to Itapecuruense society and to the History of Education in Maranhão, during the period of her experience, characterized by fundamental from the social, historical and feminist field; and its procedures include bibliographical review and the use of documentary sources. To support these studies we use the theoretical contributions of: Bourdieu (1996; 2006); Certeau (2002); Motta (2003); Perrot (2005); Nunes (2006); Louro (2008); Meihy: Holanda (2012); Souza (2012); Santana (2014); Reis (2017) and other scholars who focus on the topic, which will enable greater visibility of the Afro-descendant woman in the context of Brazilian society. The methodological approach will be anchored in the history of education, focusing on a subject of education and literature, specifically Marianna Gonçalves da Luz. The following categories are: trajectory; invisibility; black woman; poet and teacher, about which we agree with Franco (2008, p. 10) when stating that "they are perfectly possible and necessary for knowledge, through content analysis, within the scope of a critical methodological approach and epistemologically supported by the conception of science that recognizes the active role of the subject in the production of knowledge". The documentary analysis will include publications and iconographic materials from available public and private collections. The results obtained revealed that Marianna Gonçalves da Luz played a crucial role in the education of Itapecuru-Mirim, using methodologies adapted to local conditions and thus promoting social inclusion. His pedagogical practice was marked by an ethical and political commitment to education as a tool for social emancipation. Her literary production, although unintentionally, addressed relevant social issues, especially the living conditions of black populations and the inequalities faced by women, contributing to the construction of a more inclusive cultural memory. In conclusion, Marianna Gonçalves da Luz contributed significantly to the history of education in Maranhão through her work as a teacher and black writer in Itapecuru-Mirim in the first half of the 20th century. His dedication to education, defense of teachers' rights, literary production and cultural involvement contributed to social inclusion and the appreciation of Afro-descendant identity, leaving a legacy that continues to inspire and influence Maranhão society. . Hence, it is expected that the study will provide the expected contribution in the educational

and literary field. In this way, by understanding the insertion of Marianna Gonçalves da Luz in the educational and cultural scene of Itapecuru-Mirim and Maranhão, we hope to contribute to the construction of a more inclusive and critical memory of the history of Brazilian education.

**Keywords:** Trajectory; Invisibility; Black woman; Poet and Teacher.

## RESUMEN

Cette thèse traite de l'éducation au Maranhão, à travers la trajectoire d'un enseignant noir de la municipalité d'Itapecuru Mirim (1871-1960). Il fait partie de la ligne de recherche Histoire et politique de l'éducation, développée dans le groupe d'étude Histoire et mémoire de l'éducation brésilienne. Il s'agit d'analyser le parcours éducatif, intellectuel et professionnel de Marianna Gonçalves da Luz, en mettant l'accent sur ses connaissances pédagogiques, ses productions littéraires et ses contributions à la société Itapecuruense et à l'histoire de l'éducation au Maranhão, au cours de la période de son expérience, caractérisée par fondamentale du domaine social, historique et féministe ; et ses procédures comprennent l'examen bibliographique et l'utilisation de sources documentaires. Pour étayer ces études nous utilisons les contributions théoriques de : Bourdieu (1996 ; 2006) ; Certeau (2002) ; Motta (2003); Perrot (2005); Nunes (2006) ; Louro (2008) ; Meihy ; Hollande (2012) ; Souza (2012) ; Santana (2014) ; Reis (2017) et d'autres chercheurs qui se concentrent sur ce sujet, ce qui permettra une plus grande visibilité de la femme d'ascendance africaine dans le contexte de la société brésilienne. L'approche méthodologique sera ancrée dans l'histoire de l'éducation, en se concentrant sur un sujet d'éducation et de littérature, en particulier Marianna Gonçalves da Luz. Les catégories suivantes sont : trajectoire ; invisibilité; femme noire; poète et enseignant, sur lequel nous sommes d'accord avec Franco (2008, p. 10) lorsqu'il affirme qu'« ils sont parfaitement possibles et nécessaires à la connaissance, à travers l'analyse de contenu, dans le cadre d'une approche méthodologique critique et épistémologiquement soutenus par la conception de la science ». qui reconnaît le rôle actif du sujet dans la production de connaissances ». L'analyse documentaire inclura des publications et du matériel iconographique provenant de collections publiques et privées disponibles. Les résultats obtenus ont révélé que Marianna Gonçalves da Luz a joué un rôle crucial dans l'éducation d'Itapecuru-Mirim, en utilisant des méthodologies adaptées aux conditions locales et en favorisant ainsi l'inclusion sociale. Sa pratique pédagogique a été marquée par un engagement éthique et politique en faveur de l'éducation comme outil d'émancipation sociale. Sa production littéraire, bien que involontairement, aborde des questions sociales pertinentes, notamment les conditions de vie des populations noires et les inégalités auxquelles sont confrontées les femmes, contribuant ainsi à la construction d'une mémoire culturelle plus inclusive. En conclusion, Marianna Gonçalves da Luz a contribué de manière significative à l'histoire de l'éducation au Maranhão à travers son travail d'enseignante et d'écrivaine noire à Itapecuru-Mirim dans la première moitié du XXe

siècle. Son dévouement à l'éducation, à la défense des droits des enseignants, à la production littéraire et à l'implication culturelle a contribué à l'inclusion sociale et à l'appréciation de l'identité afro-descendante, laissant un héritage qui continue d'inspirer et d'influencer la société du Maranhão. . On espère donc que l'étude apportera la contribution attendue dans le domaine éducatif et littéraire. De cette manière, en comprenant l'insertion de Marianna Gonçalves da Luz dans la scène éducative et culturelle d'Itapecuru-Mirim et du Maranhão, nous espérons contribuer à la construction d'une mémoire plus inclusive et critique de l'histoire de l'éducation brésilienne.

**Mots-clés :** Trajectoire ; Invisibilité; Femme noire ; Poète et enseignant.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|            |   |
|------------|---|
| ACL        | Academia Caxiense de Letras   |
| AICLA      | Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes  |
| ALL        | Academia Ludovicense de Letras  |
| AML        | Academia Maranhense de Letras   |
| AMLJ       | Academia Maranhense de Letras Jurídicas   |
| CNE        | Conselho Nacional de Educação   |
| CNM        | Confederação Nacional dos Municípios  |
| GEMGe      | Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relação de Gênero                          |
| GESEPE     | Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas                     |
| IDEB       | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  |
| IGBE       | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística   |
| IHGB       | Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro   |
| IHGM       | Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão  |
| LGBTQIAPN+ | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binário |
| MNU        | Movimento Negro Unificado   |
| PPGE       | Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação   |
| SIDRA      | Sistema IBGE de Recuperação Automática  |
| SIOGE      | Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado  |
| TEM        | Teatro Experimental do Negro  |
| UEMA       | Universidade Estadual do Maranhão   |
| UFMA       | Universidade Federal do Maranhão  |

## SUMÁRIO

|            |  |     |
|------------|--|-----|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 16  |
| <b>2</b>   | <b>ITINERÁRIO TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....   | 31  |
| <b>3</b>   | <b>O SILÊNCIO DAS CIGARRAS: invisibilidade da trajetória em espaços masculinos</b><br>38 |     |
| <b>3.1</b> | <b>Fundação da Academia Maranhense de Letras e sua Trajetória Histórica</b> .....        | 41  |
| <b>3.2</b> | <b>A mulher na academia maranhense de letras</b> .....                                   | 43  |
| 3.2.1      | <i>Laura Rosa</i> .....  | 44  |
| 3.2.2      | <i>Marianna Gonçalves da Luz</i> .....   | 45  |
| 3.2.3      | <i>Maria da Conceição Neves Aboud</i> .....  | 45  |
| 3.2.4      | <i>Lucy de Jesus Teixeira</i> .....  | 46  |
| 3.2.5      | <i>Dagmar Desterro e Silva</i> .....   | 46  |
| 3.2.6      | <i>Ceres Costa Fernandes</i> .....   | 47  |
| 3.2.7      | <i>Laura Amélia Damous Duailibe</i> .....  | 48  |
| 3.2.8      | <i>Sonia Maria Correa Pereira Mugschi (Sonia Almeida)</i> .....                          | 49  |
| 3.2.9      | <i>Ana Luiza Almeida Ferro</i> .....   | 50  |
| <b>4</b>   | <b>MARIANNA GONÇALVES DA LUZ</b> .....   | 52  |
| <b>4.1</b> | <b>Início de sua trajetória e seus contextos</b> .....                                   | 52  |
| <b>4.2</b> | <b>Os múltiplos caminhos</b> .....   | 59  |
| 4.2.1      | <i>Caminho Profissional</i> .....  | 60  |
| 4.2.2      | <i>Caminho Literário</i> .....   | 62  |
| <b>5</b>   | <b>ECOS CONTEMPORÂNEOS: referências a Marianna Gonçalves da Luz</b> .....                | 74  |
| 5.1        | Histórias sobre Marianna Gonçalves da Luz .....  | 89  |
| <b>6</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 100 |
|            | <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 107 |
|            | <b>Anexos</b> .....  | 113 |
|            | Anexo 1 .....  | 114 |
|            | Anexo 2.....   | 119 |
|            | Anexo 3 .....  | 135 |

## 1 INTRODUÇÃO

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas? Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras? E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre? Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a edificaram? No dia em que a Muralha da China ficou pronta, para onde foram os pedreiros? A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo: quem os erigiu? Quem eram aqueles que foram vencidos pelos césaes? Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores? Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos. O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho? César ocupou a Gália. Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro? Felipe da Espanha chorou quando sua frota naufragou. Foi o único a chorar? Frederico Segundo venceu a guerra dos sete anos. Quem partilhou da vitória? A cada página uma vitória. Quem preparava os banquetes comemorativos? A cada dez anos um grande homem. Quem pagava as despesas? Tantas informações. Tantas questões. Perguntas de um trabalhador que lê. (Bertolt Brecht, 1935)

Pesquisar a trajetória de professoras afrodescendentes no Maranhão é de certa forma, construir a história dos excluídos da história, visibilizando essas pessoas que foram vozes ocultadas por uma história patriarcal, misógina e eurocêntrica, logo desconhecida no espaço escolar.

O poema de Bertolt Brecht, *Perguntas de um trabalhador que lê*, questiona as lacunas da história oficial, frequentemente silenciada nas vozes daqueles que de fato constroem e sustentam as estruturas sociais. O trecho que interroga "Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas? Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?" Problematiza a invisibilização dos sujeitos históricos comuns, ressaltando como as narrativas dominantes privilegiam líderes e elites enquanto ocultam o trabalho e as contribuições dos marginalizados.

Essa perspectiva dialoga profundamente com o primeiro parágrafo do nosso estudo ao afirmar que pesquisar a trajetória de professoras afrodescendentes no Maranhão é de certa forma, construir a história dos excluídos da história, visibilizando essas pessoas que foram vozes ocultadas por uma história excludente. A interrogação de Brecht sobre quem de fato carregou as pedras encontra eco no desafio de reconstruir a narrativa histórica das professoras afrodescendentes, frequentemente invisibilizadas pelo apagamento sistemático nas estruturas patriarcais e coloniais do sistema educacional.

Assim como as questões de Brecht revelam que as glórias das civilizações foram erguidas com o esforço dos trabalhadores anônimos, a análise crítica da trajetória dessas professoras resgata a contribuição essencial dessas mulheres para a construção do

espaço educacional maranhense. Tal resgate não é apenas uma reparação histórica, mas uma reafirmação do papel desses sujeitos históricos na construção de saberes e práticas escolares que desafiam a exclusão e a desigualdade.

O poema não apenas inspira, mas também oferece uma lente para compreender a trajetória de educadoras como parte de uma luta mais ampla contra as estruturas de opressão e exclusão que, como Brecht sugere, continuam a omitir os verdadeiros protagonistas da história. Essa exclusão encontra ressonância no surgimento da História como disciplina escolar, um fenômeno que remonta ao século XIX, no contexto da consolidação dos Estados Nacionais europeus.

Nesse período, a história foi instrumentalizada como um mecanismo de integração cívica e patriótica, associado às noções de progresso e civilização. Essa narrativa, marcada pela primazia do indivíduo sobre o coletivo, pelo patriarcalismo e pelo racismo, sob a pretensão de uma base científica, reforçou valores e padrões culturais que, como apontado por Magalhães (2003), contribuíram para a expansão do imperialismo e influenciaram a organização e constituição do Brasil. Assim, o poema dialoga com a crítica histórica ao questionar os silenciamentos impostos e ao reivindicar o protagonismo das vozes que foram sistematicamente excluídas.

Assim, a história dominante apresentava-se, como instrumento fundamental no delineamento de um projeto de nação que tinha como referência, principalmente, o continente europeu. Nesse sentido, os valores e referenciais das populações negra e indígena foram relegados a segundo plano ou minimizados em citações meramente folcloristas. Daí a participação das mulheres, principalmente as negras, na formação cultural, educacional e civilizacional do Brasil foi ocultada sobremaneira. Assim, ser brasileiro consistia em ser branco, cristão, do gênero masculino excluindo os grupos oprimidos como as mulheres, os negros e os indígenas.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) encarregou-se de fornecer as bases de uma história nacional dividida em uma periodização definida pela ação política de monarcas: a descoberta do Brasil pela monarquia portuguesa correspondia ao nascimento de uma nação branca, europeia e cristã [...] (Bittencourt, 2007, p. 36).

O ideal patriótico republicano era conseguir o embranquecimento da população brasileira. Paralelamente, ordem, patriotismo, masculinidade e civilização para o progresso capitalista eram conceitos proeminentes do início do regime, e conteúdo do ensino de História e de outras disciplinas, que em muito, contribuíram para essas reproduções conceituais.

A Escola dos *Annales*<sup>1</sup> em 1929, foi fundamental para a modificação dos modelos clássicos de se fazer história, tornando-se o ponto de partida para a construção de um novo modelo de historiografia. A história passou a ser vista como filha do seu tempo e como ciência que se preocupa com os seres humanos de cada época e que parte sempre de situações criadas no presente para construir a teia de acontecimentos úteis para a produção do conhecimento histórico. Nesse sentido, é relativizada a ideia do documento escrito como única fonte cabível para se produzir história. Outras fontes passam a ser consideradas legítimas para a discussão dos fatos históricos. A partir dos *Annales* abriu-se o caminho para a construção de uma história que se enriqueceu em temáticas, tais quais: história das mulheres, dos movimentos sociais, dos indígenas, dos camponeses, dos operários, da população negra, entre outros. Também, abriu-se o caminho para discussão de gênero, raça e classe nos domínios da história.

Cardoso (1997) em sua obra *Domínios da História* elenca uma série de temáticas que passam a ser consideradas objetos da História, a partir da maturidade da Nova História (herdeira direta da Escola dos *Annales*). Hoje, se estuda as ideias, o poder, a mentalidade, a cultura, a família, as mulheres, a sexualidade, as etnias, o cotidiano, dentre outros, sem o complexo de se estar escrevendo uma história pequena, sem sentido e de temáticas sem importância, posto que não será a temática que dirá o valor da história e sim, a seriedade e o rigor com que exerce o ofício de se pesquisar história.

Sendo assim, movimentos renovadores surgidos na Europa, no final da década de 1920, como a *Escola dos Annales* ao lado pensamento marxista ganham força no Brasil durante a década de 1980, redefinindo metodologias, fontes, temas abordados e outra concepção de tempo e espaço, em contraponto à história predominante. Com efeito, principalmente a partir da década de 1990, o movimento de mulheres, os indígenas, a população negra e os movimentos LGBTQIAPN+ passaram a exigir dos órgãos gestores, ligados à educação, um tratamento curricular diferente do que estava sendo destinado a esses grupos, refletindo, portanto, na historiografia.

Nesse contexto, merece destaque a *III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*,

---

<sup>1</sup> A Escola dos *Annales* é um movimento historiográfico que se constituiu em torno do periódico *Annales d'histoire économique et sociale*. Tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Luciano Febvre e Marc Bloch, no ano de 1929.

realizada em Durban, África do Sul em 2001, que adotou medidas reparatórias às vítimas de racismo, da discriminação e intolerância, fundamentadas na Constituição de 1988.

A promulgação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 instituindo, respectivamente, o ensino de conteúdos sobre a matriz negra africana e indígena na constituição da nossa sociedade no âmbito de todo currículo escolar, contribuiu para as recomendações da Conferência. Para tanto, o Parecer nº 003/2004 do Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Este orientou que se refletisse sobre estas relações do âmbito social e pedagógico, nos procedimentos de ensino e nas condições oferecidas para aprendizagem, a fim de alcançar os objetivos da educação e da escola, no tocante à temática da História e Cultura Afro-brasileira e Africana e da constituição de uma educação inclusiva.

Além disso, desde o início da década de 2000, os estudos regionais adquiriram importância significativa no sentido de fazer com que alunos e alunas de regiões consideradas periféricas pudessem conhecer a realidade de suas localidades, para relacioná-la com contextos mais amplos, visando aprofundar os conhecimentos históricos da humanidade como um todo. Diante dessa perspectiva, Albuquerque (2012) afirma que incluir a mulher professora na historiografia da educação não se deu ao acaso, esta deve ser compreendida face às inovações no âmbito da história e do desenvolvimento dos estudos feministas, iniciados a partir do século XX. A pesquisa em História da Educação, tendo como tema central a trajetória de mulheres negras, reflete, portanto, caminhos viáveis para a criação de nova perspectiva para se pensar a escola, a educação e a sociedade.

Essa discussão remete a uma crítica à sociedade racista, machista e homofóbica, pautada na desigualdade social. Refletir sobre essas questões em nossa formação histórica, proporciona no interior da escola e da academia elementos para que seus discentes, no dia a dia, debatam sobre as condições econômicas e culturais na gênese social brasileira, buscando combater todas as formas de preconceito e discriminação existentes na sociedade. Ao mesmo tempo que edifica concepções dos mecanismos de reprodução da desigualdade, das relações de gênero, do direito legítimo de qualquer pessoa ter sua identidade de gênero, orientação sexual e identidade étnico-racial. A historiografia com mulheres professoras negras, pode e deve responder a esses desafios,

reorientando teorias, métodos, conteúdos de ensino e procedimentos metodológicos, criando uma nova postura frente a essas temáticas.

Tendo em vista essas constatações de nossa participação no *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Mulheres e Relação de Gênero (GEMGe)* e no *Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE)*, surgiu a necessidade de aprofundarmos as conquistas e investigações nesse campo, bem como o interesse pelo estudo acerca de professoras afrodescendentes na educação maranhense, motivado, entre outros fatores, pelos debates ali realizados, os quais, possibilitaram a compreensão do processo de invisibilidade da contribuição educacional de professoras, especialmente as afrodescendentes.

A minha própria história concorreu para o interesse nesta investigação. Nasci na terra de Itapecuru-Mirim, onde o alvorecer da vida me encontrou nos bancos escolares, iniciando o caminho pela 1ª série primária até o 1º ano do 2º grau, hoje rebatizados como Ensino Fundamental e Médio. Ao findar de 1981, busquei no seletivo a entrada no 2º ano do 2º grau, na então Escola Técnica Federal do Maranhão, atual Instituto Federal do Maranhão (IFMA), onde o destino sorriu para mim e os estudos em Eletromecânica começaram. Como um rio que busca novos horizontes, essa formação me conduziu à Companhia Vale do Rio Doce, onde, por cinco anos, os trilhos do trabalho me ensinaram a dureza e a beleza do labor.

Em 1989, o vento de novos caminhos soprou forte e me vi deixando para trás as certezas, em busca de novos horizontes em São Paulo, onde fiquei por dois anos. Ao retornar ao meu Maranhão, em agosto de 1991, a jornada continuou. Foi em 1995 que meu coração se inclinou para a Pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), através do Programa de Capacitação Docente – PROCAD, iniciei os estudos que me moldariam como educador. Na busca por construir uma educação inclusiva e progressista, mergulhei nas obras de teóricos que alimentaram minha alma e, em 1999, concluí essa caminhada.

Em 1997, dei os primeiros passos na Rede Municipal de Educação, como externo comissionado, por meio de um seletivo para gestores escolares, assumindo a função de Gestor Adjunto nas Unidades de Educação Básica “Ministro Mário Andreazza”, “Alberto Pinheiro” e “Monsenhor Frederico Chaves”. Mas foi em 2003, na última dessas unidades, que tomei a responsabilidade da direção geral. Em 2002, fui incorporado definitivamente

ao quadro do magistério público municipal de São Luís, conquistando um lugar através de concurso público.

O ano de 2008 foi marcante, pois tomei posse como Supervisor Escolar na Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), na Superintendência de Modalidades e Diversidades Educacionais (SUPEMDE). Nesse espaço, o trabalho na Supervisão de Educação Escolar Indígena (SUPEIND) abriu portas para uma atuação mais incisiva na Coordenação de Promoção da Igualdade e Diversidades Educacionais (COPIDE). Ali, me envolvi profundamente nas discussões sobre questões étnico-raciais, gênero e orientação sexual, temáticas que passaram a ser minha bandeira.

A atuação na SEDUC ampliou minha visão, e foi nesse contexto que me encontrei, mais do que nunca, imerso nos estudos sobre a diversidade sexual e as práticas educativas voltadas para a homossexualidade. Essa inquietação me conduziu ao mestrado, aprovado em 2014, onde pesquisei a (in)visibilidade da diversidade sexual nos Planos de Ensino de Ciências Humanas e suas Tecnologias no Ensino Médio Maranhense, culminando na conclusão de meu trabalho em 2016.

Com o desejo de aprofundar minha busca, ingressei no doutorado, onde encontrei o caminho que me levaria a um projeto que ainda ecoa dentro de mim. Este projeto se voltou à análise da trajetória de vida das professoras afrodescendentes no Maranhão, na tentativa de dar voz e luz a essas mulheres que, muitas vezes, foram apagadas da história. Inspirado pela reflexão de Albuquerque (2012), que propôs a inclusão das mulheres professoras na historiografia da educação, passei a reconhecer sua importância nos estudos feministas do século XX.

Assim, minha pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) se delineou. Ela busca lançar luz sobre Marianna Gonçalves da Luz, professora e literata negra, natural de Itapecuru-Mirim, que se fez presente na educação do Maranhão na primeira metade do século XX. Seu nome, até então silenciado pela história, será finalmente reconhecido e celebrado. Esta não é apenas uma investigação acadêmica, mas um tributo a essa mulher que, com coragem e determinação, deixou um legado de resistência e inclusão no campo educacional.

A pesquisa que desenvolvo no doutorado, imerso nos debates promovidos pelos grupos de estudo e pesquisa sobre educação, mulheres e relações de gênero, como o GEMGe e o GESEPE, busca dar continuidade à construção de uma memória que ainda precisa ser tecida, mas que já é urgente. Um trabalho que se desvela não só para enriquecer

a história acadêmica, mas para trazer à tona as invisibilidades que, com o tempo, não podem mais ser silenciadas.

Dessa forma, na trama entrelaçada da minha vida e o objeto desta pesquisa, uma conexão profunda floresce. A memória de Marianna Gonçalves da Luz, como um rio oculto nas margens do tempo, surge diante de meus olhos, convidando-me a desbravar as águas turvas da história e trazer à tona o que a correnteza do esquecimento tentou apagar. A pesquisa não é apenas um trabalho acadêmico, mas um gesto de resgate, um retorno às raízes, onde o passado e o presente se fundem, gerando novas formas de entendimento.

Como pesquisador, ao longo da minha própria trajetória educacional e pessoal, busquei a inclusão, a diversidade e o reconhecimento das vozes silenciadas, assim, vi em Marianna Gonçalves da Luz a personificação dessa luta. Ela, uma mulher negra, educadora e literata, que nascida nas terras de Itapecuru-Mirim, construiu pontes invisíveis entre os saberes e a formação do povo maranhense, agora, através do meu olhar atento e respeitoso, ganha a visibilidade que lhe foi negada por tanto tempo.

A pesquisa é, portanto, um ato de celebração e resistência, uma reverência à mulher que, como tantas outras, permaneceu à margem dos relatos oficiais, mas cuja presença na educação maranhense é indiscutível. Ao investigar a trajetória de Marianna, torno-me um elo entre o ontem e o hoje, e sua busca não é apenas acadêmica, mas também pessoal, como se minha própria história se entrelaçasse com a dela. E assim, na força deste trabalho, Marianna Gonçalves da Luz não é mais uma sombra do passado, mas uma figura resplandecente que ilumina o caminho para futuras gerações de educadores e educadoras.

Os estudos e discussões nos referidos grupos inquietou-nos aflorando o desejo de realizar um estudo para desvelar e compreender a importância das contribuições de nossa conterrânea Marianna Gonçalves da Luz no cenário educacional de Itapecuru-Mirim. Incentivou-nos também a leitura da obra intitulada *Marianna Gonçalves da Luz: vida e obra e coisas de Itapecuru-Mirim* de autoria de Jucey Santana (2014), com ênfase à história da arte literária, cujo objetivo foi “oferecer uma contribuição para o estudo de Marianna Gonçalves da Luz e da literatura maranhense” (Santana, 2014, p. 15-16).

É importante destacar que já existem outros estudos publicados sobre Marianna Gonçalves da Luz. Jucey Santana (2014) apresenta a obra “Marianna Gonçalves da Luz: Vida e obra e coisas de Itapecuru-Mirim; Oliveira e Quevedo (2028) publicaram o artigo “A poética de Marianna Gonçalves da Luz” na Revista Interdisciplinar em Cultura e

Sociedade. Tolomei (2019) publicou um artigo na revista *Graphos*, intitulado “Entre quadros e ruínas - Marianna Gonçalves da Luz: uma voz poética esquecida”. Marinho (2019) seu trabalho monográfico, intitulado “Marianna Gonçalves da Luz: Jornalismo literário na Imprensa no início do século XX, apresentado ao curso de Letras no Campus de Bacabal- MA. Por fim, Gabriela Santa (2021) lançou a obra “Marianna Gonçalves da Luz: murmúrios e outros poemas”.

No estudo que ora propomos, será aprofundada a trajetória intelectual e profissional de Mariana Gonçalves da Luz, destacando-se seus saberes, pedagógicos e literários naquele município nos anos de 1883 a 1950. A demarcação deste período deve-se ao início de suas atividades como professora, quando tinha apenas 13 anos, pois nesse período a mesma ministrava aula na casa dos seus pais e depois em instituições escolares locais. Optamos, nesta tese pelo uso do nome Marianna Gonçalves da Luz, contemplando o Gonçalves sobrenome de sua mãe, visto que Marianna é muito mais conhecida como Marianna Luz.

Diante de uma historiografia patriarcal e eurocêntrica na qual as mulheres, principalmente as mulheres negra, tiveram suas ações e perspectivas limitadas por diversos instrumentos sociais, políticos e discursivamente produzidos, tornou-se um desafio mais instigante, pesquisar a inserção de Marianna Gonçalves da Luz, tanto no campo educacional e literário quanto no político, com a perspectiva de registrar importantes trajetórias de mulheres negras na história da educação maranhense, (Saffioti, 2004; Xavier, Farias, Gomes, 2012). Com isso, podemos presumir a relevância dessa pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, em seu Curso de Doutorado em Educação, ofertado na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, ao contribuirmos para os registros historiográficos da educação maranhense.

Compreendemos que as relações sociais se fundamentam inicialmente na relação hierárquica entre os sexos, estabelecendo relações de poder, que por serem construções sociais nascem por tensões e antagonismos. Nesse sentido, as diferenças sociais aparecem fundamentadas em diferenças biológicas, quando na verdade elas criam percepções que levam os sujeitos a uma lógica positiva para as tarefas e comportamentos masculinos, e outra negativa para comportamentos femininos. Como adverte Louro (2008, p.21), “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas tudo que socialmente construiu sobre sexo”.

Bourdieu (2009), na obra *Dominação Masculina*, buscou compreender os mecanismos de eternização e naturalização – por meio da violência simbólica – dos padrões de hierarquização entre os sexos. Considerando a dominação masculina uma construção social e histórica que se naturaliza, demonstra como esse processo é imposto e vivenciado, tornando-se, *grosso modo*, invisível e insensível às próprias vítimas, ou seja, as mulheres que incorporam essa dominação como se fosse algo imutável, a-histórico, um artifício cultural que se torna natural. Com efeito, os próprios dominantes também sofrem os efeitos da dominação e ficam presos aos ditames das estruturas históricas da ordem masculina.

Tendo como referência a teoria materialista da economia dos bens simbólicos, Bourdieu (2009) afirma que as estruturas de dominação masculina são históricas, constituídas por meio da reprodução levada a cabo por instituições como a família, a igreja, a escola e o estado. Essas instituições, ao reproduzirem mecanismos de dominação androcêntrica, fazem com que as mulheres atribuam a si mesmas categorias de dominação o que leva a auto-depreciação e auto-estima negativa. Sendo assim, a ruptura com essa condição se realiza, também – diz Bourdieu (2009) – por meio da transformação das condições sociais de produção dessa adesão aos pensamentos dos dominantes.

O trabalho de eternização da condição feminina deve ser visto como um trabalho histórico de dominação e subordinação da mulher. Dessa forma, “[...] é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historização, ou, se assim preferirem, a história da (re) criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina [...]”. (Bourdieu, 2009, p. 100). É preciso, portanto, delinear os diferentes papéis historicamente preponderantes das instituições responsáveis pela reprodução da dominação masculina, dentre as quais se destacam as citadas no parágrafo anterior.

O movimento feminista, nessa direção, operou uma das maiores mudanças no que se refere à dominação masculina, a qual não figura mais como indiscutível. Este movimento buscou desmontar o tradicional argumento patriarcal, que fora criado ao longo da história, sustentando que a dominação dos homens sobre as mulheres obedece a uma ordem natural e atemporal, responsável pela hierarquia.

Junto aos discursos e ações do movimento feminista, o acesso das mulheres à escola, ao mundo do trabalho não só privado e as transformações na família abalaram a dominação androcêntrica. Não resta dúvida, para Bourdieu (2009) que o acesso ao ensino secundário e superior – mesmo que apenas de uma parcela mais favorecida das mulheres

– foi fator primordial para as mudanças no processo de naturalização da dominação masculina.

É nesse sentido que conseqüentemente, ao longo do tempo, elas são por si mesmas, indicadores de sua presença e sinal de tomada da palavra que se amplia e faz menor o silêncio, às vezes tão intenso que chegamos a nos perguntar: Uma história das mulheres seria possível? O que implica em outro uso de fontes que devemos buscar e ler trajetórias diferentemente, suscitando outros olhares para os períodos recentes, como a história chamada de oral como faz (Perrot, 2005, p.13-14). Por essa razão, nos propomos tecer algumas reflexões sobre a trajetória da mulher negra, destacando-a no campo da educação e da literatura.

Uma das dificuldades da história das mulheres deve-se inicialmente a omissão de seus feitos, tanto públicos quanto privados, conforme aponta Perrot (2005, p.31)

As fontes privadas reforçam, conseqüentemente, a desigualdade pela assimetria daquilo que iluminam. Elas têm um outro inconveniente: o de sublinhar um pouco mais os laços das mulheres com a esfera privada, pois emanam desta esfera. Elas inscrevem o tempo das mulheres na repetição do mesmo e relativa inércia do cotidiano, acentuam a própria feminilidade, que Colette descreve de forma muito feliz. Entre fugacidade dos traços e o oceano do esquecimento, os caminhos da memória das mulheres são estreitos.

Deste modo, a trajetória de uma professora negra e poeta implica desconsiderar as noções de uma essência de um ser feminino negro e por isso entendemos que alguns comportamentos são essenciais ao universo masculino ou feminino como construções históricas, culturais, sociais e geográficas; realizadas por meio de práticas culturais.

É importante salientar que as identidades femininas das professoras negras são construídas, interpretadas e internalizadas de acordo com as características na qual estão inseridas, das dimensões de experiências de sua vida, com o contexto e de suas vivências subjetivas como mulheres que pertencem a uma raça, a uma etnia, a uma geração e a uma classe social determinada.

Cruz (2005, p. 23) afirma que a carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil demonstra que não existem povos sem história, mas sim povos cujas fontes históricas foram destruídas nos processos de dominação. Logo, é necessário entender, como se deu no Brasil a experiência das mulheres negras nos diversos campos da sociedade tais como: economia, cultura e educação. Além disso, é imprescindível discutir como operou e opera a educação das

relações étnicorraciais no Brasil, que em muito determina o fracasso ou o sucesso de muitas mulheres negras em nosso país.

A educação brasileira não pode ser entendida plenamente sem levar em conta as relações entre os diversos grupos étnicorraciais e as relações de gênero que nela operam. É preciso considerar o caráter da formação do Brasil, pautado no racismo e no patriarcalismo, que teve entre suas consequências o surgimento de teorias e práticas racistas e machistas que perduram até nossos dias. Vítimas das armadilhas ideológicas, as mulheres negras eram (e são) vistas como incapazes frente ao sucesso profissional e educacional do (a) branco (a). Como ressalta Bonfim (2009, p.226):

Essa degradação coincide com o auge, na modernidade, de uma forte fixação da visão raciológica, segundo a qual todos os povos de pele negra configurariam uma humanidade inferior. É por essa lógica, cuja cientificização acontece no século XIX, que a mulher africana é percebida como duplamente inferior: como negra e como mulher.

É na especificidade das relações étnico-raciais, portanto, que devemos discutir sob quais mecanismos e alicerces as instituições educacionais reproduziram e reproduzem os valores e padrões de uma elite masculina e branca dominante, em detrimento de outras visões de mundo e culturas. A escola, na sociedade com estas características assumiu um caráter homogeneizador, prevalecendo o racismo e o machismo, excluindo, a referência feminina na formação da educação brasileira. Nesse sentido, para compreender a educação brasileira e sua história urge desenvolver análises que percebam os processos pelos quais a escola, o currículo, as práticas pedagógicas, entre outros fatores inerentes ao processo educativo corroboraram ou impediram a inserção e o desempenho profissional da população negra e, em particular, das mulheres negras (Coelho, 2015).

Em relação à condição da mulher negra, soma-se o pertencimento racial sendo, portanto, racismo e sexismo categorias fundantes na estruturação das desigualdades e fundamentais no entendimento desse processo de construção da subalternidade que tem na cor, no sexo e na condição social elementos nevrálgicos, pois “compreender a realidade das mulheres negras significa dar atenção às assimetrias raciais, que as colocam em situação de maior vulnerabilidade em todos os âmbitos sociais”.(Carneiro, 2016, p.124)

Para Carneiro (2016), é preciso ressaltar que a educação brasileira, desde o período colonial, é marcada pela inclusão de mulheres livres, mas, sobretudo pela exclusão (e subalternidade) das mulheres negras. A educação colonial portuguesa

edificou uma concepção universalista de mulher e demarcou rigidamente o seu lugar social, bem como o sistema escravocrata somando-se a essa educação, a ideia da mulher negra inferior e desumana.

“A trajetória das mulheres negras na educação brasileira está marcada por impedimentos e restrições à sua participação” (Carneiro, 2016, p.127). A legislação brasileira está cheia de exemplos para atestar essa informação. A primeira Constituição do Brasil de 1824 garantia a instrução primária gratuita a todos os cidadãos. Porém, essa mesma constituição restringia a cidadania apenas a homens e mulheres livres, negando, portanto, trabalhadores escravizados, o acesso ao saber institucionalizado. A Lei de 15 de outubro de 1827 – primeira legislação que consentiu limitadamente a presença de mulheres nas escolas – deixou de fora as negras, impedindo-as de frequentar a escola. Nesse sentido:

Podemos compreender que as concepções de mulher e de negro(a) introduzidas durante o período do Brasil colonial e mantidas nos demais períodos históricos, permaneceram e condicionaram a educação brasileira que produziu práticas e teorias racistas e sexistas, configurando um processo ideológico que visou sedimentar a manutenção da dominação e exploração de mulheres e negros, além das hierarquias sociais, que atualmente estão expressas nas piores posições socioeconômicas e políticas da população negra, em particular da mulher negra (Carneiro, 2016, p.129).

Diante do exposto, evidenciamos que, apesar das aparentes oportunidades de acesso e permanência no direito à educação garantidas a todos, o que se constata são discriminações de classe, raça e gênero que reproduzem visões de mundo dominantes e instituem a exclusão escolar para determinados grupos, especialmente as mulheres negras. Essas instituições, com suas organizações administrativas e curriculares, bem como as relações docentes, submetem as mulheres negras a vários processos de discriminação. Como registra Bonfim (2009, p. 244).

Existem importantes pontos de tensão na constituição da identidade da mulher negra brasileira. Essa tensão se relaciona com o lugar subalternizado pela raça e pelo sexo, em conflito com a condição ancestral proeminente na família, na economia, na sociedade e na civilização.

Não é por acaso que as mulheres negras empreenderam diversos processos de luta por educação e melhoria da condição de vida da sua população. Essas mulheres sempre estiveram presentes em diversas lutas e organizações negras buscando reivindicar saúde, trabalho e educação para si e para os seus.

Não é possível entender a luta da população negra por melhores condições de vida, sem entender o grande papel desempenhado pelas mulheres nessa luta. Desde a formação dos quilombos, no período colonial, a criação dos terreiros religiosos de matriz africana, as irmandades católicas, uma série de clubes, organizações assistenciais e recreativas as mulheres negras sempre estiveram à frente. Como destaca Theodoro (2008, p.86, grifo nosso):

A mulher negra foi, nos primeiros tempos de “liberdade”, a viga mestra da família e da comunidade negras. Nesse período inicial de liberdade, as mulheres foram forçadas a arcar com o sustento moral e a subsistência de todos os outros. **[..]duplicou, centuplicou seu trabalho físico e teve de encontrar energias**, consciente e inconscientemente, para enfrentar todo um complexo de situações novas. [...]contribuiu, com a humanidade de seus serviços, para a **emancipação das mulheres brancas**.

Theodoro (2008) destaca a centralidade da mulher negra no sustento das famílias e comunidades negras nos primeiros tempos pós-abolição, sublinhando seu papel como pilar moral e econômico. Os termos grifados, ou seja, "[..]duplicou, centuplicou seu trabalho físico e teve de encontrar energias..." reforçam a força e resiliência dessas mulheres em um período de liberdade apenas formal. Quando menciona a "emancipação das mulheres brancas" aponta as relações interseccionais de raça e gênero, evidenciando como a exploração das mulheres negras foi um fator que sustentou privilégios de outros grupos.

Dessa forma, para Domingues (2009), a história do movimento negro não pode ser entendida sem a participação das mulheres negras. A primeira fase – do século XIX às primeiras décadas do século XX – com a Abolição e o advento da República uma parte da população negra se organizou por meio de vários tipos de associações (clubes, grêmios literários, sociedades recreativas, entre outros) que mais tarde foram considerados como movimento negro. Em parte dessas associações, as mulheres negras tiveram alguns papéis de destaque.

Em diversas organizações negras como a Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do negro, entre outras, as mulheres negras tiveram algum destaque na composição das diretorias como foi o caso de Maria Bianca Papay, que foi a primeira diretora da união dos Homens de Cor (UHC) em 1943 na Capital Federal. Sofia de Campos Teixeira colaborou na criação a Associação de Empregadas Domésticas e na defesa da sindicalização da categoria, no estado de São Paulo em 1946 (Barone, 2018).

Maria de Lourdes Vale Nascimento, desenvolveu várias atividades no Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado, em 1944 no Rio de Janeiro, por ela e por seu

esposo Abdias do Nascimento. A regulamentação do trabalho doméstico, por exemplo, foi uma luta incorporada desde cedo por essas mulheres, que na coluna do Jornal Quilombo, intitulada *Fala Mulher*, exigiam direitos trabalhistas e sociais para empregadas domésticas e lavadeiras. Também nesta mesma coluna, Maria de Lourdes Vale Nascimento pedia para que a população negra, em especial as mulheres negras, se envolvesse com a política partidária com o objetivo de fazerem parlamentares e dirigentes negros (as), como destaca Domingues (2009). As mulheres ligadas ao Teatro Experimental do Negro - TEN criaram o Conselho Nacional das Mulheres Negras com uma série de propostas para a profissionalização e inserção da mulher negra no mercado de trabalho.

Com isso, surgiram várias organizações especificamente de mulheres negras como o Aqualtune (RJ), Luiza Mahin (RJ), Colelivo de Mulheres Negras (SP), Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa (MA), Geledés – Instituto da Mulher Negra (SP), e tantas outras organizações pelo Brasil. Também se destacaram líderes importantes na história do movimento negro, tais quais: Lélia Gonzalez e Beatriz do Nascimento. Gonzalez (2008, p. 38) destaca que as mulheres negras, mesmo antes da existência de organizações do movimento de mulheres, reuniam-se para discutir seu cotidiano, marcado pela discriminação racial e pelo machismo. Todavia a contribuição de Marianna Gonçalves da Luz, foi maior no combate ao machismo.

Este esforço propiciou a estrutura a seguir, com vistas ao sucitado pelo que foi problematizado. Esta primeira parte introdutória, além de apresentar o tema, problematizando-o em rápidas pinceladas, explicita a trajetória da pesquisa contemplando questões norteadoras.

A seguir, discorreremos sobre o itinerário teórico-metodológico no sentido de alçar a realização da pesquisa, nossa segunda seção.

A terceira seção, intitulada O Silêncio das Cigarras, objetiva dar visibilidade à trajetória de mulheres literatas em espaços predominantemente masculinos. A quarta seção trata da trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, seja como professora, poetisa e sua inserção no campo político, evidenciando seus múltiplos caminhos.

A seção Ecos contemporâneos: referências a Marianna Gonçalves da Luz trata do modo como nomes de destaque das áreas da literatura e da política referiram-se à Mariana Gonçalves da Luz em determinados momentos, ressaltando a sua contribuição para a literatura maranhense especificamente.

Como encerramento desta tese as Considerações Finais trazem as nossas conclusões sobre a contribuição de Marianna Gonçalves da Luz para a história da educação maranhense, considerando sua atuação como professora e literata negra, oriunda do município de Itapecuru-Mirim, na primeira metade do século XX.

Desse modo, esperamos com esse trabalho contribuir com o combate à injustiças como a invisibilidade de pessoas comuns que deram muito de si para o desenvolvimento individual e coletivo de determinadas localidades e do estado, a exemplo de Mariana Gonçalves da Luz em Itapecuru-Mirim. Nossa intenção é que o seu nome seja somado ao de outras mulheres maranhenses reconhecidas por suas ações no cenário educacional e literário do estado do Maranhão. Desejamos assim colaborar ainda com mais uma pesquisa relevante para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão/PPGE/UFMA e com a História da Educação Maranhense.

A seção seguinte discorre sobre o nosso itinerário teórico-metodológico, considerando a construção do objeto de pesquisa, centrado na trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, uma professora negra do município de Itapecuru-Mirim (1871-1960), que exige uma abordagem teórico-metodológica que contemple a complexidade de sua atuação educacional e literária.

## 2 ITINERÁRIO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, uma professora negra do município de Itapecuru-Mirim, entre 1871 e 1960, insere-se em um contexto histórico marcado por profundas desigualdades sociais, raciais e de gênero. A posição de Marianna nesse cenário é emblemática, pois ela não apenas enfrentou as barreiras impostas por uma sociedade patriarcal e racista, mas também se destacou como uma educadora e literata.

Marianna Gonçalves da Luz viveu em um período em que as mulheres, especialmente as negras, eram sistematicamente excluídas dos espaços de poder e conhecimento. A educação, um campo dominado por homens brancos, raramente reconhecia as contribuições das mulheres negras. No entanto, Marianna desafiou essas estruturas opressivas, iniciando sua carreira docente aos 13 anos e se envolvendo ativamente em questões políticas e educacionais, como a defesa dos direitos dos professores.

Nesse sentido, temos como objeto de pesquisa a trajetória de uma professora negra do município de Itapecuru -Mirim (1871-1960) – Marianna Gonçalves da Luz. A escolha desse objeto é justificada pela necessidade de resgatar e visibilizar as histórias de mulheres negras que foram apagadas pela historiografia tradicional.<sup>2</sup> Como autor desta pesquisa, sendo um homem negro, de origem humilde, minha própria trajetória de vida me sensibiliza para as múltiplas formas de opressão e exclusão que Marianna enfrentou. Minha experiência pessoal me permite uma compreensão mais profunda das interseções de raça, classe, gênero e sexualidade, e reforça a importância de dar voz às histórias marginalizadas.

Ao investigar a trajetória de Marianna, busco não apenas reparar uma injustiça histórica, mas também inspirar novas gerações a reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres negras na educação e na cultura. Este estudo pretende contribuir para uma historiografia mais inclusiva e crítica, que reconheça a diversidade de experiências e perspectivas que compõem a história da educação brasileira. A trajetória de Marianna Gonçalves da Luz é um testemunho de resistência e resiliência, e sua história merece ser contada e celebrada.

---

<sup>2</sup> Aqui usarei o verbo na primeira pessoa do singular.

Conseqüentemente, definido o objeto de pesquisa, emerge o problema que orienta esta investigação: qual a contribuição de Marianna Gonçalves da Luz para a história da educação maranhense, considerando sua atuação como professora e literata negra, oriunda do município de Itapecuru-Mirim, na primeira metade do século XX?<sup>3</sup> Para responder a essa questão, estruturamos este itinerário teórico-metodológico com base nos aportes historiográficos vigentes. Paralelamente, utilizamos abordagens interseccionais para compreender como classe, raça e gênero influenciaram a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, suas práticas educativas, articulando fontes documentais, biográficas e bibliográficas que permitiram revelar as múltiplas dimensões de sua contribuição para a educação e a cultura do Maranhão.

A partir de então as questões se impõem a fim de nortear nosso caminho de pesquisa, quais sejam: Quais os mecanismos podem ter contribuído para a invisibilidade da trajetória educacional e profissional de professoras negras na sociedade maranhense? Como os contextos social e familiar podem ter impactado a formação de Marianna Gonçalves da Luz, como mulher negra, professora e literata de Itapecuru-Mirim, no período de 1871 a 1960? Quais possíveis indícios de seus saberes docentes e práticas pedagógicas e as contribuições da trajetória educacional e profissional de Marianna Gonçalves da Luz para a História da Educação maranhense podem ser evidenciados? Qual a contribuição literária dessa professora no espaço cultural maranhense?

Sobre a nossa hipótese de pesquisa, defendemos a professora negra Marianna Gonçalves da Luz como uma mulher audaciosa, uma das precursoras da luta e resistência das mulheres negras no Brasil e conseqüentemente no Maranhão com relevante contribuição educacional, literária e social não apenas para o município de Itapecuru-Mirim, mas para a história da educação e da literatura do Maranhão, constituindo o que poderíamos chamar de uma práxis pedagógicas e literárias inovadoras. Fato comprovado, quando nos anos 1920 e 1930, envolveu-se em questões políticas defendendo os (as) professores (as), questionando os baixos salários e atrasos nos pagamentos que chegava até dois anos.

A partir do exposto, elegemos como tese: A trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, como professora e literata negra em Itapecuru-Mirim, na primeira metade do século XX, revela uma contribuição significativa para a história da educação maranhense,

---

<sup>3</sup> Voltamos a usar o verbo na primeira pessoa do plural.

ao promover a inclusão social e a valorização da identidade afrodescendente através de práticas pedagógicas peculiares e uma produção literária engajada, que desafiaram as desigualdades sociais e raciais de sua época.

Sua atuação revela o que podemos denominar de uma prática pedagógica e literária engajada, marcada por seu envolvimento em questões políticas, reafirmando seu papel como protagonista em um contexto de desigualdades sociais e educacionais. Por sua atuação incomum naquele contexto histórico, em represália, Mariana Gonçalves da Luz passou a ser alvo de perseguições. No entender de Motta (2003, p.108) “a audácia sempre fez parte do universo feminino”. Nesse sentido a autora supramencionada faz a seguinte assertiva: “Nenhuma mulher nasce audaciosa, ela se torna”. É o caso de Marianna, pois mesmo ao ter seus direitos cerceados, publicamente sai em defesa de melhoria da carreira das professoras e professores, em uma época cujas as vozes das mulheres tinham que ser firmes, mas altas para serem ouvidas.

Nesse sentido, trazemos como objetivo geral desta pesquisa: analisar a trajetória educacional, intelectual e profissional de Marianna Gonçalves da Luz, com ênfase em seus saberes docentes, produções literárias e suas contribuições para a sociedade itapecuruense e para a História da Educação Maranhense, no período de sua vivência, se caracterizando com fundamentos do campo social, histórico e feminista. E como objetivos específicos:

- a) Identificar mecanismos que podem ter contribuído para a invisibilidade da trajetória educacional e profissional de professoras negras na sociedade maranhense.
- b) Analisar como os contextos biográfico, histórico, geográfico, social e político concorreram para a formação de Marianna Gonçalves da Luz como mulher negra, professora e literata de Itapecuru-Mirim, no período de 1871 a 1960.
- c) Evidenciar indícios dos saberes docentes, práticas pedagógicas e as contribuições da trajetória educacional e profissional de Marianna Gonçalves da Luz para a História da Educação maranhense.
- d) Examinar a contribuição literária de Marianna Gonçalves da Luz no contexto cultural maranhense.

Como assinala Paul Veyne (1993), a História não é um inventário explicativo dos homens ou das sociedades, mas daquilo que há de social no ser humano. Especialmente na década de 1970, conforme Michel de Certeau (2002), ela tem proporcionado questionamentos sobre a forma de fazer história. A discussão

comprometida com outras humanidades, como Filosofia (especialmente com Michel Foucault), Sociologia com Marx (1818-1883), com Teoria da Literatura, Prats (2006)), com Psicanálise, Lacan (1996) e com a Geografia, Darby (2020) levantaram questões fundamentais sobre a natureza científica e o *status* da narrativa histórica.

Nesse sentido, a expansão dos temas de investigação propostos pelos estudos históricos foi acompanhada por renovações dos marcos teóricos e metodológicos; enfoques e modos de análise inovadores que, além de questionar os paradigmas históricos tradicionais, vêm colocando novas questões, descobrindo novos vestígios, pistas, enfim, contribuindo para (re) definir e ampliar noções tradicionais do significado histórico.

Desse modo, o foco dos estudos historiográficos, agora é sobre os indivíduos, tendo como método a multiplicidade de histórias o que torna possível a construção de objetos complexos. É importante destacar que é nesse contexto que surge a História das mulheres como tentativa de incorporar os estudos de gênero à disciplina histórica. Com a preocupação de tornar as mulheres visíveis na chamada História Geral, por esta tomar o homem branco e ocidental como medida de humanidade e não reconhecer que as mulheres têm trajetórias distintas (Pinsky, 2009).

A história das mulheres, segundo Pinsky (2009) adquiriu expressão a partir da década de 1970, inspirada por questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia. Essa produção historiográfica é bastante diversificada em termos de assunto, métodos e qualidade intelectual. Contudo, para alguns críticos<sup>4</sup> inserir a mulher não foi suficiente por afetar profundamente a historiografia tradicional, com seus recortes temáticos, periodizações, fontes e fatos históricos já bem delimitados. Não basta acrescentar as mulheres aos livros de história, é preciso repensar o próprio saber histórico e privilegiar abordagens analíticas.

Nas pesquisas acerca do legado de mulheres, encontramos muitas contribuições de professoras negras, dentre estas, destacamos Marianna Gonçalves da Luz, que na adolescência, iniciou sua carreira de professora, ministrando aula na casa dos pais, depois em instituições escolares locais. Nesse sentido, levando-se em consideração a contextualização histórica, econômica, cultural, racial, condições de trabalho, foi

---

<sup>4</sup> Como principal crítica destacamos Joan Scott (1991), que teve um papel crucial para a historiografia, com a publicação do artigo *Gênero: categoria útil de análise histórica*, fazendo com que trabalhos preocupados com as diferenças sexuais passassem de descritivos à explicativos e elaborações de teorias.

realizado um levantamento do perfil biográfico, bem como sua inserção e participação no movimento em defesa das mulheres

Informamos que ao pesquisar sobre sua trajetória, uma grande dificuldade foi encontrar fontes com registros dessa mulher, localizando, assim, apenas fragmentos circunscritos a nível regional.

Diante dessas questões, para melhor entendimento sobre trajetórias e práticas pedagógicas de professoras negras, para a categoria trajetórias, nos apoiamos nos estudos de Bourdieu (1996, p. 292), segundo o qual: “As trajetórias definem-se como uma série das posições sucessivamente ocupadas[...] [por elas] em espaços sucessivos. Pois toda trajetória só pode ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social”. Fato que não contempla a mulher na historiografia. Dai Perrot (2005, p.11) ao referir-se sobre invisibilidade da mulher menciona que:

Porque elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos caso quem faça o relato seja um homem que acomoda com uma costumeira ausência, serve de estereótipos globalizantes ou suposta unicidade de gêneros.

Essa invisibilidade decorre do silêncio que está associado ao mundo, das famílias e dos corpos, sendo também regra política e social visto ser destinado às mulheres o espaço privado. Igualmente, concordamos com Motta (2003) que para compreender uma vida, uma carreira, não podemos tomá-la em si, como uma série única, em que o único elo seja o sujeito cuja constância, vá além de um nome social conhecido. Acreditamos que desvelar a trajetória de uma professora negra passa por desvelar os processos de dominação masculina que se materializam na unidade doméstica, na divisão sexual do trabalho, nas relações entre os familiares, nas constituições das identidades sociais que passa pela análise das relações de produção e reprodução levada a cabo por instituições como a família, a escola, a igreja e o estado em suas práticas e discursos de perpetuação, universalização e naturalização da visão androcêntrica de mundo e de ser humano.

Para tanto procuraremos identificar os elementos históricos e sociais que invisibilizaram o conhecimento da contribuição de Marianna Gonçalves da Luz à história educacional maranhense do município itapecuruense e cuja incursão de seu legado se estende do período de 1871 a 1960. A práxis pedagógica que buscaremos em Marianna Gonçalves da Luz configura-se, ao nosso entender, que a práxis pedagógica precisa contemplar ações coletivas e institucionais organizadas num dado contexto cultural, com

objetivos definidos a serem alcançados. Diante dessas considerações sobre a práxis pedagógica, Souza (2012, p.24) afirma que:

A práxis pedagógica, portanto, é interrelação de práticas de sujeitos que desejam ser educados (sujeitos em formação) respondendo aos requerimentos de uma determinada sociedade em um momento determinado de sua história, produzindo conhecimentos que ajudem a compreender e atuar nessa mesma sociedade e na realização humana dos seus sujeitos.

Portanto, para sustentar nossos estudos nos apoiaremos nos aportes teóricos de: Bourdieu (1996; 2010); Certeau (2003); Motta (2003); Perrot (2005); Nunes (2006); Louro (2008); Meihy; Holanda (2011), Souza (2012); Santana (2014); Reis (2017).

Louro (2008), por exemplo, ao discorrer sobre Gênero e docência, faz referência às diferentes instituições e práticas sociais, como constituídas de gênero, em que essas instituições além de urdir os sujeitos, elas também são produzidas por representações de gênero. Diante das questões arroladas anteriormente, sentimo-nos impulsionados a percorrer a trajetória da mulher professora afrodescendente para dar visibilidade de sua atuação, pois a dificuldade da história das mulheres, deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto público, quanto privado.

Propomos uma abordagem metodológica ancorada na história da educação, com foco na história dos sujeitos da educação e da literatura, especificamente Marianna Gonçalves da Luz, mulher afrodescendente, professora e poeta. Acreditamos que esse estudo possibilita uma compreensão ampliada do objeto de pesquisa, inserindo-o no contexto social, político, educacional e literário de sua época. As categorias relevantes ao estudo incluem: trajetória, invisibilidade, mulher negra, poetisa e professora.

Concordamos com Franco (2008, p. 10) ao afirmar que "são perfeitamente possíveis e necessários o conhecimento e a utilização da análise de conteúdo, enquanto procedimento de pesquisa, no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento". Nesse contexto, utilizaremos a análise de conteúdo em Bardin (1977) como principal procedimento para inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, empregando indicadores qualitativos e quantitativos.

A análise será estruturada em duas unidades de registro: Palavra e Item. A unidade Palavra será usada para detectar a frequência e os significados das categorias selecionadas nos textos relacionados a Marianna Gonçalves da Luz, com destaque para

sua ação educacional e intelectual. Por sua vez, a unidade Item será empregada para compreender intencionalidades expressas por meio de suas vivências, analisando como atributos específicos remetem a uma multiplicidade de assuntos implícitos.

Os dados serão obtidos por meio de análise documental. A análise documental incluirá publicações e materiais iconográficos de acervos públicos e privados, como bibliotecas, a Academia Maranhense de Letras e documentos pessoais de Marianna Gonçalves da Luz, abrangendo poesias, fotografias, peças teatrais, discursos e crônicas (nossas fontes). Também consideraremos a legislação estadual e nacional do período estudado.

Na organização dos resultados, seguiremos as diretrizes de Lükde e André (2017), que destacam a análise documental como uma técnica valiosa para abordar dados qualitativos. A partir dos registros coletados, pretendemos mapear a trajetória profissional e intelectual de Marianna Gonçalves da Luz, buscando também dar visibilidade a outros sujeitos afrodescendentes silenciados pela história educacional. Dessa forma, ao compreender a inserção de Marianna Gonçalves da Luz no cenário educacional e cultural de Itapecuru-Mirim e do Maranhão, esperamos contribuir para a construção de uma memória mais inclusiva e crítica da história da educação brasileira.

A próxima seção: O Silêncio das Cigarras: invisibilidade da trajetória em espaços masculinos aborda, tomando como exemplo Marianna Gonçalves da Luz, a invisibilidade das mulheres, especialmente das negras, no campo literário e educacional maranhense. A análise inclui a participação de outras mulheres na Academia Maranhense de Letras, ressaltando suas contribuições e a necessidade de visibilizar suas histórias.

### **3 O SILÊNCIO DAS CIGARRAS:** invisibilidade da trajetória feminina em espaços masculinos

Esta seção objetiva identificar mecanismos que podem ter contribuído para a invisibilidade da trajetória educacional e profissional de professoras negras e intelectuais na sociedade maranhense. A opção do título acima, se deu por conta de uma das imortais ser chamada de cigarra: Marianna Gonçalves da Luz. Uma mulher que cantava, dançava e tocava vários instrumentos. Era conhecida também como poetisa dos versos tristes, poetisa das flores. A obra de Marianna Gonçalves da Luz ficou muito tempo na obscuridade, esquecida por falta de condições financeiras da autora para sua publicação. Daí, sustentamos a ideia da inviabilidade da trajetória dessas imortais nos espaços predominantemente masculinos.

A concepção de invisibilidade, no contexto de estudos e teoria social, envolve a ideia de ser percebido ou reconhecido apenas em termos limitados ou ausentes, muitas vezes associada a grupos marginalizados ou negligenciados pela sociedade. A invisibilidade pode se manifestar de diversas formas: invisibilidade social, política, cultural e até mesmo visibilidade negativa. Este conceito está frequentemente ligado a dinâmicas de poder, as quais aqueles que não se conformam com normas dominantes podem ser silenciados ou ignorados, o que reforça desigualdades.

Ao referir-se sobre invisibilidade, Foucault fala sobre invisibilidade no contexto de poder e controle social, sugerindo que a sociedade moderna exerce uma forma de controle invisível, em que os indivíduos se tornam parte de um sistema de vigilância sem perceberem, (Foucault, 1975, p.202). Foucault discute a maneira como a sociedade moderna utiliza formas sutis e invisíveis de vigilância para controlar os indivíduos, criando uma espécie de "panoptismo". O panóptico, em sua concepção, é uma metáfora para a forma de poder que se insinua na vida cotidiana das pessoas de maneira quase imperceptível, fazendo com que elas se comportem de acordo com as normas sociais sem necessidade de coerção explícita. A crítica aqui é a de que o poder moderno não é mais exercido de forma autoritária e visível, como nas antigas formas de punição física ou tirania explícita, mas de maneira sutil, por meio da normalização e da internalização das regras.

Morrison explora a invisibilidade como uma consequência da escravidão e do racismo estrutural, argumentando que a identidade dos negros é apagada, tornando-os

"invisíveis" para a sociedade dominante. (Morrison, 1987, p.185). A invisibilidade dos negros, como uma consequência da escravidão e do racismo estrutural, representa não apenas uma negação da história e da identidade, mas também uma continuação das formas de opressão que persistem até hoje. Para que a sociedade possa superar essa invisibilidade, faz-se necessário não apenas o reconhecimento histórico e cultural dos negros, mas também a criação de um novo olhar que valorize suas contribuições, experiências e identidades como parte integrante da construção da nação. A luta contra o racismo estrutural passa pelo reconhecimento da visibilidade e dignidade dos negros, garantindo um espaço legítimo para que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

O processo de invisibilidade ocorre nas relações que se estabelecem em nossa sociedade, a partir de posturas machistas, patriarcais e misóginas. Segundo Perrot (2005), a dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados.

Existem poucos registros sobre a trajetória de vida de Mariana Gonçalves da Luz, pois pouco se ouve falar dessa mulher negra, que, não obstante, sua condição de mulher, rompeu com as correntes do preconceito, da dominação masculina e de um patriarcado branco. Para Lerner (2019) “a história das mulheres é uma história de exclusão, de apagamentos, de sabotagens, de desvalorização [...] é preciso que o nosso protagonismo seja negado. É preciso fingir que nunca lutamos. Por isso é tão relevante conhecer a nossa história”.

Nesse sentido a necessidade da reflexão sobre o espaço que a mulher ocupa em nossa sociedade salienta-que:

[...] o lugar da mulher não é uma esfera ou domínio de existência à parte, mas uma posição dentro da existência social de forma geral. [...] [O] pensamento feminista caminha para além da visão dividida da realidade social herdada do passado recente. Nosso real ponto de vista mudou, abrindo espaço para nova conscientização do “lugar” da mulher na família e na sociedade. [...] [O] que vemos não são duas esferas da realidade social (lar e trabalho, privado e público), mas dois (ou três) conjuntos de relações sociais. (Lerner, 2019. p. 37).

A autora ressalta a necessidade de as mulheres buscarem cada vez mais ocupar espaços em nossa sociedade, espaços, que na maioria das vezes, são destinados aos homens. A escritora Enoi Nogueira da Cruz (1908 – 1969), também poeta, enviava da cidade de Cantanhede- MA suas crônicas e poesias para publicação nos jornais: A Tribuna, jornal noticioso, fundado em 1929, de propriedade de Agnelo Costa e O Trabalhista. No Jornal O Trabalhista, de propriedade do jornalista João Rodrigues, do município de Itapecuru-Mirim, seus poemas eram publicados com regularidade.

Relevante ressaltar uma situação em que Marianna Gonçalves da Luz recebeu uma correspondência do jornalista Agnelo Costa, então diretor do jornal A Tribuna, no ano de 1929, manifestando sua honradez com a erudição de seus textos, mas sugeriu não se aprofundar nos sentimentos de erudição, mas que a mesma deveria colaborar escrevendo sobre moda, festas, aniversários, batizados ou casamentos. Uma representativa declaração da representação do lugar da mulher vigente no ideário especificamente masculino da época, e infelizmente, ainda atual.

Marianna Gonçalves da Luz, assim como Enoi, quebravam essas barreiras, como exemplo de luta pela igualdade feminina, pois não concordavam que o espaço destinado às mulheres nos jornais da época fosse as colunas de fofoca e mexericos. Fatos como estes expõem a naturalização do apagamento da trajetória das mulheres, materializando-se na invisibilidade.

A literatura feminista nos convida a repensar ou ressignificar a construção da história das mulheres silenciadas por uma história masculina. Daí pensar que não existe nada de natural que explique e justifique de forma satisfatória a invisibilidade das mulheres na história, pois sutilmente ou de forma abrupta foram retiradas do processo de produção histórica da sociedade, ocasionando seu silenciamento e apagamento.

Todavia, sobre o silêncio das mulheres, Bogéa (2021, p.52) nos diz que:

O nosso passado histórico está repleto de incontáveis mulheres atuando como sujeitos históricos, amazonas, rainhas, guerreiras, deusas, mães, concumbinas, cientistas, psicopatas, santas, putas, bruxas, filósofas, donas de casa, todas mulheres históricas, com histórias nunca contadas, silenciadas e invisibilizadas por uma história masculina. (Bogéa, 2021, p.52)

Na perspectiva de visibilizar o sujeito mulher como parte importante do processo histórico, a partir da década de 1960, historiadoras e historiadores trouxeram à tona as experiências de mulheres no decorrer da história, trazendo um problema para a historiografia tradicional, com isso colocando em xeque os critérios de verdade sobre os discursos da história, escritos e falados. Sobre o assunto, Scott (1991) adverte que:

A emergência da história das mulheres como campo de estudo acompanhou as campanhas femininas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão da própria história. Mas não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente falando. Em vez disso, há uma incômoda ambiguidade inerente ao projeto de história das mulheres, pois ele é ao mesmo tempo um suplemento inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história (Scott, 1991, p.75)

Diante desse contexto, buscaremos nessa seção visibilizar a participação das mulheres na Academia Maranhense de Letras, das pioneiras até as imortais da atualidade,

o legado, sua atuação no contexto literário maranhense, bem como sua contribuição nesse espaço, que é majoritariamente masculino. A sociedade brasileira é marcada por ideologias racistas, machistas e patriarcais severas, nas quais é comum as mulheres serem vistas no papel de coadjuvante, mesmo quando ocupam espaços institucionais e em cargos elevados ou possuem trabalhos idênticos aos desenvolvidos pelos homens.

Perrot (2005, p. 11), ao referir-se sobre a invisibilidade da mulher, menciona que:

Porque elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos, caso quem faça o relato seja um homem que acomoda com uma costumeira ausência, serve de estereótipos globalizantes ou suposta unicidade de gêneros.

A citação acima oferece uma reflexão crítica sobre a invisibilidade das mulheres no espaço público e no discurso narrativo, especialmente quando esse discurso é dominado por homens. A análise crítica da citação pode ser estruturada em torno de alguns pontos principais. De forma geral, a citação é um convite à análise das estruturas de poder que moldam o espaço público e o discurso narrativo. Para superar essa invisibilidade e combater estereótipos, faz-se necessário criar condições para que mulheres ocupem espaços públicos e para que suas vozes sejam legitimadas e ouvidas.

### **3.1 Fundação da Academia Maranhense de Letras e sua trajetória histórica**

A fundação de uma instituição é sempre um marco significativo que representa um momento de confluência de ideias, esforços e vontades que visam a construção de um legado duradouro. A Academia Maranhense de Letras, considerada um dos maiores expoentes culturais do Estado, foi fundada em 10 de agosto de 1908 por um grupo de intelectuais e figuras de destaque da época, entre os quais se destacam Antônio Lobo, Alfredo de Assis Castro, Astolfo Marques, Barbosa de Godóis, Corrêa de Araújo, Clodoaldo Freitas, Domingos Barbosa, Fran Paxeco, Godofredo Viana, I. Xavier de Carvalho, Ribeiro do Amaral e Armando Vieira da Silva. Estes fundadores, reunidos pelo amor à cultura e à literatura, almejavam a criação de um espaço que promovesse o desenvolvimento intelectual e cultural, além de contribuir com o enriquecimento da história do Estado. Desconhecemos a participação de mulheres nesse evento.

A importância de uma instituição como esta, ao longo dos anos, foi reconhecida pelas autoridades governamentais. Em 19 de novembro de 1918, por meio

do Decreto 92, o então governador Urbano Santos da Costa Araújo declarou a Academia Maranhense de Letras como de utilidade pública. Esse reconhecimento não se limitou à mera formalização legal, mas também estabeleceu compromissos significativos para o desenvolvimento da academia. O decreto determinou que o Estado providenciasse uma sede condigna para a instituição, a ser construída no edifício destinado à Biblioteca Pública. Além disso, a Imprensa Oficial se comprometeu a editar a revista da Academia, dando ainda mais visibilidade e prestígio às suas atividades.

A busca por uma sede própria foi um dos grandes desafios da Academia, e foi somente em 3 de fevereiro de 1949 que a instituição alcançou essa importante conquista, por meio da Lei Nº 320. Com a sanção do governador Sebastião Archer da Silva, a Academia Maranhense de Letras passou a ter um imóvel próprio, que havia sido anteriormente utilizado para diferentes funções educacionais e culturais. O imóvel em questão fora inicialmente construído para sediar a Escola de Primeiras Letras da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, sendo solenemente inaugurado em 28 de julho de 1874. Ao longo dos anos, o prédio abrigou diversas escolas e, em duas ocasiões, também foi sede da Biblioteca Pública do Estado. Foi nesse espaço histórico que a Academia Maranhense de Letras encontrou seu local definitivo, tornando-se um marco na preservação e promoção da cultura local.

A instalação da Academia em sua sede própria (Fig. 01) consolidou mais sua importância para a comunidade intelectual e para o Estado, proporcionando um ambiente adequado para a realização de suas atividades, além de simbolizar a valorização da história e da cultura local. A sede da Academia, com seu salão nobre e sua tradição de abrigar eventos culturais, tornou-se um ponto de encontro para escritores, acadêmicos e personalidades da literatura, desempenhando um papel fundamental na preservação e no fomento à produção literária.

Figura 01: Sede da Academia Maranhense de Letras – Localizada à rua da Paz,



**Fonte:** O Imparcial (2017)

Em síntese, a fundação e o reconhecimento da Academia Maranhense de Letras refletem não apenas a união de grandes nomes da cultura, mas também o compromisso com o desenvolvimento intelectual e com a preservação da história da produção literária do Estado. A sua trajetória, marcada por momentos de conquistas significativas, como o reconhecimento oficial e a conquista de sua sede própria, continua a ser um exemplo de como a cultura e a educação podem transformar uma sociedade, contribuindo para o enriquecimento da identidade local e para a formação de novas gerações de pensadores e escritores.

### **3.2 A mulher na Academia Maranhense de Letras**

Face ao processo de invisibilidade das mulheres no espaço literário maranhense, questionamos sobre a contribuição dessas mulheres nesse âmbito. Quem foram e quem são elas e quais os fatos mais importantes da história de vida e de luta dessas imortais? Portanto, é nosso objetivo analisar o legado do campo literário maranhense dessas mulheres, identificando sua biografia, resgatando sua atuação na

Academia Maranhense de Letras. Nesse ensaio usaremos a data cronológica de posse na Academia Maranhense de Letras.

Quanto às mulheres sobre a qual iremos discorrer, temos: Laura Rosa (1943); Marianna Gonçalves da Luz (1949), Maria da Conceição About (1955); Dagmar Desterro (1974); Lucy Teixeira (1979); Ceres Fernandes (2002); Laura Amélia (2003); Sonia Almeida (2006); Ana Luiza (2017).

### 3.2.1 *Laura Rosa*

Laura Rosa nasceu em São Luís, em 1 de outubro de 1884 e faleceu em 14 de novembro de 1976. Professora pela Escola Normal do Maranhão, tendo exercido com proficiência o magistério primário, público e particular, especialmente em São Luís e Caxias; poetisa de fácil inspiração e delicado estro, foi a segunda mulher a lograr, entre nós, romper as barreiras da tradição fazendo-se eleger sócia efetiva da Academia Maranhense de Letras (1943), em que fundou, quando do aumento do quadro, a poltrona de nº 26, sob o patrocínio de Antônio Lôbo. (Registre-se, entre parênteses, que a primeira a ser convidada fora Maria Luisa Lôbo, em 1935, cuja eleição caducou por não ter tomado posse no prazo estatutário). Entretanto, Laura Rosa teve nas décadas de 1920 e 1940, uma época mais fértil de sua atividade literária especialmente na imprensa (Motta, 2003). Em São Luís, com o pseudônimo de Violeta do Campo, publica diariamente poesias crônicas nos jornais: Folha do Povo, que tinha como diretor-proprietário Dr. Tarquínio Lopes Filho, bem como na Revista Elegante.

No âmbito educacional, a professora e poetisa Laura Rosa fora diretora de vários grupos escolares: João Lisboa em 1919 na cidade de Caxias; Nina Rodrigues em 1930; Antonio Lobo (1931), e do Jardim de Infância Decroly em 1935, todos em São Luís.

Em 1932, foi designada para o Curso de Aplicação da Escola Normal, integrando a equipe responsável, com objetivo de reestruturação da referida escola, atendendo ao momento educacional vigente.

### 3.2.2 *Marianna Gonçalves da Luz*

Marianna Gonçalves da Luz nasceu em 10 de dezembro de 1879 e faleceu em 14 de setembro de 1960, Marianna Gonçalves da Luz recebeu sua formação intelectual em Itapecuru Mirim. Como professora primária, dedicou sua vida ao ensino das crianças de sua cidade natal, introduzindo-as ao universo das primeiras letras. Além de educadora, destacou-se como poetisa e, apesar de levar uma vida simples, teve seu talento reconhecido pela Academia Maranhense de Letras, que a escolheu para ocupar a Cadeira nº 32, cujo patrono é o poeta Vespasiano Ramos. Marianna Gonçalves da Luz, na adolescência, iniciou sua carreira de professora, ministrando aula na casa dos pais. Exerceu o magistério em alguns colégios como o Instituto Rio Branco; o Colégio Magalhães de Almeida e, a Escola Dr. Getúlio Vargas, procurando reduzir o analfabetismo e oferecendo à juventude local, o ler-escrever como direito de todo cidadão e cidadã.

Com isso, Marianna Gonçalves da Luz, durante muitos anos, ensinou várias gerações de itapecuruenses que tiveram destaque nas mais diversas áreas da sociedade, a exemplo: o médico Salomão Fiquene; o senador Raimundo Públio de Melo; o deputado José Bento Nogueira Neves; o odontólogo Nascimento Araújo; padre Francisco Dourado e Silva; jornalista Benedito Buzar, dentre outros. Atendia a todos e todas que a procuravam. Na década de 1956, perdeu a visão, não sem antes levar conhecimento aos infantes bem como literatura para deleite dos que tiveram acesso à educação. Não é demais registrar a contribuição de Marianna Gonçalves da Luz, tanto no campo educacional, como no campo artístico, na carreira teatral e literária. Contribuição inestimável à época, pela ausência de instituições escolares naquela localidade.

### 3.2.3 *Maria da Conceição Neves Aboud*

Nasceu em São Luís, a 10 de julho de 1925 e faleceu em Teresópolis, a 13 de outubro de 2005. Foi, cronologicamente, a terceira mulher a pertencer à Academia Maranhense de Letras, na categoria de membro titular, precedida por Laura Rosa e Marianna Gonçalves da Luz. Cronista e, principalmente, romancista, alcançou grande sucesso de público e da crítica especializada, com os romances que publicou. Ficcionalista de filiação realista, a respeito de quem Renato Jobim afirmou que “tem a coragem de

dizer o que pensa e sabe como dizê-lo” (O cruzeiro, 1951). Seu romance *Grades e azulejos* (1951) representa um valioso testemunho sobre a cidade de São Luís do Maranhão.

#### 3.2.4 *Lucy de Jesus Teixeira*

Lucy de Jesus Teixeira nasceu em Caxias/MA, a 11 de julho de 1922 e faleceu em São Luís no dia 7 de julho de 2007. Formou-se em Direito na Universidade de Minas Gerais, onde teve brilhante atuação literária, participando, ao lado de figuras como Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabinoq. Da vida intelectual, período em que escreveu bastante, publicou em jornais e arrebatou muitos prêmios em concursos literários de âmbito nacional.

Advogada, jornalista, cronista e crítica, volta a São Luís nos meados da década de 1940 e assume o cargo de secretária do Tribunal de Justiça do Maranhão. Paralelamente às funções burocráticas, desenvolveu intensa atividade cultural, animando iniciativas no campo da literatura e das artes plásticas. As artes plásticas era outra de suas paixões. Dizia que pintava apenas para os amigos.

Maria Karla foi o pseudônimo que usou durante muitos anos para escrever no jornal *O Imparcial*. Ao lado do poeta Ferreira Gullar, organizou, em São Luís, o Congresso Súbito de Poesia, de que resultou a fundação do Movimento Antiquentismo, de repúdio ao sentimento fácil em poesia. Era exigente. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1949 e lá passou a colaborar em vários suplementos literários e participar de muitos concursos literários, conquistando, neles, numerosos prêmios. Residiu por vários anos em Roma, vindo, pelo menos, uma vez por ano matar as saudades do Maranhão. Dizia que aqui era sua mais fecunda fonte de inspiração.

A Europa teve fundamental importância em seu refinamento cultural. Lá esteve como bolsista do governo italiano, depois exercendo funções diplomáticas do Governo brasileiro. Foi Adida Cultural na Bélgica, na Espanha e na Itália. Aposentou-se do Ministério das Relações Exteriores em 1990.

#### 3.2.5 *Dagmar Desterro e Silva*

Nasceu em São Luís, a 9 de setembro de 1925 e faleceu em 6 de agosto de 2004. Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais e bacharela e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão. Professora primária, dirigiu o Jardim de Infância Luiz Serra, sua primeira gestora em estabelecimento do gênero no sistema de ensino de São Luís; técnica de Educação; chefiou o Serviço do Patrimônio da União em São Luís e foi Procuradora Federal no Maranhão. Aluna de raro brilhantismo, foi a primeira concludente laureado da Faculdade de Direito e também obteve o primeiro lugar como licenciada em Pedagogia.

Professora titular de Psicologia e de Psicologia Evolutiva da Universidade Federal do Maranhão, instituição que lhe conferiu o título de Professora Emérita, e da qual foi Vice-Reitora, assumindo a Reitoria em diversas ocasiões. Detentora da Medalha Gonçalves Dias (da Academia Maranhense de Letras), da Medalha Domingos Perdigão (da Faculdade de Direito do Maranhão) e da Medalha Sousândrade do Mérito Universitário, no grau ouro, conferida pela UFMA. Pertenceu ao Parlamento de Imprensa do Maranhão, à OAB-Secção do Maranhão, ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Luís e ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Integrou o Centro Cultural Gonçalves Dias. Detentora da Medalha do Mérito Timbira.

### 3.2.6 *Ceres Costa Fernandes*

Nasceu em Salvador-BA, em 28 de dezembro de 1942. Filha de Francisco Costa Fernandes Sobrinho e de Maria Isabel Soares Costa Fernandes. Permaneceu naquela cidade até os dois anos de idade, quando retornou ao Maranhão. Estudou o primário em São Luís, no Colégio Santa Tereza, das Irmãs Dorotéas, e parte do secundário no Rio de Janeiro, no Colégio *Sacré-Coeur* de Jésus, onde era interna. Interrompeu os estudos, aos 15 anos, para casar-se. Completou-os, bem mais tarde, nos cursos de Madureza dos 1º e 2º graus, realizando as provas no Liceu maranhense. É Licenciada em Letras – Inglês e Português – Universidade Federal do Maranhão – UFMA (1974) e Mestre em Letras – pela Pontifícia Universidade Católica – PUC –RJ (1987). Possui os seguintes cursos de especialização: Especialização em Metodologia do Ensino Superior, Semiologia Aplicada à Literatura e Ensino à Distância.

De abril de 2003 a dezembro de 2008, exerceu a função de Gestora de Programas Especiais do Governo do Estado, desenvolvendo o Projeto Saúde na Escola,

um programa educativo de melhoria de qualidade de vida dos alunos do Ensino Fundamental das escolas estaduais em 25 municípios-sede das Regionais. A partir de 2005, o programa foi estendido a mais 86 municípios de mais baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Maranhão. Diretora do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho desde 2009, ali realizou o Café Literário, evento que já se tornou parte da agenda cultural de São Luís.

Foi orientadora de aprendizagem da TV Educativa do Maranhão (1973-82) e é professora aposentada do Curso de Letras da UFMA (1975-96), onde ministrou Inglês, História da Literatura, Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa. Nessa mesma Universidade, exerceu a chefia da Divisão de Estágio Curricular (1978), o cargo de Pró-Reitora de Graduação (1993-96) e o de Assessora de Relações Internacionais (1997-98). Após a aposentadoria federal, desempenhou, no Governo do Estado, o cargo de Assessora Especial de Educação da Gerência Regional de São Luís (1998-2003) – equivalente à época a uma Secretaria, com as 192 escolas estaduais existentes nos quatro municípios da Ilha de São Luís, sob sua responsabilidade.

### 3.2.7 *Laura Amélia Damous Duailibe*

Nasceu a 10 de abril de 1945 em Turiaçu-MA. Filha de Jamil Miguel Damous e Dolores Estrela Damous. Em São Luís estudou no Colégio Santa Teresa, de onde saiu como professora normalista. Kursou Filosofia na Universidade Federal do Maranhão. Ocupou cargos em órgãos públicos ligados a atividades culturais. Foi Diretora do Teatro Arthur Azevedo, Superintendente de Interiorização da Cultura, e Secretária de Estado da Cultura, entre 1987 e 1989, quando desenvolveu o programa de municipalização da cultura, responsável pela implantação de 36 Secretarias Municipais de Cultura, revitalização e inauguração do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho. Foi ainda Subchefe da Casa Civil do Governo do Maranhão. Atualmente, exerce o cargo de Gestora de Programas Especiais da Casa Civil do Governo do Estado. Integrou o Conselho Estadual da Cultura, quando Secretária de Estado da Cultura.

Entre outras distinções, recebeu as seguintes comendas do Governo do Estado do Maranhão: Medalha do Mérito Timbira, Medalha do Mérito Grã-Cruz da Ordem Timbira, Medalha do Mérito Cultural João Lisboa e Medalha Comemorativa aos 400 anos de São Luís. Foi agraciada com Medalha Comemorativa 400 anos de São Luís pela

Assembleia Legislativa do Maranhão. Professora *Honoris Causa* da Faculdade de São Luís.

Sua obra, como escritora, é inteiramente dedicada à poesia, já havendo publicado os seguintes livros: *Brevíssima canção do amor constante*, São Luís: Sioge, 1987; *Traje de luzes*, São Luís: Sioge, 1993; *Cimitarra*, São Luís: UEMA, 2001; *Arabesco*, 2010; *Inventário dos sentidos: poesia reunida*. São Luís: Editora 360º, 2013. Participa de *A Poesia Maranhense no Século XX – Antologia*, organizada por Assis Brasil (Rio de Janeiro/São Luís: Imago/Sioge, 1994) e do *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho (São Paulo: Escrituras Editora, 2002).

### 3.2.8 Sonia Maria Correa Pereira Mugschi (Sonia Almeida)

Nasceu em São Luís a 29 de março de 1956. Filha de Josely Pires Pereira e Carmelinda Corrêa Pereira. Foi aluna do Colégio Santa Teresa, nas irmãs Dorotéias, onde fez os antigos primário e ginásio. É graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, especialista em Semiologia Aplicada ao Ensino de Língua e Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, mestra em Educação pela UFMA e doutora pela Universidade de São Paulo – USP. Na Faculdade de Educação da USP, pesquisadora do programa de Pós-Graduação, na área de Linguagem e Educação. Sua área de interesse é o texto escrito.

Em 1989, deu início a reflexões sistemáticas sobre a necessidade do ler/co-produzir. Daí nasceu o Núcleo de Leitura e Produção Textual, da UFMA. A partir de 1992, começou a desenvolver um trabalho, principalmente com alunos do Ensino Médio, nesse âmbito. Tem construído uma história na formação de professores de língua portuguesa no Maranhão, ministrando disciplinas pelo PROEB em Itapecuru, Arari, Vitória do Mearim, Santa Luzia do Tide, Buriticupu, Vargem Grande, Alto Alegre do Pindaré, Pinheiro e São Bento. De seus trabalhos de leitura nasceu a obra: *Tribuzi, Bandeira poética de São Luís* (1996) e *Aula de redação: uma perspectiva transdisciplinar* (2003).

Exercendo sua profissão de professora, Sonia Almeida se tornou leitora e, seguindo a indicação de obras para o exame vestibular, leu para seus alunos uma centena de obras nos últimos 15 anos, tendo, com isso, a oportunidade de refletir sobre a vida sob a ótica de muitos autores da literatura maranhense, brasileira e portuguesa: João Francisco

Lisboa, Antônio Vieira, Sousândrade, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Ferreira Gullar, Josué Montello, José Chagas, Nauro Machado, José Sarney, Conceição Aboud, Machado de Assis, Cruz e Souza, Marina Colasanti, Lygia Bojunga Nunes, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, José Saramago, Eça de Queirós, para exemplificar. Lendo, acabou produzindo a sua obra poética na qual deixa bem claro que escrever é inscrever atos de leitura.

### 3.2.9 *Ana Luíza Almeida Ferro*

Nasceu em São Luís, Maranhão, em 23 de maio de 1966. Promotora de Justiça, jurista, professora, escritora premiada, historiógrafa, poeta e conferencista internacional, conhecida oradora e declamadora, é filha única do professor universitário Wilson Pires Ferro, já falecido, e da contabilista Eunice Graça Marcília Almeida Ferro. Graduada em Letras (Licenciatura), com habilitação em Língua Inglesa (1984-1988), e Direito (1988-1993), pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Mestre (2002) e Doutora (2006) em Ciências Penais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e Pós-Doutora em Derechos Humanos, pelo Programa Postdoctoral Derechos Humanos en perspectiva comparada: Brasil y España, da Universidad de Salamanca, Espanha (2018). É Promotora de Justiça titular da 14ª Promotoria de Justiça Criminal da Comarca da Ilha de São Luís, Estado do Maranhão, além de professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Escola Superior do Ministério Público do Maranhão – ESMP, em São Luís. Integra a Comissão Gestora do Programa Memória Institucional do Ministério Público do Estado do Maranhão.

É membro efetivo da Academia Maranhense de Letras Jurídicas – AMLJ, Cadeira nº 5, cujo patrono é o Ministro Augusto Olympio Viveiros de Castro, com posse em 3 de dezembro de 2004. Membro ainda da Academia Caxiense de Letras – ACL, Cadeira nº 9, patroneada pela Professora Filomena Machado Teixeira, com posse em 26 de abril de 2008; sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGM, Cadeira nº 36, cujo patrono é o escritor Astolfo Henrique Serra, com posse em 26 de agosto de 2011, e um dos 25 fundadores da Academia Ludovicense de Letras – ALL, Cadeira nº 31, patroneada pelo historiador Mário Martins Meireles. Foi aprovada, pelo Departamento de Letras da UFMA, na Seleção de Inglês para professores pró-labore, em setembro de 1988, e em Concurso Público para ingresso na carreira do Magistério

Superior, na Classe de Professor Auxiliar, na área de Língua Inglesa, obtendo o segundo lugar, em 1994, assim como, pelo Departamento de Direito da UFMA, no Processo Seletivo Simplificado para Contratação de Professor Substituto, área de Direito Público, obtendo o primeiro lugar, em 1999. No magistério, sua experiência se divide, em especial, entre o ensino da Língua Inglesa e o das Ciências Criminais.

Ao discorrer sobre as contribuições de mulheres imortais da Academia Maranhense de Letras, observou-se que das nove imortais pesquisadas, sete eram ou são professoras, que atuaram no magistério brasileiro. Nesse ensejo, buscou-se registrar como se deu seus percursos educacionais e profissionais, fatos importantes de suas histórias de vida, bem como suas lutas e as ideias principais que se pautaram no tocante ao pensamento que embasaram suas práticas literárias.

Levando-se em consideração a contextualização histórica, econômica, cultural, racial, condições de trabalho, as informações biográficas disponíveis assinalam suas inserções e participações nos movimentos em defesa da literatura e das mulheres. Buscar a trajetória literária dessas mulheres nos impele a dar visibilidade às mesmas, fazendo ecoar o canto dessas cigarras, contra o processo de apagamento do qual são acometidas.

Na seção seguinte, buscaremos analisar como os contextos biográfico, histórico, geográfico, social e político, concorreram para a formação de Marianna Gonçalves da Luz, como mulher negra, professora e literata de Itapecuru-Mirim, no período de 1871 a 1960.

#### **4 MARIANNA GONÇALVES DA LUZ**

Esta seção tem como objetivo analisar a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, seja como professora, poetisa bem como sua inserção no campo político, vislumbrando a necessidade de dar visibilidade desse ícone da educação e literatura maranhense, sua importância no cenário maranhense, em se tratando de uma das categorias abordadas em nosso estudo, com o propósito de um melhor entendimento desta categoria, nos apoiamos nos estudos de Bertaux que propõe:

Um mergulho nas experiências humanas, no vivido, em um oceano de saberes nativos e não explorados. Para ele, a experiência humana é portadora de saber sociológico, que exalta como um achado inaudito. À parte este truísmo de base, para o autor, dá-se o caso de se conjugar e reconciliar a observação e a reflexão sobre o mundo social. Se a experiência humana se esforça para se elevar do particular ao geral, a teoria sociológica parte do geral (historicizado) para analisar as formas concretas e sempre renovadas de atualização, pois, para o autor, a experiência humana não ultrapassa os limites locais, sendo sempre mediada ou mediatizada (Bertaux, 1980).

A construção de um conhecimento que vá além do senso comum, que não se limite às explicações naturais e pré-construídas do mundo vivido. O conhecimento do vivido não significa necessariamente a compreensão do real, dos determinantes fundamentais do universo social, porém faz-se necessário entender que as relações sociais não podem ser pensadas a partir da redução de ligações subjetivas, que se estabelecem entre as condições e as posições sociais, mas sim da realidade que os sujeitos que a elas são ligados.

##### **4.1 Início de sua trajetória e seus contextos**

Ao referir-se sobre trajetória, Boudieu, assinala que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Em seu entendimento, essa objetivação, resulta em uma trajetória, que diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário (Bourdieu, 1996 b). Podemos intercambiar a palavra escritor e literário por intelectual e científico, sem alterarmos o

sentido da definição. Encalçar uma trajetória significa acompanhar o desenvolvimento histórico de grupos sociais concretos em um espaço social definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade dentro do campo em que se inserem. Diante dessas considerações o nosso intuito é de vislumbrar a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, nos campos educacional, político e literário.

Para Boudieu, há uma grande diferença entre o conceito de biografia e a maneira como é comumente empregada. Conforme Bourdieu (1998) aponta a trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória, que diferentemente das biografias comuns, descrevem a série de posições sucessivas ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário.

Marianna Gonçalves da Luz, certamente com a sua produção literária, está entre as precursoras de mulheres de luta, como procuramos constatar por sua trajetória. Ela teve três irmãos. Seus pais davam grande importância à educação, o que pode ser demonstrado pelo empenho com que procuraram educar os filhos. Marianna Gonçalves da Luz recebeu a educação adequada a população feminina da época<sup>5</sup>. Porém muito cedo demonstrou está disposta a romper com os padrões que lhes eram impostos, pois desejava tornar-se poeta e artista plástica, mas foi como professora autodidata<sup>6</sup>, que se projetou dentro da sociedade itapecuruense.

Com essas evidências, podemos compreender a importância das mulheres negras com suas iniciativas e ações na luta contra o racismo, o machismo e na construção de políticas públicas sociais, econômicas e educacionais para a população negra (Carneiro, 2016). Daí a incursão deste estudo sobre a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz.

---

<sup>5</sup> De acordo com Cabral (1984) O Estado deveria estabelecer um sistema educacional na Província, que efetivamente promovesse a instrução primária de forma a atingir a toda população maranhense livre [...]. Essa era a ideia de que a educação contribuía para a garantia da ordem e da moralidade social. O presidente Manoel Felisardo (1839) concebia também a educação como meio de promoção do desenvolvimento moral, intelectual e político das massas (Cabral, 1984, p.31-32)

<sup>6</sup> Autodidata é uma pessoa que aprende por conta própria, sem a ajuda de um professor. A palavra vem do grego autodidaktikos, que é a junção de auto (si mesmo) e didaktos (ensino). As pessoas autodidatas são motivadas pelo desejo de aprender e conseguem ser organizadas e disciplinadas para alcançar seus objetivos. Autodidata é um adjetivo e substantivo de dois gêneros, utilizado para designar uma pessoa que tem a capacidade de aprender algo por conta própria, sem o auxílio de um professor ou mentor.

Nesta terra de muitos talentos e encantos despontou Marianna Gonçalves da Luz, iniciando-se na terna idade nas artes plásticas e no artesanato, como também na área musical, no campo político sempre foi uma voz ativa em sua cidade natal, consciente de seu papel como cidadã não se omitia, nem se calava diante das injustiças sofridas pelos menos favorecidos. Daí ser uma mulher audaciosa, ainda no tocante ao contexto histórico, os autores e autoras acima citados, em especial Meireles (2015) ao refletir em parte, sobre o período imperial e início do republicano, salientou que o processo de mudança de regime ocorreu com muita violência, fuzilamentos, prisões arbitrárias (sobretudo de negros e mulheres). Tal situação ensejou um ambiente de desconfiança e hostilidade, no enfrentamento ao sistema que se constituía.

No tocante ao contexto social à educação, mesmo com a instalação da República, Motta (2015) alerta que não se proporcionou transformações significativas no Maranhão, cuja população pobre, continuava sem condições básicas de educação, saúde e saneamento básico. Em Itapecuru-Mirim não foi diferente.

Isso se deu em decorrência e uma política excludente da oligarquia do país que tinha como mote um processo de relacionamento diferenciado às unidades da federação, visto que os estados nordestinos permaneceram às margens de seus benefícios, estando o Maranhão, localizado no Nordeste, esse cenário repercutiu na vivência de Marianna Gonçalves da Luz.

Na área de música, Marianna Gonçalves da Luz ministrava aulas de flauta e harmônio<sup>7</sup>, compunha letras de valsas, além de ser uma voz ativa na política itapecuruense, incomodava-se com as injustiças praticadas contra os menos favorecidos. De acordo com Santana (2014):

Em represália passou a ser alvo de perseguição tendo sua subvenção cortada ocasionando-lhes grandes transtornos financeiros, obrigando-a a fechar a escola e ir para São Luís procurar outro meio de vida e ajuda de amigos e familiares. Na capital foi convidada para lecionar em alguns colégios, porém foi mais requisitada pela dramaturgia, pelo fato de produzir peças teatrais de grande popularidade nos meios dos amantes das artes cênicas. O amor pelo trabalho e principalmente pela terra natal fez com que voltasse a Itapecuru-Mirim, por volta de 1932. (Santana, 2014, p. 48-49).

---

<sup>7</sup> Um harmônio ou harmónio ou órgão de fole, é um instrumento musical de teclas, cujo funcionamento é muito similar ao de um órgão, mas sem os tubos que caracterizam este último. Apesar de feito para uso doméstico, tornou-se um instrumento musical de uso típico em igrejas, por seu tamanho e preço. O som do harmônio se assemelha ao do acordeão. O harmônio foi reinventado em Paris em 1842 por Alexandre Debain. Christian Gottlieb Kratzenstein (1723-1795), professor de Fisiologia em Copenhague, foi creditado como o primeiro criador de um harmônio (apesar de o instrumento já existir na Ásia), depois de vencer o prêmio anual de 1780 da Academia Imperial de São Petersburgo.

Por essa postura diante das injustiças, foi perseguida, por opositores sofrendo comentários racistas que inclui o uso de adjetivos que objetivavam ofendê-la e ridicularizá-la, tais como: mulata pobre, pedante, duvidosa na cor, de cabelo muito rebelde, uma das velharias de Itapecuru, dentre outros insultos, como consequência de seu posicionamento, frente às injustiças.

De acordo com Santana (2014), pouco se sabe a respeito da educação formal de Marianna Gonçalves da Luz da qual não há registros, haja vista que:

No livro Marianna Gonçalves da Luz: Vida e obra e coisas de Itapecuru, a autora esclarece que ela recebeu as primeiras lições em casa em companhia dos irmãos, com professores contratados, no que se chama escola doméstica e que mais tarde foi enviada à capital para dar continuidades aos estudos. (Santana, 2014, p.38)

Marianna Gonçalves da Luz foi considerada uma das mais proativas escritoras maranhenses da última década do século XIX e início do século XX na imprensa periódica do estado, tais como: O Rosariense, Paotilha, Revista elegante, dentre outros, não obstante a dificuldade de publicação, uma vez que não era disponibilizado espaço às mulheres, para que pudessem desenvolver suas atividades intelectuais, devido estar inseridas em uma sociedade patriarcal e conservadora, racista além da dificuldade de acesso à educação.

Com isso discutiremos a posição das mulheres, em especial das mulheres negras, no contexto geográfico, histórico, social e político maranhense no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Houve influência na educação das mulheres na ocasião? Quais os reflexos deste contexto no município de Itapecuru-Mirim, sobre a educação de mulheres, especialmente as mulheres negras? Dentre elas, quais atingiram Marianna Gonçalves da Luz?

Fontes escritas e documentais nos ajudaram nessa empreitada. Para tanto procuramos dialogar com os/as seguintes autores/as: Motta (2003); Lima (2010); Freitas e Motta (2011); Meireles (2015); Reis (2017), a fim de ambientarmos nosso estudo ao percurso histórico vigente. Salientamos, que inicialmente, foi de intenso desequilíbrio, devido aos efeitos desastrosos sobre a vida política, econômica e cultural no território brasileiro.

Meireles (2015), ao fazer alusão ao dualismo político partidário do império no Maranhão, registra que a disputa de poder se dava entre os conservadores e os liberais.

O ato adicional, transformando em Una a regência Trina, não garantiu às províncias a autonomia, que de certa forma procurava satisfazer aos anseios dos liberais.

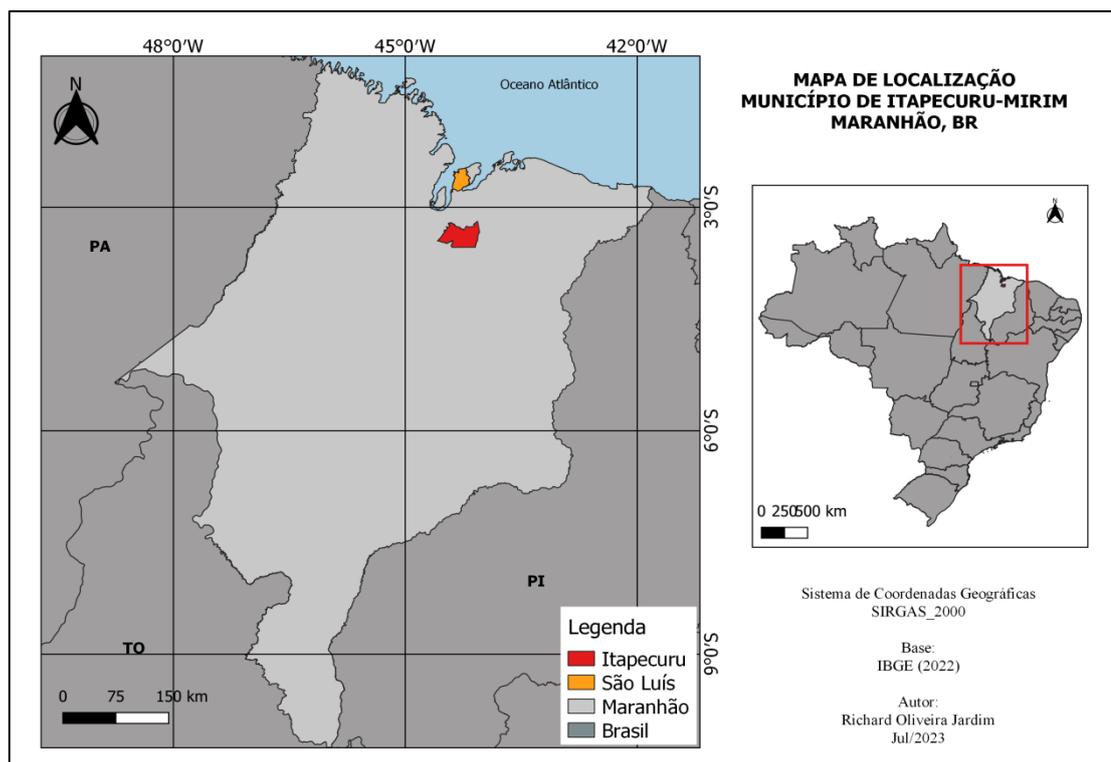
Assim Marianna Gonçalves da Luz nasce em um período político de revezamento do poder entre conservadores e liberais que durou quase meio século, compreendendo o período de 1860 a 1889, caracterizando-se como uma história de luta política entre os partidos de ambos.

“Sua vida literária foi sempre das mais fecundas expressões literárias, compreendendo em dois períodos: de sua mocidade em que lhe esmerou a verve poética e o período de sua vida trabalhosa” (Sousa, 1945, p.127), certamente no tempo em que lhe faleceu o pai e a poeta ficou com poucos recursos para subsistência. Diante dessa situação abriu uma escola, acolhendo nas salas de sua residência, um grande número de crianças de sua terra.

Em outra ocasião, Nascimento Morais (1882- 1958), ao referir-se sobre Marianna Gonçalves da Luz, a coloca em um patamar de uma das mais brilhantes poetas maranhenses. Sem, contudo, perder de vista a sua atividade docente ao mencionar: “Professora que foi durante muitos anos, toda sua atividade moça e todas as suas energias mentais, dedicou-se à educação da infância de Itapecuru-Mirim”. (Fragmentos da publicação do jornal O Globo de 04.02.1946).

O município de Itapecuru-Mirim (Figura 1) teve sua emancipação política em 21 de novembro de 1870, está inserido na Mesorregião Norte maranhense e na Microrregião Itapecuru-Mirim, com uma população de 60.419 habitantes, abrangendo uma área de 1.480,641 km<sup>2</sup>, destes 15,29 km<sup>2</sup> sendo área urbana (IBGE, 2022). Desta maneira, sua densidade demográfica é de 42,23 habitantes/km<sup>2</sup>.

**Figura 1-** Mapa de Localização do município de Itapecuru-Mirim



**Fonte:** IBGE (2022)

O município se limita ao Norte com os municípios de Presidente Juscelino e Santa Rita; ao Sul com os municípios de Cantanhede e Miranda do Norte; a Leste com os municípios de Vargem Grande e Presidente Vargas; e, a Oeste com o município de Anajatuba.

O acesso ao município, partindo de São Luís, capital do estado do Maranhão, se faz pelas rodovias BR-135 e BR 222, em um percurso de 117 km, tendo sua sede localizada sob as seguintes coordenadas geográficas: Latitude Sul 03°23'24" de e Longitude Oeste 44°21' (IBGE, 2022). Segundo o último relatório de Regiões de influência das cidades, divulgado pelo IBGE, o município é considerado dentro da hierarquia urbana como um centro local fazendo parte do arranjo populacional de São Luís/MA - Capital Regional A (IBGE, 2020).

No tocante aos aspectos socioeconômicos, os dados relativos ao município foram obtidos, a partir de pesquisa nos sites do IBGE ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)), da Confederação Nacional dos Municípios – CNM ([www.cnm.org.br](http://www.cnm.org.br)) e no Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos.que:

Município foi elevado à condição de cidade com a denominação de Itapecuru-Mirim, pela Lei Provincial nº 919 de 21/07/1870. Segundo o IBGE (2010), cerca de 55,88% da população reside na zona urbana, sendo que a incidência

de pobreza no município é de 58,88% e o percentual dos que estão abaixo do nível de pobreza é de 49,86%. Na educação, segundo o IMESC (2010), destacam-se os seguintes níveis escolares em Itapecuru Mirim: Educação Infantil, creche e pré-escolar (14,04%); [...] O analfabetismo atinge mais de 26% da população da faixa etária acima de 7 anos (IBGE, 2011), (Correia Filho, Lages, 2011, p.13-14).

E na época de Marianna Gonçalves da Luz? Este indicador devia ser tão expressivo, que fazia parte das suas preocupações. A análise das políticas públicas voltadas para as mulheres no Brasil entre 1906 e 1945 revela um período de transformações significativas, embora ainda incipientes, nos direitos e na participação feminina na sociedade.

No início do século XX, as oportunidades educacionais para mulheres eram limitadas, refletindo uma sociedade predominantemente patriarcal. A criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) em 1922, liderada por Bertha Lutz, foi um marco importante na luta pela ampliação dos direitos femininos, incluindo o acesso à educação superior. A admissão de meninas no Colégio Pedro II em 1926 exemplifica esse avanço, permitindo que mais mulheres buscassem formação acadêmica e, conseqüentemente, inserção no mercado de trabalho.

No entanto, a legislação trabalhista da época ainda apresentava restrições significativas. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), promulgada em 1943, proibia o trabalho noturno para mulheres, exceto em algumas atividades específicas, e vedava a participação feminina em trabalhos considerados insalubres ou em obras de construção. Além disso, o primeiro salário mínimo instituído em 1940 permitia a redução de seu valor para trabalhadoras do sexo feminino, evidenciando a desigualdade de gênero nas relações laborais.

A conquista do direito ao voto feminino em 1932 representou um avanço significativo na participação das mulheres na esfera pública. A partir de então, as mulheres puderam exercer o direito ao sufrágio, embora a representação feminina em cargos eletivos tenha permanecido limitada nas décadas seguintes.

Durante o Estado Novo (1937-1945), o governo implementou políticas de proteção à maternidade, incluindo a licença-maternidade de três meses com remuneração integral, conforme previsto na Constituição de 1934. Entretanto, essas medidas eram frequentemente utilizadas para reforçar papéis tradicionais de gênero, enfatizando a função da mulher como mãe e cuidadora, o que limitava sua participação plena em outras esferas da sociedade.

Embora o período entre 1906 e 1945 tenha registrado avanços nas políticas públicas para mulheres no Brasil, como o direito ao voto e algumas proteções trabalhistas, essas medidas foram, em grande parte, insuficientes para promover a igualdade de gênero de forma abrangente. As políticas implementadas frequentemente reforçavam estereótipos de gênero e não abordavam de maneira eficaz as desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

Além disso, a centralização política característica do Estado Novo limitou a participação ativa da sociedade civil na formulação dessas políticas, resultando em iniciativas que não refletiam plenamente as demandas e necessidades das mulheres da época. As políticas públicas para mulheres no Brasil entre 1906 e 1945 representaram passos iniciais em direção à igualdade de gênero, mas foram marcadas por contradições e limitações que retardaram a efetiva emancipação feminina no país.

Mas Marianna Gonçalves da Luz (1871 – 1960) foi uma figura marcante na história política e social do Maranhão, especialmente em sua cidade natal, Itapecuru-Mirim. Apesar das limitações impostas às mulheres no contexto do final do século XIX e início do XX, Marianna destacou-se como voz ativa em sua comunidade participando de vários momentos da vida política e social.

## **4.2 Os múltiplos caminhos**

O ser humano vive imerso em várias possibilidades e caminhos, com Marianna Gonçalves da Luz não foi diferente, haja vista os vários desafios enfrentados por ela seja no âmbito educacional, literário, político e social, que até hoje perdura na invisibilidade das mulheres. Apesar de muitos estudos, sobre a participação das mulheres, é evidente que as mulheres negras ainda se encontram indubitavelmente invisibilizadas.

De acordo com Tolomei (2019), Marianna Gonçalves da Luz desenvolveu uma prática de leitura feminina sociopolítica, que desafia o discurso predominante. Assim, refletir sobre essa desconstrução nos faz considerar a importância de destacar a atuação dessa mulher negra. A inclusão da perspectiva de gênero nas ações das esferas públicas demonstra o protagonismo das mulheres para contribuir na construção de um projeto de uma

sociedade mais justa (Pinto, 2010; Valadares, 2007; Hooks, 2018; Ribeiro, 2018; Tiburi, 2018; Hollanda, 2020). É importante destacar a necessidade da

interseccionalidade na avaliação e na implementação de políticas sociais para mulheres para que realmente se efetivem políticas que possibilitem a diminuição das desigualdades, mesmo entre as próprias mulheres.

#### 4.2.1 *Caminho Profissional*

Nesta sub-seção trataremos da experiência docente de Marianna Gonçalves da Luz, como professora, ou seja, sua inserção no âmbito educacional. Em se tratando de uma das categorias abordadas em nosso estudo, com o propósito de um melhor entendimento, como no que concerne à literatura especializada pela dificuldade de definir docência como uma profissão e isto está ligado a diversos fatores. Para tal salientamos a reflexão de Nóvoa (2003) ao referir-se que: de fato, o trabalho docente ser licenciado, regulamentado e fiscalizado pelo Estado, constitui importante obstáculo à instituição dessa atividade como profissão, no sentido de limitar a autonomia e construção da identidade profissional.

Para além da tradicional autonomia da sala de aula, os professores têm de adquirir margens mais alargadas de autonomia na gestão da sua própria profissão e uma ligação mais forte aos atores educativos locais. Conforme Oliveira (2013), em meio à rede de interesses que perpassa pela história da educação brasileira e, pela falta de clareza, torna-se:

Extremamente difícil enxergar a profissão docente com autonomia. A profissão docente tem passado por um processo de proletarização, ao longo da história da educação brasileira. [...] A tendência à diminuição da autonomia profissional do professor é reforçada pelas políticas públicas que tendem a separar os atores que planejam dos que executam. Tal fato remonta desde a educação jesuítica ao transplantar uma cultura intelectual “alienada e alienante”. A qualidade do trabalho docente, cede lugar à quantidade, devido à intensificação de tarefas administrativas que lhe são cobradas, perdendo-se assim competências coletivas importantes. (Oliveira, 2013, p.8429).

Ainda no que diz respeito sobre o docente enquanto profissional de ensino, trazemos as reflexões de Altet (2001) e Marcelo (2009), para nos auxiliar em nossas reflexões. Altet, traz como contribuição a conquista de competências necessárias ao ato de ensinar, já Marcelo acrescenta o conhecimento do contexto, além do cognitivo, afetivo e a prática. Segundo Cericato, (2016, p. 277-278):

Para Altet (2001), o docente é um profissional do ensino e da aprendizagem, formado para conquistar as competências necessárias ao ato de ensinar (o saber ensinar) e não apenas para dominar conteúdos de ensino (os conhecimentos disciplinares). A isso, Marcelo (2009) acrescenta o conhecimento do contexto (onde se ensina), dos alunos (a quem se ensina) e de si mesmo. Assim, as competências que fazem do docente um profissional são, segundo os autores, de ordem cognitiva, afetiva e prática. São também de ordem técnica e didática na preparação dos conteúdos e de ordem relacional, pedagógica e social na adaptação às interações em sala de aula.

Assim, Marianna Gonçalves da Luz na adolescência, iniciou sua carreira de professora, ministrando aula na casa dos pais. Exerceu o magistério em alguns colégios no município como o Instituto Rio Branco; o Colégio Magalhães de Almeida e, a Escola Dr. Getúlio Vargas, procurando reduzir o analfabetismo e oferecendo a juventude local, o ler-escrever direito de todo cidadão e cidadã.

Não é demais registrar a contribuição de Marianna Gonçalves da Luz, tanto no campo educacional, como no campo artístico, na carreira teatral e literária. Contribuição inestimável à época pela ausência de instituições escolares naquela localidade. No que concerne a trajetória educacional de Marianna Gonçalves da Luz, devido a escassez de registros, a poeta recebeu as primeiras lições em casa, com os irmãos, conforme relata Santana:

Sobre a educação formal de Marianna Gonçalves da Luz, não há muitos registros. A obra *Marianna Gonçalves da Luz: Vida e obra e coisas de Itapecuru*, esclarece que ela recebeu as primeiras lições em casa em companhia dos irmãos, com professores contratados, no que se chama escola doméstica e que mais tarde, na pré-adolescência foi enviada à capital, para uma temporada como interna em um colégio religioso (convento) aperfeiçoamento dos estudos e, principalmente, aprender Latim, Francês, artes ensino religioso e outras disciplinas adequadas a moças. (Santana, 2014, p.38 - 39).

A educação formal de Marianna Gonçalves da Luz revela características típicas de seu contexto histórico e social. A passagem indica que sua educação inicial ocorreu em um ambiente doméstico, em companhia dos irmãos e com professores contratados, o que era uma prática comum para famílias com maior poder aquisitivo na época. Essa formação inicial reforça o papel central da família como mediadora do acesso ao conhecimento.

Posteriormente, ao ser enviada para um colégio religioso na capital durante a pré-adolescência, Marianna teve a oportunidade de ampliar sua educação, focando em disciplinas valorizadas na formação de moças de sua época, como Latim, Francês, Artes, Ensino religioso e outras áreas consideradas adequadas para mulheres. Esse período como

interna em um convento reflete uma abordagem educacional voltada para o aperfeiçoamento cultural e moral, além da formação religiosa.

A ênfase em línguas, artes e religião é indicativa de uma educação que visava tanto o preparo intelectual quanto o cumprimento de expectativas sociais e culturais para mulheres. Ao mesmo tempo, a inclusão do Latim sugere que, apesar das limitações impostas ao gênero, Marianna teve acesso a conhecimentos mais eruditos, algo relativamente raro para mulheres do período.

Essa trajetória educacional reflete tanto as possibilidades quanto as restrições enfrentadas por mulheres no século XIX e início do século XX, ressaltando as diferenças no acesso à educação formal de acordo com o gênero e a posição social.

#### 4.2.2 *Caminho Literário*

Como uma figura central na produção literária maranhense, seus escritos não apenas refletem as nuances de sua época, mas também destacam a maneira como ela navegou pelos desafios de ser uma mulher afrodescendente em um ambiente literário predominantemente masculino, branco e elitista. Marianna Gonçalves da Luz, se destacou no cenário literário maranhense, sobretudo nas décadas de 1880 e 1890, tornando-se uma das escritoras mais proativas do estado, colaborando em vários jornais, a exemplo de: *Diário do Maranhão*, *Pacotilha*<sup>8</sup> e *Paiz*.

No início do século XX, publicava em jornais do interior do estado, a exemplo do jornal *Gazete de Codó* e *O Rosariense*. Diante de sua vasta produção, sendo reconhecida por sua trajetória literária é eleita no dia 10 de maio de 1949, para a Academia Maranhense de Letras. Sobre sua eleição para Academia Maranhense de Letras, Santana (2014, p.75) salienta:

Foi muito noticiada, em todos os jornais da época, a eleição de Marianna Gonçalves da Luz à Academia, por vários fatores: era um fato inédito

---

<sup>8</sup> A *Pacotilha*, esteve em circulação por um longo período de tempo, entre os anos de 1880 a 1938, portanto, variou muito em questão de estrutura, tipos de publicação, diretor, redator, tipografia, distribuição e, conseqüentemente, público leitor; aqui será feito um recorte geral de suas informações principais até o ano de 1905 (já que o recorte desta pesquisa se dá entre os anos de 1902 a 1905).

porque era mulher, negra, muito pobre e residente no interior do Estado, antes dela só uma mulher havia chegado àquela casa, a poetisa Laura Rosa, e a Academia Maranhense de Letras, era ainda uma instituição exclusivamente masculina.

No campo literário, Marianna Gonçalves da Luz admite nunca ter se familiarizado com o movimento modernista,<sup>9</sup> posição externada em uma entrevista ao O Imparcial de 1949: ao dizer que: “Esta nossa literatura moderna, não me agrada muito. Prefiro a escola antiga, porque me parece agradar ao coração. Está mesmo mais condizente comigo, sofredora”. (Santana, 2014, p.87). Ainda na entrevista, evidenciou seu apreço pelo simbolismo<sup>10</sup>. Haja vista um cântico a Maria, composto na pastoral de 1932.

Em sua posse na Academia Maranhense de Letras, Marianna Gonçalves da Luz impossibilitada de ler seu discurso, devido está com a visão limitada, solicitou permissão para que este fosse lido pelo professor Mata Roma, acadêmico daquela casa. Do trecho do discurso de posse de Marianna Gonçalves da Luz (Anexo 1) na Academia Maranhense de Letras, podemos identificar a expressão dos seguintes aspectos:

1 - Humildade e Autocrítica: Marianna demonstra humildade ao afirmar que sua entrada na Academia se deve mais à bondade dos que a elegeram do que ao valor literário de sua obra, que ela considera modesta. Ao que se expressa: "Aqui entro mais pela bondade dos que me sufragaram o nome, do que certamente, pelo valor literário da minha obra que, pesada e medida em sã consciência, verifico que é nada".

2 - Valorização da Poesia: Ela expressa um profundo apreço pela poesia, descrevendo-a como um sentimento universal que habita em todos, e destaca a importância da inspiração divina e do esforço diligente na criação poética. O que se pode verificar no seguinte fragmento do discurso:

---

<sup>9</sup> Modernismo é um estilo que caracterizou a maioria das obras literárias do século XX. Ele é marcado pela experimentação e oposição à arte acadêmica. No Brasil, teve início em 1922, com a Semana de Arte Moderna. Essa primeira fase, a mais radical, conta com autores como Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira. A segunda, iniciada em 1930, é composta por poetas como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Já a prosa dessa fase possui romancistas como Graciliano Ramos e Erico Veríssimo. A terceira, iniciada em 1945, traz poemas de Ferreira Gullar e João Cabral de Melo Neto, a poesia concreta de autores como Haroldo de Campos e a prosa de Clarice Lispector e João Guimarães Rosa, (Souza, 2024). Tarsila do Amaral (1886 – 1973) pintora, desenhista, escritora, cronista e tradutora brasileira. Anita Malfatti (1889 – 1964) pintora, desenhista e professora.

<sup>10</sup> Simbolismo: movimento literário do fim do século XIX, o simbolismo propunha um retorno poético ao transcendental e às questões da metafísica abandonados pela objetividade realista. Tendência literária que nasceu na França com as teorias estéticas de Charles Baudelaire (1821-1867) e floresceu principalmente na poesia. O simbolismo quer mergulhar no espírito que se relaciona a algo maior, a uma instância universal, a uma transcendência.

A poesia é para mim, um sentimento que habita em todos nós; mais profundamente em uns que em outros, que nos torna, assim, como que poetas em potencial, à espera somente da centelha divina da inspiração ou da diligência acurada, de que nos fala Bilac nestes versos:

Mas que na forma se desfaça o emprego,  
Do esforço. E a trama se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica, mas sóbria como um templo grego.

3 - Homenagem a Vespasiano Ramos: Marianna presta uma homenagem detalhada a Vespasiano Ramos, o patrono de sua cadeira, destacando sua vida boêmia, talento poético e contribuição significativa para a literatura maranhense. O que se expressa no fragmento:

Cabe-me, neste Cenáculo, ocupar a cadeira patrocinada pelo insigne poeta conterrâneo – Vespasiano Ramos. Poeta dos que foram verdadeiro esbanjador de belezas, Vespasiano Ramos ocupa na vida literária brasileira, um lugar de verdadeiro e merecido destaque.

Que se exalte, que se glorifique, pois, a Vespasiano Ramos. Que ele permaneça vivo na memória de todos os bons maranhenses, porque ele bem merece a consagração da posteridade, pelo muito que contribuiu para a grandeza de Atenas, para o prestígio do nome do Maranhão.

Que se exalte, que se glorifique, pois, a Vespasiano Ramos. Que ele permaneça vivo na memória de todos os bons maranhenses, porque ele bem merece a consagração da posteridade, pelo muito que contribuiu para a grandeza de Atenas, para o prestígio do nome do Maranhão.

4 - Compromisso com a Academia: Ela promete dedicação à Academia Maranhense de Letras, comprometendo-se a trabalhar pelo prestígio e engrandecimento da instituição, em reconhecimento ao seu amor pelo Maranhão e seus ilustres filhos. O que se contempla no fragmento seguinte:

Prometo-vos, entretanto, em troca, a minha dedicação pela salvaguarda do prestígio desta casa, pelo seu cada vez maior engrandecimento, de que é penhor o meu acendrado amor ao Maranhão e ao culto perene aos seus filhos ilustres que de verdes anos me acostumei a tributar.

5 - Gratidão e Reconhecimento: Marianna expressa gratidão pela acolhida e consideração dos membros da Academia, reconhecendo a generosidade e apoio recebidos, e compara sua situação à de um camponês que oferece ao rei o que pode, de coração. Eis a informação:

Meus bons amigos, eu vos agradeço a manifestação carinhosa e honrosa que acabais de fazer-me neste dia em que tenho a ventura de achar-me entre vós, fazendo parte da Academia Maranhense de Letras.

Contam que um grande monarca, visitando seus estados, recebeu dos abastados Joias de fino lavor: [...] E o monarca admirando Das gotas o estranho brilho Diz: deste muito, meu filho Porque deste de coração.

Esses fragmentos ilustram claramente os aspectos apontados, mostrando a humildade, valorização da poesia, homenagem ao patrono, compromisso com a

Academia e gratidão de Marianna Gonçalves da Luz, expressos em seu discurso de posse na Academia Maranhense de Letras.

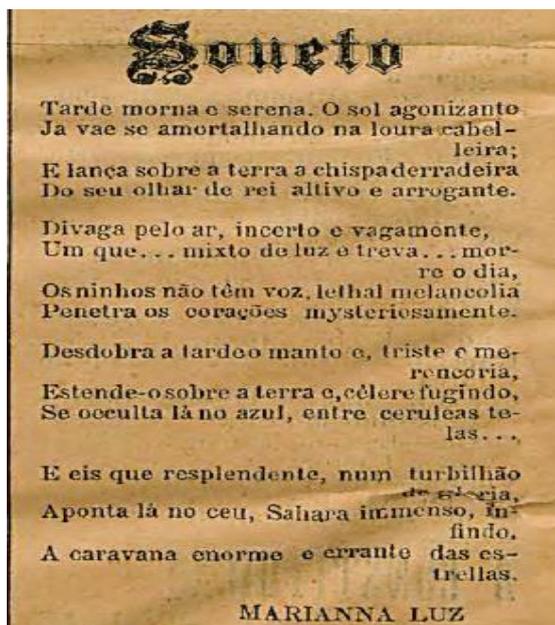
Marianna Gonçalves da Luz buscou ultrapassar as barreiras do sexismo e do racismo, usava sua poesia com o intuito de conscientizar, e como forma de contestação do *status quo*. Em uma publicação do jornal *O Rosariense*, se utiliza do periódico como veículo de denúncia sobre as injustiças sociais, em âmbito local e nacional nos primórdios do século XX. Isto se evidencia conforme Alfredo Bossi (200, p.169):

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos [...]. Resiste ao contínuo 'harmonioso' pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia.

Crysósthomo de Souza (1945) ao referir-se sobre Marianna Gonçalves da Luz, disse que sua vida literária foi sempre das mais fecundas. Acrescentando ainda Marianna Gonçalves da Luz é uma poetisa de apreciáveis produções revestem-se de encantador lirismo, de uma suave musicalidade, em movimnetos de cores e de luz.

Neste contexto, sua poesia e outros gêneros literários tornam-se ferramentas de resistência e expressão, ilustrando como ela utilizou as palavras para transcender barreiras sociais e culturais. A análise aqui apresentada busca iluminar as contribuições de Marianna Gonçalves da Luz, tanto para o cenário literário local quanto para a formação de uma identidade cultural mais ampla no Maranhão. A seguir trazemos a imagem (Fig.02) de uma das publicações de Marianna no Jornal O Rosariense:

Figura Soneto



**Fonte:** O Rosariense, fevereiro de 1903.

Este é um soneto, cuja maioria dos versos são alexandrinos, com exceção do 2º, do 4º e do 5º, que possuem, respectivamente, 13, 9 e 11 sílabas poéticas. Todos os alexandrinos do poema possuem acentuação na 6ª e 12ª sílabas, exceto o 12º que possui E.R. 5-12. Os versos do poema, no geral, são polimétricos, alguns possuindo 9, outros 10, outros 11 e outro até 12 sílabas poéticas, de 5, 6 e 7 sílabas, e, portanto, também possuem acentuação e esquema rítmico diversos. O esquema de rimas é ABBA, CDDC, DEF, DEF: as rimas A, C e F são interpoladas; as rimas B e as rimas D da segunda estrofe são emparelhadas, enquanto as rimas D das duas últimas estrofes se interpolam. (Marinho, 2019, p.49)

Trazemos ainda o poema O Incêndio, uma representação da sensibilidade de Marianna Gonçalves da Luz, em relação ao sofrimento humano, visto ter escrito o mesmo em virtude do incêndio ocorrido na cidade de Codó. A seguir o Poema *O Incêndio* publicado em O Rosariense (1903, p.03):

### O INCÊNDIO

Calmo e sereno o dia despontara,  
 Uma nuvem sequer não empanara  
 Do sol inda o fulgor

Das aves o concerto em harmonia  
Casava-se aos rumores da alegria  
Da vida no labor  
Calm e sereno o dia. Eis de repente  
Um grito angustioso e estridente  
Abala os corações  
Fogo!... Gagueja a turba espavorida  
Vendo a espiral de fumo denegrada,  
Torcer-se em turbilhões.  
Nuvens escuras, tétricas imensas  
Ocultavam o céu, em ondas densas,  
A tela multicolor.  
Embaixo, como uma Etna inflamado  
Rugia o incêndio indômito cerrado  
Que horror, meu Deus! Que horror!  
Nos rostos contraídos se estampava  
Traços profundos, que o terror cavava,  
De dor e de aflição.  
E o vento impetuoso e inclemente,  
Soprava, ateando impiedosamente  
Cruel destruição.  
Nada mais resta já! Petrificados  
Os naufragos do horror olham pasmados  
Ao donde frenesi, ao caos horrível  
Sucedo o pranto forte, inextinguível,  
Que aos tristes atrofia.

Este poema foi encontrado no periódico O Rosariense, na edição de número 34, página 3, de 21 de dezembro de 1903, apesar de ter sido escrito ou, ao menos, enviado à redação do periódico a 1º de setembro do mesmo ano, como consta assinalado no fim do texto. (Santana (2014). O poema *Incêndio* foi escrito e recitado no teatro Phenix de Caxias, em 1894, em benefício às vítimas de um terrível incêndio que acometeu a cidade do Codó em 19 de setembro daquele ano.

Marianna Gonçalves da Luz se destacou no cenário literário maranhense, sobretudo nas décadas de 1880 e 1890, tornando-se uma das escritoras engajadas no simbolismo e mais proativas do estado, colaborando em vários jornais de São Luís, a exemplo de: Diário do Maranhão, Pacotilha e Paiz. O movimento simbolista brasileiro incorporou os procedimentos composicionais do simbolismo francês, subjacendo uma literatura com aspectos mais religiosos e litúrgicos, envolvendo, posturas místicas, espirituais, intuitivas e transcendentes. No Brasil, temos como expoentes desse movimento, destacam-se: Cruz e Souza (1863- 1889); Costa Guimarães (1870 – 1921); Rodrigues dos Anjos (1884 – 1914), por exemplo.

Quando do declínio do romantismo, em 1881, Marianna Gonçalves da Luz estava com 10 anos de idade, mesmo muito nova, não deixou de ser influenciada por esse movimento literário, tinha uma grande admiração pelo poeta Gonçalves Dias (1823 – 1864), o qual publicou no Diário do Maranhão em 20.11.1897, uma homenagem:

### **À MEMÓRIA IMPERECÍVEL DE GONÇALVES DIAS**

Vinha riompendo alegre e rósea a madrugada  
 Envolta num sendal de neve prateada.  
 Na tela do infinito, imenso e azulina  
 Tremeluzia ainda Vésper diamantina.  
 Que nas vagas revoltas do mar cavo e gemente  
 Refletia do céu a face refulgente.  
 Singrando o velho oceano, o traiçoeiro amigo.  
 Eis se aproxima um barco em busca de abrigo.  
 Dentro um vate a cismar, o todo esmaecido.  
 Alonga na amplidão o olhar enlanguescido.  
 Vem em busca de lar, da pátria bem-amada.  
 Onde em tarde serena a brisa perfumada.  
 Perpassa pelos leques viventes das palmeiras  
 Em que os plumeo cantor das selvas brasileiras  
 O sabiá, canoro desencanta, em harmonia

Toda gama de sons com a que saúda o dia.

E nem seguindo o barco. Mas ó fatalidade!

Ó destino cruel! Com fria impiedade

Escancara o oceano a face monstruosa

E dorme na voragem a vida preciosa.

Do cantar genial. Depois indiferente

Quedou-se o velho mar, guardando eternamente

No imo do seu seio, imenso e tão profundo

Que gênio imortal que abrilhantou o mundo.

Ela dorme o poeta. As ânsias derradeiras

Só teve a lhe escutarem as vagas traiçoeriras

Prateadas à luz da eterna peregrina

Que em noites ideais de palidez divina.

Tantas vezes beijou-lhe a fronte acismadora

Onde irradiava a chama imorredoura

Do estro sem igual! A prece lhe escutara,

O Deus, que no exílio um dia ele invocava

Partindo-lhe da vida as cordas derradeiras

Em águas do Brasil, e a vista das palmeiras.

O poema transcende a descrição do episódio trágico para abordar questões universais, como a luta do ser humano contra forças maiores e a busca por significado na vida. A imagem do poeta perdido no mar sugere que a genialidade, mesmo imortalizada na arte, é vulnerável às contingências do destino. Este poema combina lirismo, tragédia e idealização para criar uma narrativa profundamente emocional. Ele dialoga com os valores românticos ao exaltar a pátria e a figura do poeta como um ser excepcional, mas exposto às fragilidades humanas. A obra convida o leitor a refletir sobre o valor da vida, o poder da arte e os mistérios do destino.

Marianna Gonçalves da Luz, através desse poema faz uma homenagem a Gonçalves Dias, trinta e três anos após sua morte, cuja sua publicação no Diário do Maranhão data de 20.11.1897. A poeta faz alusão à sua viagem de regresso ao Maranhão, que não se concretizou devido ao naufrágio do navio *Ville de Boulogne*, próximo à região

do baixio dos Atins, a baía, município de Guimarães. Faz menção aos elementos da natureza, contemplando-a e ao mesmo tempo adjetiva o oceano como traiçoeiro, face monstruosa dentre outros.

Necessário trazer às memórias as características das escolas literárias, bem como seus maiores expoentes brasileiros, nos propiciando a análise da produção literária de Marianna Gonçalves da Luz, bem como as influências dessa produção, no universo literário brasileiro.

No que concerne às escolas literárias, tem-se o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo (1881-1893). Sobre o Realismo, tem como características: objetividade, temática social, linguagem objetiva, tendo como expoente desse estilo: Machado de Assis, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); quanto ao Naturalismo, traz como características: linguagem mais próxima da coloquial, temática polêmica, seu expoente é: Aluizio de Azevedo com a obra, *O Mulato* (1881); o Parnasianismo caracteriza-se a partir da arte pela arte, culto à forma explicitada, presente na obra de Olavo Bilac, com o *Tratado de Versificação* (1905).

O advento do simbolismo está contextualizado no período pós-Revolução Industrial, em que houve uma valorização da razão por parte do ser humano, resultando na aceitação do Positivismo de Comte, do Determinismo de Taine e do Evolucionismo de Lamarck e Darwin, ao mesmo tempo em que se desconsiderou a metafísica.<sup>11</sup> No que tange à espiritualidade enquanto uma das características do simbolismo, o período de 1893 a 1910 é marcado pela subjetividade, espiritualidade e misticismo, sendo Cruz e Souza um dos representantes desse estilo literário, com sua obra *Tropos e Fantasias* (1885); Alphonsus de Guimarães, por meio da obra *Kyriale*; e Augusto dos Anjos, com a obra *Eu*, trazendo à tona um cântico a Maria, composto na pastoral de 1932.

Para entendermos a atuação de Marianna Gonçalves da Luz, a sua produção literária e situarmos as publicações, se faz necessário trazer um pouco do percurso histórico da imprensa periódica com sua importância, tanto no Brasil, como no Maranhão, situando suas publicações em periódicos comerciais e literários, como forma de divulgação de sua obra.

---

<sup>11</sup> Vem do grego metaphysis, que significa além da física ou além da natureza. Os primeiros estudos sobre essa linha de conhecimento foram iniciados por Aristóteles. (Aristóteles, 2002).

Os estudos sobre a imprensa periódica no Brasil ganharam relevância e *status* de documento, configurando-se como fonte inesgotável de pesquisa, de onde se pode extrair dados e informação, a fim de resgatar a memória política, literária e sociocultural de uma sociedade em determinada época. A relevância da imprensa periódica como fonte<sup>12</sup> na construção de informações, garantindo o repertório de uma época:

Os impressos representam significativos mananciais de informações sobre o repertório de uma época e sobre os usos que dele faziam seus colaboradores. Nele se fazem presentes projetos, opiniões, conflitos e debates, que apontam a complexidade dos interesses e experiências dos indivíduos e dos contextos em que se inscrevem (Silva; Nascimento; Zica, 2010, p.223).

Assim, o jornalismo chegou ao Brasil por ocasião da vinda da família Real em 1808, nos séculos XIX e XX, tornou-se importante instrumento de divulgação da literatura nacional. Conforme Capelato (1988, p.38):

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, agitou a sociedade e dentre as várias modificações ocorridas nessa época, apontamos a criação da Imprensa Régia, fato que favoreceu o surgimento de inúmeros jornais na Capital do Reino e também nas províncias: Bahia, Pernambuco, Maranhão, São Paulo.

Cabe ressaltar que as atividades da imprensa<sup>13</sup> relativas às publicações de panfletos, livros e jornais ficaram proibidas no Brasil antes do período de 1808. Com a maior circulação, divulgação, o acesso aos periódicos ficou mais tangível, possibilitando aos autores a publicação de textos de sua autoria, alcançando uma maior quantidade de leitores.

No Maranhão, os serviços tipográficos chegaram no ano de 1821, com isso em pouco tempo, esse estado tornou-se um dos mais produtivos centros de imprensa no *ranking* nacional, perdendo apenas para o Rio de Janeiro. Eram publicados textos em âmbito nacional e internacional, com isso os jornais maranhenses tornavam-se um

---

<sup>12</sup> A noção de fonte é originária do cientificismo que prevalecia no século XIX, preocupada que estava a História com a descoberta dos fatos verdadeiros. Fonte é uma metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d'água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram esse conceito, no francês, source, e no alemão, Quell. Todos se inspiraram no uso figurado do termo fons (fonte) em latim, da expressão "fonte de alguma coisa", no sentido de origem, mas com um significado novo. Assim como das fontes d'água, das documentais jorrariam informações a serem usadas pelo historiador (Funari, 2006, p.85).

<sup>13</sup> A imprensa surgiu no século XV, após a invenção da primeira máquina de impressão pelo alemão Johannes Gutenberg, e que, apesar de acometida um período ou outro por falta de capital comercial e por censuras (como na época da inquisição, por exemplo), ela se difundiu e serviu à ascensão burguesa nas metrópoles colonialistas no século XVI e seguintes, pode-se dizer que no Brasil ela surgiu tardiamente, passando a ter atividade relevante somente quatro séculos mais tarde. Inicialmente é necessário entender o porquê desse retardamento, para depois chegar às vias de fato da instalação e motivação da tipografia no Brasil, e ao como ela se desenvolveu ao longo do seu primeiro século no país. (Marinho, 2019, p15)

ambiente fértil para divulgação da literatura da época, convertendo-se em um importante difusor da cultura maranhense.

Além de ter importante papel na imprensa periódica maranhense, final do século XIX e começo do século XX, Marianna Gonçalves da Luz, escreveu para importantes jornais da época, como correspondente, além de colaboradora de jornais de algumas municípios do estado. Também escreveu eventualmente para o jornal *Gazeta de Petrópolis*, do Rio de Janeiro.

Não se percebe na escrita de Marianna Gonçalves da Luz espaço de denúncia em relação ao apagamento e invisibilidade das mulheres no seu cotidiano, mesmo tendo sede pela atividade intelectual, ela não utilizava a imprensa com o objetivo de manifestar sobre subjugação da mulher na sociedade de sua época. Uma postura compreensível, visto que essas são discussões recentes. Contudo, toda postura de Maria Gonçalves da Luz contempla uma ação embrionária da luta contra a subjugação feminina.

Em relação ao desenvolvimento jornalístico e literário do Maranhão, reconhecido como uma província rica e próspera durante o período colonial, observa-se que o interesse pela atividade intelectual precedeu a introdução da tipografia. Nesse contexto, a fundação do jornal *Conciliador do Maranhão* representa um marco, uma vez que se tratava de um periódico manuscrito, elaborado de maneira artesanal, sendo assim considerado o primeiro jornal do estado.

Dessa forma, iniciava-se o intenso movimento tipográfico na província do Maranhão, o qual foi fundamental para a formação da sociedade letrada maranhense, sendo caracterizado não apenas pelo jornalismo informativo, mas também pela atuação dos políticos e literatos. Os anos de 1821 a 1823 foram marcados por grandes atividades políticas que se refletiram no crescimento da imprensa regional e nacional. Dada a circulação de diversos periódicos, considerados um modesse permento<sup>14</sup> próspero para o jornalismo maranhense, atingindo sua maturidade e se firmando em definitivo na sociedade local da época.

---

<sup>14</sup> No contexto apresentado, a expressão "modesse permento" parece ser um erro tipográfico ou de transcrição, provavelmente destinada a expressar algo como "modo e instrumento" ou "movimento permanente". O sentido geral sugere que os periódicos eram considerados um meio ou uma base fértil para o desenvolvimento do jornalismo maranhense, contribuindo para sua consolidação na sociedade da época. (Barros, 2022)

O trecho proposto revela um panorama sobre o papel da imprensa entre 1821 e 1823, período marcado por intensas atividades políticas que contribuíram para o crescimento e a consolidação do jornalismo no Maranhão. A reflexão apresenta pontos relevantes, mas também abre espaço para algumas questões e considerações, destaca que o fervor político do período foi um motor para o desenvolvimento da imprensa.

Isso é historicamente consistente, pois momentos de transformação política frequentemente estimulam debates públicos e demandam meios de comunicação para divulgar ideias, agendas e eventos. Com isso, o jornalismo maranhense atingiu sua maturidade e se firmou na sociedade local, o que indica a importância do período para o fortalecimento de uma imprensa que refletia interesses e identidades regionais.

O período de 1821 a 1823 foi, de fato, significativo para o desenvolvimento da imprensa no Maranhão e no Brasil. No entanto, é fundamental aprofundar a análise histórica, contextualizando os fatores que contribuíram para o crescimento da imprensa e refletindo sobre os desafios enfrentados. Um exame crítico mais detalhado permitiria compreender melhor a atuação desses periódicos no cenário político e social da época.

Pinheiro (2007), ao discorrer sobre a atividade periódica desse período menciona que:

Iniciada no Norte do território, a implantação da letra impressa percorreu em seguida o leste e o centro, chegando ao sul e, por fim, ao oeste, região que somente obteve crescimento econômico acentuado em meados do século XX. No interior, a marcha dos jornais seguiu lenta, pois as motivações sociais, culturais, políticas e econômicas sustentadoras da vinda tardia dos impressos continuaram a predominar na maioria das cidades. A interiorização da imprensa seguiu os passos da imprensa crescimento socioeconômico, centrado na capital e calcado no modelo essencialmente exportador até as primeiras décadas dos anos 1800, quando foi abalado pelas mudanças no mercado externo. (Pinheiro, 2007, p. 45).

Desta forma, a obra poética de Marianna Gonçalves da Luz transcende uma simples expressão de sentimentos, configurando-se como um retrato profundo e multifacetado dos dilemas humanos em um período de intensas transformações sociais e culturais. Sua escrita reflete uma sensibilidade aguçada para temas universais, como sofrimento, solidão, tristeza e o amor impossível, entrelaçando-os com elementos do ambiente natural e explorando as nuances emocionais de dor e morte. Esse mergulho nas profundezas do ser humano revela uma voz literária que, embora imersa nas contradições de seu tempo, alcança uma universalidade que dialoga com leitores de diferentes épocas.

A poesia de Marianna Gonçalves da Luz se distingue por sua capacidade de capturar o imaginário de uma sociedade em transição. Em um Maranhão marcado pelas desigualdades sociais e pela resistência cultural, suas imagens poéticas oferecem não apenas consolo, mas também reflexão. Através de uma linguagem rica e elaborada, suas obras exploram as tensões entre o individual e o coletivo, o finito e o eterno, a dor pessoal e os desafios sociais. Em suas mãos, a natureza deixa de ser apenas cenário e torna-se personagem, um espelho das emoções humanas e uma testemunha silenciosa das angústias e esperanças de sua época.

A análise crítica de sua obra exige que se vá além do conteúdo poético. A trajetória de Marianna Gonçalves da Luz como uma mulher negra e escritora no Maranhão do século XIX e início do XX amplia o impacto de sua poesia, pois insere sua produção no contexto das lutas sociais e culturais de seu tempo. Sua obra não é apenas um espelho de suas experiências individuais, mas também um testemunho resiliente de resistência cultural e intelectual frente a um cenário de opressão e exclusão. Nesse sentido, sua poesia deve ser lida não apenas como um ato de criação artística, mas também como uma declaração política e um marco na história literária maranhense.

*Murmúrios* de Marianna Gonçalves da Luz, publicado, postumamente em 1960, é uma obra que cristaliza a profundidade e a sensibilidade de sua poesia, revelando um legado literário que transcende seu tempo e espaço. Trata-se de mais um marco na literatura maranhense, não apenas pela qualidade estética, mas também pelo simbolismo de sua publicação em um contexto que historicamente silenciou vozes femininas e negras. A obra é uma janela para a alma inquieta de Marianna Gonçalves da Luz e para o cenário cultural de Itapecuru Mirim e do Maranhão na virada do século XIX para o XX.

A poesia em *Murmúrios* caracteriza-se por um lirismo introspectivo e por uma profunda conexão com os dilemas humanos e a paisagem natural. O título já antecipa a temática da obra: murmúrios são sons suaves, discretos, que evocam confidências ou reflexões. Da mesma forma, os poemas de Marianna Gonçalves da Luz dialogam com o leitor em um tom íntimo, conduzindo-o por temas como solidão, amor não correspondido, melancolia, e a inevitabilidade da morte.

Seu estilo literário é marcado por uma linguagem refinada e pela construção de imagens que misturam o sublime e o cotidiano. As metáforas que utiliza são profundamente enraizadas na natureza, conferindo à paisagem maranhense um papel quase espiritual em sua obra. Os rios, árvores e montanhas não são meros cenários, mas

participantes ativos no diálogo existencial que permeia seus versos. Essa abordagem ressalta a influência do romantismo e do parnasianismo em sua formação literária, mas com um toque de originalidade que a coloca em um espaço único dentro da tradição poética brasileira.

O ritmo de seus poemas, por sua vez, revela uma habilidade técnica que combina métrica clássica com uma fluidez emocional. Embora seja evidente sua busca pela perfeição formal, característica do parnasianismo, *Murmúrios* também apresenta momentos de subjetividade e introspecção que se alinham ao simbolismo, refletindo as inquietações de sua autoria diante das transformações sociais e culturais de seu tempo.

Ao ser admitida na Academia Maranhense de Letras como a segunda mulher a integrar a instituição, Marianna Gonçalves da Luz quebrou barreiras e pavimentou o caminho para futuras gerações de mulheres escritoras no Maranhão. Seu livro *Murmúrios* consolidou sua relevância dentro da instituição, sendo uma obra que dialoga tanto com os valores literários tradicionais quanto com a necessidade de novas perspectivas na literatura maranhense.

Para Itapecuru Mirim, sua obra representa um ponto de orgulho cultural. A poesia de Marianna Gonçalves da Luz captura a essência do cotidiano e da alma de sua terra natal, oferecendo aos leitores uma visão autêntica e sensível da realidade maranhense. Sua atuação não se limitou à literatura; como dramaturga, musicista e professora, ela ampliou os horizontes culturais de sua cidade, tornando-se uma figura central na promoção das artes e da educação.

*Murmúrios* é uma referência fundamental para estudos sobre a literatura maranhense, especialmente em debates que abordam a inserção de mulheres e afrodescendentes na produção literária de sua época. A obra permite revisitar os papéis de gênero e raça no campo cultural, sendo um ponto de partida para análises sobre a luta por visibilidade em uma sociedade patriarcal e elitista.

Além disso, a publicação póstuma do livro ressalta a relevância de esforços para resgatar memórias históricas e literárias que muitas vezes permanecem à margem. *Murmúrios* não é apenas uma coleção de poemas; é um documento histórico que registra a complexidade de uma vida dedicada à arte, à educação e à transformação social.

Em suma, o livro *Murmúrios* e a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz oferecem um legado literário e cultural inestimável. Sua poesia, rica em simbolismo e reflexões, transcende as barreiras de seu tempo, enquanto sua contribuição para a

Academia Maranhense de Letras e para a cultura de Itapecuru Mirim continuam a inspirar e influenciar novos leitores e pesquisadores.

Marianna Gonçalves da Luz, com sua vasta produção literária, crônicas, peças teatrais, fez com que, por exemplo, Cryssóstomo de Sousa (1945) descrevesse sua trajetória literária presente na obra *Páginas da Saudade* (1945) da seguinte forma: “Sua trajetória literária foi sempre das fecundas expressões literárias, compreendendo em dois períodos: e sua mocidade em que lhe esmerou a verve poética e o período de sua vida trabalhosa” (Sousa, 1945, p.127), certamente no tempo em que faleceu o pai, a poeta dispunha de poucos recursos para subsistência.

Ainda Santana (2014), no livro *Marianna Gonçalves da Luz – vida e obra e coisas de Itapecuru-Mirim*, na parte dois, intitulada *A obra de Marianna Gonçalves da Luz*, organizou a referida obra na seguinte disposição: *Livros I, II, III IV e V. O livro I inicia a obra da poeta* com crônicas, já o livro II é intitulado, *Folhas Soltas*. Consta de um poema, dedicado a também poeta Laura Rosa. Nesse poema, Marianna Gonçalves da Luz expressa seus sentimentos, suas angústias e dores, perpassando um tom melancólico e pessimista, denotando aspectos subjetivos de sua obra, bem como à descrição de sentimentos, acredita-se que quando a poeta externa: “Deus fez a alma feminina fadada” se referiu aos desafios enfrentados pelas mulheres num contexto machista, sexista e misógino, reflexões a serem analisadas na atualidade.

Conforme Oliveira e Quevedo a mulher em Marianna, não é:

Aquela mulher que os poetas cantam, elevando virtudes e traçando curvas em poemas cheios de sensualidade. A mulher de Marianna é a outra, mai real, mais verdadeira e não aquela idealizada. A mulher em Marianna demonstra seus próprios sentimentos, uma alma angustiada pelas decepções, mas ainda capaz de ter esperanças. Falando de mulheres e de flores, ela cria sentimentais e melancolias poesias como “Flores Murchas”, “Flor que Morre”, “Rosa Murcha”. A poetisa como uma mulher de seu tempo, recebeu educação rígida dentro dos moldes de uma sociedade machista e de rigor católico e condena em seus versos o comportamento de algumas mulheres tidas como levianas, e gestos fementindo, falsas, que se entregam aos prazeres mundanos. São sedutoras como em “Pérfida” e carregam a representação negativa da figura feminina. Também se percebe essa outra faceta feminina em “Anjo Decaído”. (Oliveira e Quevedo, 2018, p.332)

A análise crítica apresentada por Oliveira e Quevedo sobre a poesia de Marianna traz à tona questões relevantes relacionadas à figura feminina em sua obra e ao contexto sociocultural em que a poetisa estava inserida. Há vários pontos que podem ser destacados e discutidos. A crítica evidencia como Marianna rompe com a visão idealizada da mulher frequentemente presente na literatura, particularmente na poesia romântica e

patriarcal, ao mostrar a mulher como um ser humano completo, com emoções e imperfeições. Ao mesmo tempo, porém, ela parece reforçar estereótipos negativos ao condenar comportamentos femininos considerados levianos. Essa dualidade reflete tanto a tentativa de subverter o ideal feminino quanto os limites impostos por sua formação e contexto social. Diante do exposto percebe-se fragmentos do feminismo, na obra de Marianna Gonçalves da Luz.

A autora expressa sua angústia e desilusões, mas também mostra a capacidade de esperança em suas poesias. Obras como *Flores Murchas* e *Rosa Murcha* trazem uma melancolia que dialoga com as experiências pessoais de Marianna e possivelmente com as limitações enfrentadas pelas mulheres de sua época. A metáfora das flores parece ser um símbolo recorrente de fragilidade, efemeridade e transformação, características que Marianna associa às mulheres. A poetisa, moldada por uma educação rígida e valores católicos, adota uma postura crítica em relação a mulheres que escapam dos padrões morais tradicionais. Termos como "levianas" e "falsas" são usados para caracterizar figuras femininas como em *Pérfida* e *Anjo Decaído* (conforme anexos 13 e 14), evidenciando uma visão moralista e a internalização de preconceitos da época. A análise mostra como o machismo e o rigor católico influenciaram a obra de Marianna. Esses fatores podem ter contribuído para a internalização de valores que limitavam a percepção da liberdade feminina, ao mesmo tempo em que incentivavam o julgamento de comportamentos vistos como transgressores.

A poesia de Marianna se apresenta como um espaço de resistência e perpetuação de valores. Se, por um lado, ela humaniza a mulher ao mostrar seus sentimentos, por outro, reforça as divisões tradicionais entre a mulher virtuosa e a mulher sedutora. Essa ambiguidade é característica de mulheres escritoras da época, que frequentemente precisavam equilibrar suas críticas sociais com os valores que lhes foram impostos. Em suma, Oliveira e Quevedo nos convidam a observar como Marianna dialoga com os conflitos de sua época. Sua obra é, ao mesmo tempo, um reflexo da opressão e uma tentativa de transcendê-la. Para compreendê-la plenamente, é essencial situá-la no contexto histórico e cultural, reconhecendo suas contribuições e limitações enquanto uma voz feminina em um cenário amplamente dominado por perspectivas masculinas.

Em 1990, por iniciativa do jornalista Benedito Bogéa Buzar, seu ex-aluno e Secretário Estadual de Cultura, a época, foi reeditado o livro *Murmúrios*, que é o título

do livro III, num total de 49 sonetos, dos quais destacamos, o que dá título a obra. Este foi publicado pelo Jornal Pacotilha, em 29.05.1891.

### MURMÚRIOS

Por entre a espessa e sombria  
Folhagem do arvoredado  
Murmura a brisa um segredo,  
Que Deus escuta no céu  
A tarde expira silente  
Com o pipilo inocente  
Do passarinho contente  
Em busca do ninho seu  
Além, no rubro horizonte  
A lua bela e formosa  
Vem surgindo majestosa  
Em marmórea palidez  
E os pirilampos luzindo  
Quando o dia vai fugindo  
Semelham flores caindo  
Das mãos do Eterno, talvez  
A leve brisa que passa  
Doente pela selva  
Espalha por sobre a relva  
O doce aroma das flores  
E os mimosos passarinhos  
Na tepidez de seus ninhos  
Trocam meiguices, carinhos.

O poema é escrito em versos rimados, em que a musicalidade e a cadência da leitura são cuidadosamente trabalhadas. As rimas, predominantemente cruzadas e alternadas conferem ao texto uma fluidez e uma sensação de harmonia. Além disso, o uso de métricas regulares reforça a serenidade e o caráter contemplativo da obra.

A natureza desempenha o papel central no poema, sendo descrita com um tom reverente e espiritual. Elementos como a brisa, o arvoredo, o pô do sol e os passarinhos são tratados com delicadeza e quase humanizados, evocando uma conexão entre o humano, o divino e o mundo natural. A imagem dos "pirilampos luzindo" como se fossem "flores caindo das mãos do Eterno" é especialmente simbólica, sugerindo um universo ordenado e belo, como obra de Deus.

O poema apresenta características do Romantismo, como a exaltação da beleza natural e a melancolia suave, perceptível na imagem da tarde que "expira silente". O tom introspectivo e a valorização de detalhes bucólicos aproximam o leitor de uma experiência subjetiva e emocional. A descrição é rica em detalhes sensoriais, envolvendo a visão, o olfato e a audição. O leitor é levado a sentir o ambiente descrito, como na menção à "brisa doente pela selva" e ao "doce aroma das flores". Essa capacidade de transportar o leitor para o cenário reflete o cuidado estético do poeta em capturar a essência do momento.

O poema sugere uma dimensão espiritual ao observar a natureza, como na referência a Deus escutando o segredo da brisa no céu. Há uma tentativa de transcender o mundo físico, interpretando os fenômenos naturais como manifestações divinas ou reflexos de algo maior e sublime. O poema se concentra em um momento fugaz, a transição entre o dia e a noite, que simboliza mudanças e finitude, apesar de contemplativo, o texto sugere uma leve melancolia, especialmente no uso de termos como "silente" e "expira". A lua, descrita como "bela e formosa" em sua "marmórea palidez", pode simbolizar tanto beleza quanto mistério, reforçando o caráter sublime do cenário.

*Murmúrios* é uma obra que convida o leitor a um olhar atento e sensível para o mundo natural, despertando emoções de encantamento, serenidade e transcendência. O poema não apenas descreve a natureza, mas a eleva como fonte de inspiração e como reflexo de algo divino, inserindo o humano em uma relação íntima e harmoniosa com o cosmos.

Por fim *Murmúrios* é um convite à contemplação e à apreciação da natureza como um espaço de harmonia e espiritualidade. Embora o estilo possa parecer datado para leitores contemporâneos, ele preserva a beleza de uma tradição literária que valoriza o lirismo e a conexão com o transcendente. A obra destaca a importância de enxergar o extraordinário no ordinário, encontrando significado nos murmúrios sutis da natureza. Se

desejar, posso aprofundar a análise em algum aspecto específico ou relacionar o poema com correntes literárias, como o Romantismo ou o Simbolismo.

O livro IV é composto de orações, para diversas ocasiões, objetivando atender as diversas situações da vida. Observa-se que é uma demonstração da sua mística e sua inserção na comunidade religiosa da paróquia de Nossa Senhora das Dores pelos itapecuruenses.

Meu Jesus, que minha alma seja alva como um rio eucarístico. Dê-nos a santa fortaleza, por intermédio de vossa mãe, Nossa Senhora das Dores [...] Abençoai-nos, Mãe adorada, e aceitais as insignificantes homenagens que oferecem os seus filhos extremosos da paróquia da Virgem das Dores, Ssnta Padroeira de Itapecuru. E a Vósque nos dirigimos neste momento, que temos a sorte de sermos filhos teus, abençoai esta adorável nesga de terra onde reinais como Soberana rainha e diante de vossa sagrada imagem, suplicamos do íntimo dos nossos corações, que façais que o Vosso amado Jesus ouça nossas preces. Amém, (Santana, 2014, p.352-353).

O livro V foi organizado com cantos litúrgicos, para serem utilizados nas celebrações litúrgicas, como festejos, procissões entre outras. Evidenciamos:

### **HINO À NOSSA SENHORA DAS DORES**

Nossa Senhora das Dores,  
 Virgem Mãe imaculada,  
 Escutai as nossas preces  
 Ó senhora Angustiada,  
 Pelo sangue precioso  
 Que Jesus derramou na Cruz  
 Escutai as nossas preces  
 O' Virgem Mãe de Jesus  
 Por vossas benditas mágoas  
 Vossas dores e agonia  
 Escutai as nossas preces  
 O 'Doce Virgem Maria  
 Sede sempre com a senhora das Dores.  
 (Santana, 2014, p.363)

O poema religioso exalta a figura de Nossa Senhora das Dores, enfatizando sua intercessão e compaixão diante das dores de Cristo na cruz. Enquanto o primeiro

poema é mais devocional e simbólico, o segundo destaca-se por sua capacidade de descrever e transportar o leitor a um cenário bucólico. Ambos possuem valor em seus contextos, mas o segundo apresenta maior sofisticação no uso da linguagem poética. Por outro lado, o primeiro pode ter um apelo emocional mais forte para um público religioso.

Ao analisar o poema de Marianna Gonçalves da Luz, o poeta Leslie Tavares critica o sofrimento subjacente de seus versos nos sonetos: *Resposta e Replicando*, aos quais a poeta replica dizendo “foi engano teu” (Conforme anexos 16 e 10).

Conforme Neres (2012), mesmo tentando negar sua condição de poetisa de versos tristes, o engenho poético desdiz suas palavras, pois seus versos são carregados de tristeza e melancolia. Para Tolomei (2019, p.44).

Com Maria Firmina dos Reis, outras vozes saem do ostracismo, sendo descobertas e divulgadas ao público atual, como é o caso da escritora maranhense Marianna Gonçalves da Luz (1871-1960), teve importante papel na imprensa periódica do Maranhão do final do século XX, com diversas publicações, sobretudo poéticas, porém esquecida dos compêndios literários.

Conforme, Tolomei (2019), Marianna Gonçalves da Luz exerceu uma prática de leitura feminina sociopolítica, que vai desconstruindo o discurso dominante que nos leva pensar sobre a necessidade de visibilizar a atuação dessas mulheres negras professoras na primeira república principalmente na imprensa. Pois:

A historiografia literária brasileira, habitualmente, registra a produção dos escritores reconhecidos e elogiados em sua época. Os casos dos esquecidos no seu tempo e depois dele tornam-se objeto de descaso, não sendo contemplados por parte dos manuais de literatura brasileira, os quais foram construídos, a partir do século XIX, com base nos mecanismos estabelecidos pelo cânone eurocêntrico hegemônico, isto é, branco e masculino, resultando em uma presença rarefeita de autoria negra, sobretudo, autoria negra feminina. (Tolomei, 2019, p.42-43)

Na busca por protagonismo e se desvencilhando da situação de subalternidade, as mulheres, das diversas etnias e classes sociais, conquistam espaços que até então eram reservados aos homens, como por exemplo o jornalismo no final do século XIX e começo do século XX em nosso país. A literatura de autoria feminina no Brasil tem:

Um significativo histórico de apagamento que, independentemente da qualidade estética, era marginalizada por fatores raciais, sociais e de gênero. Desse modo, todo e qualquer revisionismo feminino é a “desconstrução de parâmetros, estratégias e ideologias antigos, inclusive literários, para que se forme um novo sistema de relacionamento social, baseado em uma nova mentalidade, sem hierarquização, dominação e binarismo” (Bonnici, 2007, p. 231).

Na conquista desse espaço, Tolomei: afirma que:

A autora negra Marianna Gonçalves da Luz, tal qual sua conterrânea mais ilustre, rompeu as correntes do preconceito e não se retraiu, sendo escritora, teatróloga, professora, artesã e oradora em meio à plena dominação social do patriarcado branco. Mariana, apesar de aclamada na época, faleceu antes de ver as páginas de seu único livro – uma coletânea de seus principais poemas divulgados em diversos jornais do Maranhão e de outros estados brasileiros no fim do século XIX e início do XX –, intitulado *Murmúrios* (1960). (Tolomei, 2019, p.44)

Marianna Gonçalves da Luz compôs hinos e cantos litúrgicos, além de orações a santos, sua produção compreende uma variedade de gêneros literários, que será aprofundada mais adiante.

### **CÂNTICO A MARIA**

Espírito perfeito  
 Ó forte benfazeja  
 Se és do seu seio  
 Que em breve vais brotar  
 Bendito seja sempre  
 O pranto dolorido  
 Que foi por te vertido  
 Na ânsia de te amar  
 Tu és a Redenção  
 Há muito anunciada  
 Bendigna a tua vinda,  
 Por mim entras no mundo  
 Perfeito ser dos seres  
 Bendita entre as mulheres  
 Serei por teu amor.

O poema *Cântico a Maria* é uma bela composição de louvor que reflete o profundo impacto da figura mariana na espiritualidade cristã. Embora simples em sua estrutura, sua força reside na emoção devocional e na musicalidade da linguagem, que tornam a obra um exemplo de poesia litúrgica.

Do ponto de vista dos temas, a poesia simbolista foi bastante eclética e rica, versando sobre o lirismo amoroso de feição espiritual e platônica, o misticismo cristão, o ocultismo, o paganismo, o intimismo, o penumbismo. E diversos outros. A escrita de Marianna Gonçalves da Luz evolui e atinge uma atmosfera

altamente intimista, perpassando pelo tom melancólico e pessimista tão comum aos simbolistas. Muitos de seus versos são elaborados em primeira pessoa denotando um eu lírico que se refere à subjetividade, ao íntimo, à descrição dos sentimentos, (Oliveira e Quevedo, 2018, p. 323)

Mariana Gonçalves da Luz (1871-1960) foi uma figura marcante na história política e social do Maranhão, especialmente em sua cidade natal, Itapecuru-Mirim. Apesar das limitações impostas às mulheres no contexto do final do século XIX e início do XX, Mariana destacou-se como uma voz ativa em sua comunidade, participando de movimentos locais e contribuindo para o debate político e social de sua época. Sua atuação foi pautada por esforços em prol da educação, literatura, arte e dramaturgia.

Em Itapecuru-Mirim, Mariana tornou-se uma referência, promovendo iniciativas que buscavam a melhoria das condições de vida e a inclusão de mulheres e grupos marginalizados no cenário político local. Sua trajetória simboliza a resistência e a luta por espaços de representação em um período de grandes desafios para as mulheres na esfera pública.

Na perspectiva de refletir sobre a participação da mulher e seu enfrentamento no contexto social, Castro (2015) relembra: “a figura da mulher se relaciona, ao longo da história, como sinônimo de repressão e exclusão. Ao nascer, seu destino já estava traçado pela família, que sob a égide econômica, vê no casamento da família a manutenção de alianças”. Essas alianças, tinham objetivo de salvaguardar o patrimônio, aumentar os laços de parentesco, enfim, se configurando em negócios de viés econômico. Restando às mulheres o espaço privado.

Conforme Perrot (1998, p. 08), o lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental. [...] “Uma mulher em público está sempre deslocada” diz Pitágoras. A participação e representação, em níveis de poder expressivos, se constituem uma luta árdua, pois utilizaram de artifícios para se firmarem e garantindo sua participação e enfrentamento no contexto social. Observa-se essa participação e atuação feminina na vida literária, educacional e artística, sem desconsiderar que muitas vezes tiveram que enfrentar situações de conflito, utilizando dos mais diferentes artifícios para garantia dessa participação.

Prado e Franco (2012) advertem que a atuação feminina na vida literária, educacional e artística brasileira, no século XIX, foi efetiva e constante. Graças às pesquisas históricas mais recentes, nomes excluídos e vozes abafadas voltam à cena. (Prado e Franco, 2012, p. 194). Conforme Cruz (2011, p. 227), esta participação feminina se evidencia no espaço público a partir do crescimento desse segmento no mercado de

trabalho brasileiro, se constituindo uma das mais importantes transformações sociais ocorridas no país a partir da década de 1970. Castell (1999), ao referir-se à família patriarcal, enquanto base do patriarcalismo, vem sendo contestada por vários motivos, dentre os quais a transformação do trabalho feminino e a conscientização da mulher.

Como dito anteriormente, as mulheres lançaram mão dos mais variados meios para garantir sua participação, tendo importantes papéis, mesmo travestindo-se de homens, como foram os casos de Maria Quitéria de Medeiros (1792), travestida de soldado na luta da independência; Joana Angélica de Jesus (1761); Antonia Alves Feitosa, conhecida como Jovita (1884). A participação feminina foi significativa não apenas na luta, defendendo a Pátria, mas também despertou o interesse dos jornais da época. Além das mulheres que combateram, destaca-se a atuação de poetisas no movimento político. Delfina Benigna da Cunha (1791 – 1857) escreveu vários poemas elogiando o Imperador, e como recompensa por seu trabalho, recebeu uma pensão do governo. Maria Josefa Barreto (1807 – 1837) fundou dois jornais e manifestou-se de forma contundente em apoio ao revolucionário Bento Gonçalves (1788-1847). Josefina Álvares de Azevedo (1851 – 1913), fundadora do periódico *A Família*, defendia a participação da mulher na política. É dela a frase: “O conhecimento intelectual habilita a mulher a participar politicamente e exercer os mesmos cargos que os homens”.

Perrot, ao referir-se à mulher fazendo alusão à segregação sexual comenta que:

Existem lugares praticamente proibidos às mulheres – políticos, funcionários, intelectuais e até esportivos ... -, e outros que lhes são quase exclusivamente reservados - lavanderias, grandes magazines, salões de chá; Na cidade espaço sexuado, vão, porém, se deslocando, pouco a pouco as fronteiras entre os sexos, (Perrot 1998, p.37).

No intuito de trazer à cena mulheres que antecederam Marianna Gonçalves da Luz, mostrando que sua participação política e seu enfrentamento não se deu de forma isolada, pois teve intensa participação política através de sua poesia, além da dramaturgia, escreveu várias peças teatrais, utilizadas como mecanismo de denúncia sobre as injustiças sofridas pela população menos favorecida.

Marianna Gonçalves da Luz, enquanto poetisa e mulher de vanguarda, se destacou não apenas por sua produção literária, mas também pela maneira como se posicionava politicamente. Ao situarmos sua obra dentro do contexto histórico e literário do Maranhão, podemos perceber como ela atravessou e contestou certas convenções da época, refletindo uma consciência política profunda e uma postura de resistência. Isso, de

certa forma, pode ser interpretado como uma revolução política, no sentido de questionar as normas estabelecidas e engajar-se com as questões sociais e políticas de seu tempo.

Para explicitar o viés político de Marianna Gonçalves da Luz, podemos analisar a maneira como ela utiliza a literatura para expressar suas inquietações e suas críticas ao *status quo*. Seu envolvimento com a cultura e a política local, especialmente em Itapecuru-Mirim, região onde ela esteve muito ativa, mostra o impacto de sua produção e do modo como ela usou a palavra como ferramenta de transformação social.

Uma possível contextualização crítica poderia envolver a análise da literatura regional e do papel de mulheres na política local, destacando como Marianna Gonçalves da Luz, através de sua poesia e suas ações, representava uma figura de resistência, desafiando a repressão social e política que dominava o Maranhão na época. Ela não só produziu uma literatura inovadora, mas também teve uma forte atuação política dentro de sua comunidade, o que reflete sua postura revolucionária e de vanguarda.

Em resumo, o viés revolucionário de Marianna Gonçalves da Luz se dá pela forma como sua obra e sua vida estão imersas nas questões políticas e sociais de sua época, utilizando a literatura para expressar um desejo de transformação e participação ativa na luta por justiça e igualdade. Marianna Gonçalves da Luz, era uma poetisa considerada, mulher de fibra, de vanguarda. É inegável a vinculação de sua vida na história literária no Estado do Maranhão.

Sua participação política se manifestou a partir de sua vasta produção literária, sua expressividade na literatura Maranhense, e no município de Itapecuru-Mirim. Outro viés que denota sua participação política foi pela educação de várias gerações, pois o processo educativo, traz em si uma intencionalidade. Em decorrência de sua atitude e posicionamento, ao enfrentar e denunciar a situação vivenciada em Itapecuru-Mirim, sofreu represálias e perseguições políticas. Esta situação fica explícita. Conforme Paulo Freire (1989): “Educar é um ato político, pois não há neutralidade, ao contrário do que comumente se acredita.” A ação educativa é carregada de significados, levando o sujeito a apropriar-se do conhecimento, ressignificando saberes e o desenvolvimento de capacidades cognitivas.

Percebemos a participação política e o enfrentamento da poeta e professora Marianna Gonçalves da Luz, seja no contexto social e educacional, como sua coragem no enfrentamento de situações adversas à época, fazendo ecoar sua voz nas diversas situações de seu cotidiano no município itapecuruense. Possibilitando a cada uma delas

oportunidade de exercitar seus protagonismos, livres da dominação e tutela masculina, mas que sejam protagonistas das feições de uma intelectualidade feminina e autônoma.

A próxima seção, Ecos Contemporâneos: referências a Marianna Gonçalves da Luz aborda como figuras destacadas das áreas da literatura e da política mencionaram Marianna Gonçalves da Luz em diferentes momentos, ressaltando sua contribuição para a literatura maranhense.

## 5 ECOS CONTEMPORÂNEOS: referências a Marianna Gonçalves da Luz

Esta seção tem por objetivo examinar a contribuição literária de Marianna Gonçalves da Luz no contexto maranhense. A seção destaca a importância de Marianna como professora, poetisa e sua inserção no campo político, evidenciando seus múltiplos caminhos e a relevância de seu trabalho no cenário educacional e literário do Maranhão. A análise busca dar visibilidade à trajetória de Marianna, reconhecendo seu papel significativo na História da Educação Maranhense e na luta contra as desigualdades sociais e educacionais.

Exploramos e destacamos as menções feitas a Marianna Gonçalves da Luz por autores contemporâneos das áreas da literatura e da política. Ao longo dos anos, Marianna tem sido reconhecida por sua significativa contribuição para a educação e a literatura maranhenses, bem como por seu papel ativo na luta contra as desigualdades sociais e educacionais. Marianna, ao longo de sua vivência, construiu uma trajetória que precisa ser evidenciada, atuando como professora, poetisa e ativista política, tendo sido valorizada e lembrada por diversos estudiosos e escritores. Ao trazer à tona essas referências, pretendemos não apenas homenagear sua memória, mas também reafirmar a importância de seu legado na construção de uma história mais inclusiva e representativa do Maranhão.

Nesse sentido, inicialmente, trazemos a referência realizada por Luiz de Sevilha, que devido a vasta produção literária de Marianna Gonçalves da Luz, ao fazer uma crítica sobre a peça teatral, intitulada *Miss Semana*, fez relevante alusão a Marianna Gonçalves da Luz, dizendo: “é um nome de projeção no cenário intelectual do Maranhão. Instruída, culta, de espírito voltado para as coisas belas, ama a arte. Marianna Gonçalves da Luz, em sua comédia, mostra conhecer largamente a carpintaria teatral” (Pacotilha, 27.10.1934).

Por ocasião de sua morte, Zuzu Nahuz, assim a descreve: “Conheci Marianna Gonçalves da Luz, como poetisa e teatróloga, eu assisti no seu teatro Santo Antonio em Itapecuru várias comédias da insigne conterrânea”. Educou na gleba de João Lisboa várias gerações que hoje brilham em vários setores da vida. Foi sempre uma criatura criteriosa e honesta que viveu toda sua existência de lutas e sacrifícios, entretanto removia com facilidade todos os obstáculos. (Fragmentos da publicação do Jornal o Diário da Manhã de 15.09.1960).

Conforme Oliveira e Quevedo, a Mulher de Marianna, não é:

Aquela mulher que os poetas cantam, elevando virtudes e traçando curvas em poemas cheios de sensualidade. A mulher de Mariana é a outra, mais real, mais verdadeira e não aquela, idealizada. A mulher em Mariana demonstra seus próprios sentimentos, uma alma angustiada pelas decepções, mas ainda capaz de ter esperanças. Falando de mulheres e de flores, ela cria sentimentais e melancólicas poesias como “Flores Murchas”, “Flor que Morre”, “Rosa Murcha”. A poetisa como uma mulher de seu tempo, recebeu educação rígida dentro dos moldes de uma sociedade machista e de rigor católico e condena em seus versos o comportamento de algumas mulheres tidas como levianas, de gesto fementido, falsas, que se entregam aos prazeres mundanos. São sedutoras como em “Pérfida” e carregam a representação negativa da figura feminina. Também se percebe essa outra faceta feminina em “Anjo Decaído”; (Oliveira e Quevedo, 2018, p.332)

A poetisa Leonete Oliveira, no ano de 1909, proferiu uma conferência na Biblioteca Pública do Maranhão, conferência essa considerada polêmica, cujo tema era *A Mulher*. Nessa conferência, a poetisa enaltece o papel da mulher na sociedade, cita diversas mulheres- autoras: Julia Lopes Almeida, Laura Rosa e Marianna Gonçalves da Luz.

No Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1909, foi publicada uma matéria com o título de *Letras Femininas*. Sendo destacadas mulheres maranhenses das letras: Maria Firmina dos Reis, Leonete de Oliveira, Laura Rosa e Marianna Gonçalves da Luz. Nesse período o Estado do Maranhão era considerado um dos estados brasileiros com maior cultivo de poesias.

Assim, buscamos refletir sobre as contribuições de Marianna Gonçalves da Luz (1871-1960) para a educação maranhense, enquanto campo de reflexão e de intervenção para a conscientização e libertação dos indivíduos. Uma vasta contribuição da poeta, mesmo sendo invisibilizada. Em vida, a única obra da poeta, publicada em vida foi o livro de poemas *Murmúrios*, na década de 1940, convém ressaltar que dado a pouco recurso, teve uma pequena tiragem, que logo se esgotou.

Conforme Lisboa (2014) salienta no prefácio do livro *Marianna Gonçalves da Luz vida e obra e coisas de Itapecuru-Mirim*, que ao imergir no universo literário de Mariana Gonçalves da Luz, o leitor:

Na leitura deste livro, o leitor se deparará com os poemas que compõem *Folhas Soltas* (livro inédito); *Murmúrios* (aqui acrescido de mais poemas, na versão publicada eram somente vinte e oito); Livro de Orações e Cânticos Litúrgicos (pequeno livro de orações e cânticos). Além dessas obras, há ainda a publicação de crônica, trechos de uma peça teatral (um texto final moralizante, mas com fortes características de comédia) e o fragmento (não foi localizada a versão completa) de seu discurso de posse na academia Maranhense de Letras, em 10 de maio de 1949. (Santana, 2014, p.12-13).

Como legado, Marianna Gonçalves da Luz nos deixa a possibilidade de aprofundar sua trajetória profissional, literária, no contexto maranhense, a contribuição dessa figura humana, não obstante ter se perdido muito dos seus registros de sua obra. Marianna Gonçalves da Luz sempre teve uma postura proativa diante das situações, relacionadas à cultura, à educação, à religião e à política, emitindo seu posicionamento sobre as situações mencionadas.

Teve sempre uma conduta ousada, trilhando um percurso como escritora, num espaço majoritariamente masculino, com práticas machistas e patriarcais, não obstante a essas situações adversas, Marianna Gonçalves da Luz, sempre lutou para garantir sua inserção no espaço literário da sociedade itapecuruense.

Crysóthomo Sousa (1945), ao abordar Marianna Gonçalves da Luz, menciona que ela se destacou na cena da vida, entre risos e brincadeiras, exalando o delicado encanto de sua adolescência, apaixonada por Apolo. A trajetória literária da poetisa foi sempre extremamente prolífica. Sousa (1945) finaliza afirmando: E foi dessa forma que a poetisa enfrentou a velhice, com um coração repleto de amor – amor pela arte, pela beleza imutável, e amor pelas crianças que a rodeavam, despreocupadas e inquietas, absorvendo o néctar sublime de sua inteligência e conhecimento, através dos quais ela as educava, moldando-as para os desafios da vida.

Sousa (1945) destaca a entrada marcante da poetisa Marianna Gonçalves da Luz na vida pública e literária. Descreve Marianna como uma jovem encantadora, que se destacou desde a adolescência, envolta em um ambiente de leveza e alegria. A menção a "enamorada de Apolo" sugere uma ligação profunda com as artes e a poesia, simbolizadas pelo deus grego Apolo. Enfatiza ainda a fecundidade da vida literária de Marianna, reconhecendo sua prolífica produção poética e sua contribuição significativa para a literatura maranhense. Este comentário sublinha a importância de Marianna como uma figura central na cena cultural de sua época, cuja obra continua a ser celebrada e estudada.

Frente às duas avaliações, a negativa de Raimundo Cardoso (1947) e a positiva de Crysóthomo Sousa (1945), recordei-me da obra de Chimamanda Adichie (2019), especificamente no ensaio intitulado *O perigo de uma história única*, onde se afirma que ao rejeitarmos uma única narrativa, ao reconhecermos que nunca há apenas uma história sobre qualquer local, reestabelecemos um certo tipo de parceria. Nesse contexto, Sousa (1945), ao defender Marianna, observa que enquanto o inverno se dissipa, a cigarra entoava sua canção. Dessa forma, a poetisa vai vivenciando seus últimos dias

envolta pelo carinho e admiração de seu povo, imersa em um suave halo de radiante felicidade espiritual. A crítica é sempre imprescindível; entretanto, deve ser realizada com base em princípios éticos e morais. É fundamental colocar-se na perspectiva do outro; a crítica deve incidir sobre a obra do autor ou autora e sobre a produção literária, não se configurando como um desabafo ou uma retaliação carregada de insultos.

No ano de 1933, Marianna Gonçalves da Luz fundou o próprio teatro em Itapecuru-Mirim, o Teatro Santo Antonio. Sua criação tinha como objetivo arrecadar fundos com intuito de ajudar na reforma da Igreja Matriz, Nossa Senhora das Dores. Montou esse grupo teatral que se apresentava em Itapecuru e em outras cidades. As peças *Miss Semana* e *Eu Também sou Eleitora*, foram apresentadas no Teatro Arthur Azevedo, entre outras peças teatrais de destaque. Nessas peças eram enfatizadas críticas à situação das mulheres na sociedade itapecuruense, a medíocre situação dos políticos à época, algumas de fundo conservador ou religioso, tudo de acordo com a ocasião. (Santana, 2014).

A contribuição da obra da professora, poetisa e intelectual, Marianna Gonçalves da Luz, enriqueceu o conjunto da literatura nacional, porém muito mais se precisa fazer para que essa ilustre maranhense seja conhecida, a partir da sua atuação no magistério, bem como uma expoente no jornalismo literário de nosso estado e do nosso país. Fatos da vida de Marianna Gonçalves da Luz de Marianna Gonçalves da Luz denotam o reconhecimento do seu percurso no cenário local e regional. Esse reconhecimento se manifesta nos discursos de seus predecessores, Félix Ayres (1904 - 1979); Raymundo Carvalho Guimarães (1899 – 1998); Sálvio Dino (1932 – 2020); Flávio Dino (1968). Convém ressaltar que a cadeira 32, patroneada por Vespasiano Ramos, teve como fundadora a poetisa Marianna Gonçalves da Luz. Sálvio Dino repletica o registro de Raymundo Guimarães ao mencionar a importância de Marianna Gonçalves da Luz no cenário literário maranhense, ao destacar que:

O meu ilustre antecessor registra que: Foi o Maranhão o primeiro estado brasileiro onde a mulher se identifica como escritora e poetisa e foi a Academia Maranhense de Letras a primeira que recebeu a mulher no seu seio, com a eleição em 1948 de Marianna Gonçalves da Luz. A cadeira nº 26 foi ocupada por Laura Rosa em 1943. Muitos anos depois é que Rachel de Queiroz, em 1978, conseguiu quebrar as amarras que vedavam à mulher eleger-se para Academia Brasileira de Letras. [...] A fundadora da nossa Cadeira, Marianna Gonçalves da Luz, nasceu e passou toda sua vida na cidade de Itapecuru, sempre integrada como professora normalista à causa do ensino da juventude. Poetisa, escritora, teatróloga, teve intensa colaboração na imprensa gonçalina. (Trecho do discurso de posse na Academia Maranhense de Letras em 16.jul.1999)

A citação destaca a pioneira contribuição do Maranhão na inclusão de mulheres no campo literário e acadêmico. Marianna Gonçalves da Luz é celebrada como das primeiras mulheres eleitas para a Academia Maranhense de Letras em 1948, um marco significativo que precedeu a admissão de mulheres em outras academias literárias do Brasil. A menção à cadeira nº 26, ocupada por Laura Rosa em 1943, reforça a tradição progressista do Maranhão em reconhecer o talento feminino. Comparativamente, Rachel de Queiroz só conseguiu ingressar na Academia Brasileira de Letras em 1978, evidenciando o pioneirismo maranhense na valorização das mulheres escritoras e poetisas. Este reconhecimento sublinha a importância de Marianna Gonçalves da Luz como uma figura emblemática na luta pela igualdade de gênero no campo literário.

Sobre o reconhecimento de Marianna Gonçalves da Luz, Sálvio Dino (1999), em seu discurso de posse de 16.07.1999 ao se referir a poetisa faz menção explicitando que: “A fundadora da nossa Cadeira, Marianna Gonçalves da Luz, nasceu e passou toda a sua vida na cidade de Itapecuru, sempre integrada como professora normalista à causa do ensino da juventude. Poetisa, escritora, teatróloga, teve intensa colaboração na imprensa gonçalina”.

Lembro-me como se fosse hoje: em 1956 eu integrava o centro acadêmico Clodomir Cardoso, da Faculdade de Direito do Maranhão, na qualidade de seu orador oficial. Entidade estudantil de vanguarda, ao lado do orbis Clube, editamos o livro de poesia Murmúrios, de autoria da festejada poetisa conterrânea, que também deu valiosa contribuição na luta que a mulher sempre enfrentou para conquistar o seu justo lugar ao sol. (ANEXO 2).

A referência ao Centro Acadêmico Clodomir Cardoso e à Faculdade de Direito do Maranhão indica um espaço de formação intelectual e comprometimento político, características típicas da juventude universitária daquele período. A publicação do livro Murmúrios revela um contexto de intensa atividade cultural e intelectual. O trecho ressalta a importância das entidades estudantis não apenas na discussão política, mas também na promoção da literatura e das artes.

A citação da "festejada poetisa conterrânea" e sua "valiosa contribuição" na luta pelos direitos femininos aponta para uma valorização do papel da mulher tanto na sociedade quanto na literatura. É uma lembrança significativa sobre o panorama acadêmico e literário dos anos 1950, com ênfase na luta feminina e no reconhecimento

da poesia. Contudo, seria interessante explorar mais os efeitos dessa atuação e aprofundar a relevância da poetisa mencionada.

Ainda sobre o reconhecimento de Marianna Gonçalves da Luz, Flávio Dino (1968) em seu discurso de posse na Academia Maranhense de Letras, em 01.12.2022, (conforme ANEXO 3) faz referência a importância de Marianna Gonçalves da Luz ao destacar que:

Marianan Luz, a poeta das rosas. Uma mulher dedicada à educação e à cultura. Cultivava rosas coloridas em seu jardim; rosas esperançosas no coração dos estudantes, sobretudo os mais pobres; e rosas tristes nos seus poemas. Com efeito, Marianna Gonçalves da Luz imprimiu, de modo predominante, as marcas da dor, do desespero, do desencanto, à sua produção literária. Escutemos a sua voz:

Como pálido espectro, vacilando  
A cada passo sobre a laje fria,  
Eu vou seguindo a dolorosa via  
Onde pedaços da alma vou deixando.  
E esse viver atroz que, dia a dia,  
Meu pobre coração vai torturando  
Torna-me um ser tristonho e miserando  
Engolfado em letal melancolia.  
Exausta caminheira, chego ao termo,  
Do sofrimento;  
o coração enfermo,  
Já não sinto pulsar... pobre esquecido...  
É inútil tentar. Ao longe, esguio  
Vejo um cipreste lúgubre, sombrio, Morrer! ... E vou morrer sem ter vivido!"

Em um singular paradoxo, creio ser possível situar Marianna Gonçalves da Luz em meio ao penumbrismo que, segundo Norma Goldstein “se caracteriza por uma melancolia agridoce, pelos temas ligados ao cotidiano, por uma morbidez velada.” Devemos a Jucey Santana, ilustre integrante da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes, a publicação do livro “Marianna Gonçalves da Luz – Vida e Obra”, leitura imprescindível para a compreensão da relevância de Mariana naquela cidade e nesta Academia Maranhense. (Discurso de Posse de Flávio Dino na Academia Maranhense de letras em 01.12.2022)

Em seu discurso, Flávio Dino menciona a importância de Mariana Gonçalves da Luz, destacando-a como uma mulher dedicada à educação e à cultura, e cita um trecho de um de seus poemas. Faz referência ao livro *Marianna Gonçalves da Luz – Vida e Obra*, publicado por Jucey Santana (2014), que é essencial para compreender a relevância de Marianna Gonçalves da Luz na cidade de Itapecuru-Mirim e na Academia Maranhense de Letras.

No ano de 1941, na administração de Felício Cassas, prefeito à época foi lhe concedida uma nomeação, com lotação na Escola Getúlio Vargas no município de

Itapecuru-Mirim. Por meio do Decreto Lei nº 1517, de 23 de junho de 1947, do governador Sebastião Archer, teve direito a um subsídio mensal de Cr\$ 300,00 (Trezentos cruzeiros), por merecimento pelo muito que contribuiu pela cultura do Maranhão. De acordo com Santana, (2014), a Rádio Difusora dedicou um programa comemorativo a cidade de Itapecuru, sendo prestada uma homenagem a poetisa Marianna Gonçalves da Luz.

A Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes – AICLA foi fundada em 7 de dezembro de 2011, sendo então reconhecida como *A Casa de Marianna Gonçalves da Luz*. À luz desses eventos, nota-se que Marianna Gonçalves da Luz construiu sua trajetória de vida com coragem, determinação e ousadia, desafiando normas e superando preconceitos devido à sua condição de mulher negra, professora e solteira oriunda de uma cidade do interior do Maranhão.

É oportuno ressaltar que em artigo publicado no Jornal Pequeno, em 28 de outubro de 1960, em São Luís - MA, quando do seu falecimento é designada de “a poetisa celibatária”, o que demonstra o grau de importância de nossa pesquisada. Fato que emerge o conceito de celibato pedagógico. Conforme os estudos de Nunes (2006, p. 191) “o celibato pedagógico insere-se no cotidiano da mulher, legitimado nos discursos e legalizado em muitos países”, visto que as primeiras mulheres a exercerem o magistério eram, em sua maioria, solteiras ou viúvas.

A análise das referências contemporâneas a Marianna Gonçalves da Luz revela a profundidade e a abrangência de sua influência no cenário literário e educacional maranhense. Sua trajetória, marcada por uma dedicação incansável à educação e à cultura, transcende as barreiras do tempo, consolidando-se como um exemplo de resistência e inovação. As homenagens e reconhecimentos póstumos, como os discursos de figuras ilustres e a publicação de obras que resgatam sua memória, evidenciam a importância de Marianna Gonçalves da Luz como uma pioneira na luta pela visibilidade das mulheres negras na literatura e na educação.

A sua obra literária, permeada por uma sensibilidade única e uma profunda conexão com as questões sociais de sua época, continua a inspirar e a provocar reflexões sobre a condição humana, a injustiça social e a busca por igualdade. A sua capacidade de transformar a dor e o sofrimento em poesia, bem como seu engajamento político e cultural, reafirmam seu papel como uma figura central na história do Maranhão.

Portanto, a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz não apenas enriquece o patrimônio cultural maranhense, mas também serve como um farol para futuras gerações, incentivando a valorização da diversidade e a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva. Seu legado, perpetuado através das palavras e das ações, permanece vivo e relevante, ecoando nas vozes daqueles que continuam a trilhar os caminhos por ela desbravados. Sua trajetória inspira gerações, essa inspiração deixa marcas indelévels, por ser uma referência para cultura maranhense.

### **5.1 Histórias sobre Marianna Gonçalves da Luz**

O relato *Sete histórias sobre uma cigarra itapecuruense* sobre Marianna Gonçalves da Luz apresenta uma rica narrativa que explora as experiências e a vida de uma cigarra que representa, de certa forma, as vivências culturais e sociais da cidade de Itapecuru, no Maranhão. Extraídas do livro *Tudo Azul no Planeta Itapecuru* de autoria de do Poeta Inaldo Lisboa (2005). As histórias propõem uma reflexão sobre a relação do ser humano com o meio ambiente e as suas próprias tradições. Essa abordagem proporciona uma conexão com o imaginário popular e com a essência da natureza, além de explorar a simbologia do inseto, que é conhecido por sua resiliência e canto, características que podem ser associadas à luta e ao legado de Marianna Gonçalves da Luz. Sua escrita reflete uma linguagem sensível e poética, ao mesmo tempo em que faz uma crítica social e cultural sutil, instigando o leitor a pensar sobre o que se esconde por trás das histórias simples, mas profundas, do cotidiano local.

## SETE HISTÓRIAS SOBRE UMA CIGARRA ITAPECURENSE OU A CIGARRA QUE ENVELHECEU CANTANDO

E eu quero ar e luz. Pelos caminhos  
Quero escutar a música dos ninhos...  
Morrer? E para quê? Inda é tão cedo.

Mariana Luz - Surge - In: **Murmúrios**

33

### Primeira História

A escola em que cursei o ginásio - Ginásio Bandeirante de Itapecuru-Mirim - funcionava no prédio da Escola Municipal Mariana Luz.

Na parede central do pátio da referida escola, havia um velho retrato de Mariana Luz. Embaixo do mesmo, estava escrito a seguinte frase: “A cigarra que envelheceu cantando”. Muitas vezes, durante o recreio, olhando para aquela imagem, sentia uma atmosfera enigmática. Existia uma força no olhar daquela mulher negra e muito magra. Existia também uma soberania naquela frase. Essas observações me deixavam curioso.

## Segunda História

Em Itapecuru, morei muitos anos na Rua Mariana Luz, minha casa ficava uma quadra depois da residência da célebre poetisa. Quando fui morar em São Luís, passei a residir na Rua Gabriela Mistral, no bairro Vila Palmeira.

Algum tempo depois, em uma das várias vezes em que fui à casa de João Silveira para fazer pesquisa, ele me revelou que o escritor Bernardo Coelho de Almeida nomeara Mariana Luz como a Gabriela Mistral do Maranhão.

34 Mariana Luz (1871 - 1960): poetisa maranhense, nascida na cidade de Itapecuru-Mirim e a segunda mulher a ingressar na Academia Maranhense de Letras. Ela publicou um único livro de poemas, chamado **Murmúrios**.

Gabriela Mistral (1889 - 1957): poetisa, educadora e diplomata chilena, a primeira latino-americana a ser laureada com o Prêmio Nobel de Literatura em 1945.

## Terceira História

Essa, quem me contou foi o inesquecível João Silveira, professor e historiador itapecuruense, falecido em 01 de julho de 2004. O trecho a seguir faz parte de uma entrevista que fiz com ele em 1988. Transcrevo diretamente:

Mariana Luz, considerada a maior poetisa do Maranhão, sua poesia geralmente é cheia de amargura, dizendo bem alto do seu sentimento.

Professora primária, dedicou toda uma existência honrada a esse rude faina de iniciar as crianças de sua terra no mistério essencial das primeiras letras.

Poetisa inspirada, Mariana Luz, na modéstia de seu viver, teve o seu mérito reconhecido pela Academia Maranhense de Letras, que a elegeu para uma de suas cadeiras. Ocupou a de número trinta e dois, teve como patrono Vespasiano Ramos.

Ela nasceu na cidade de Itapecuru-Mirim, no dia 10 de dezembro de 1871, e faleceu na mesma cidade, no dia 14 de setembro de 1960. Além de poetisa, era dramaturga, escreveu notáveis peças teatrais.

Era filha de João F. da Luz e Fortunata da Luz. Ainda criança, escreveu seu primeiro poema, inspirado numa flor, contemplando-a no quintal de sua casa. Logo em seguida, entregou-o ao seu pai, que fazia aniversário naquele dia, mas este não acreditou que a obra fosse mesmo de autoria da filha. Perguntou: "De quem tu copiaste isto?" Decepcionada com a atitude do pai, chorou muito. Depois disso, abandonou por certo tempo, tão bela arte de fazer versos. Todavia, aos dezesseis anos, a inspiração veio-lhe mais ardente ainda. Começou a escrever sem parar. Até que o Centro Acadêmico Clodomir Cardoso, da Faculdade de Direito do Maranhão, e o Orbis Clube de São Luís publicaram, antes da morte dela, o livro de poemas Murmúrios.

Entre os fatos importantes de sua vida, destaca-se um, quando foi escolhida para saudar Coelho Neto, que passava por Itapecuru e 1905, estando em viagem para Caxias. Saudou-o com o soneto de sua própria autoria: “Salve Gênio Imortal”. Quando acabou de declamar, o notável escritor maranhense pôs a mão na cabeça dela (ela tinha catorze anos) e disse: “Menina, tu és poetisa. Dedic-te à poesia que serás uma grande poetisa”.

No dizer de Bernardo Coelho de Almeida, é a Gabriela Mistral do Maranhão.

#### Quarta História

36 Mariana Luz era uma professora muito austera. Conchita, uma de suas ex-alunas e durante muitos anos minha vizinha, gostava de me contar histórias. De tantas que contou, lembro especialmente desta:

Como era costume da época, Mariana Luz sempre usava a palmatória para castigar os seus discípulos. Certa vez, cansados dos castigos da exigente mestra, os alunos tiveram a ideia de colocar um piolho num buraco no meio da palmatória. Quando a professora usou o terrível objeto de punição, o mesmo rachou no meio. Os alunos caíram na gargalhada. A fúria da cigarra foi imensa.

## Quinta História

Nas rodas de conversa dos meninos Eudim, Chico da Quita e Filho, alunos do Ginásio Bandeirante, à sombra

das amendoeiras, enquanto esperavam a sirene tocar para o início do horário de aula, era comum falarem sobre o enterro de Mariana Luz.

Diziam que, na hora do enterro, quando o corpo era levado para o cemitério, à medida que o cortejo se aproximava do campo santo, o peso do caixão era reduzido.

Quando chegaram ao local da sepultura, um misterioso pássaro saiu voando de dentro do caixão e tomou rumo ignorado.

Mentira? Como dizia minha avó: se é mentira, é lá para o saco de quem inventou. O certo é que nós, os meninos, morríamos de medo.

## Sexta História

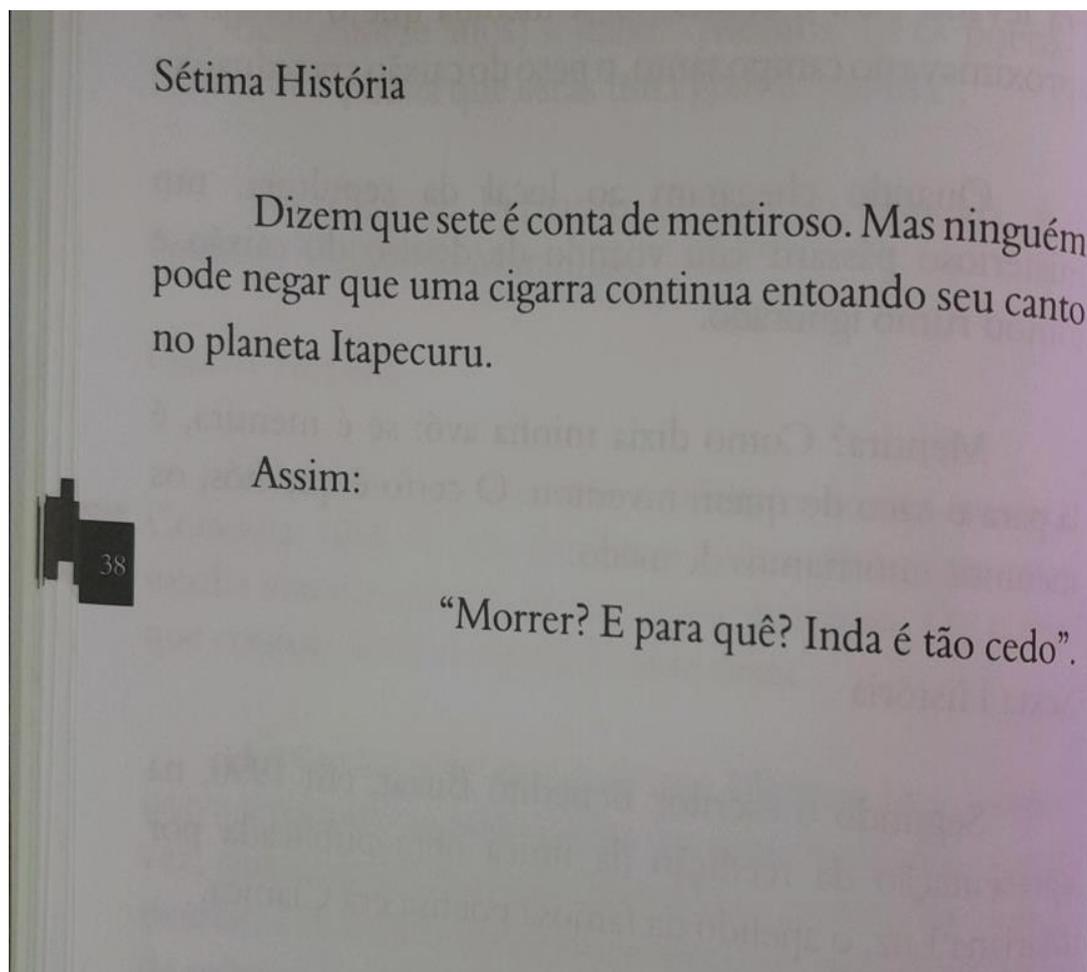
Segundo o escritor Benedito Buzar, em 1990, na apresentação da reedição da única obra publicada por Mariana Luz, o apelido da famosa poetisa era Cianica.

Ele, que também teve o privilégio de ser aluno dela, registrou o seguinte na apresentação:

“Não posso esquecer a maneira como tomava as lições de seus alunos. Sentada à cabeceira de uma comprida mesa, compenetrada e cheia de autoridade, chamava um por um para avaliar o nível

de aproveitamento escolar. Ai daquele que não correspondesse às suas expectativas e exigências”.

Murmúrios. Sioge, 1990.



**Fonte:** Lisboa, Inaldo (2005)

O título destaca a figura da cigarra como símbolo central. O termo "cigarra que envelheceu cantando" sugere um tema poético e reflexivo, possivelmente relacionado ao esforço, à expressão artística ou ao sacrifício pessoal. O excerto menciona um ginásio e faz referência a Marianna Gonçalves da Luz, uma figura histórica ou literária, com elementos de memória afetiva ligados ao espaço escolar.

A relação entre o personagem narrador e o ambiente escolar reflete uma atmosfera de nostalgia e curiosidade. A frase sob o retrato ("A cigarra que envelheceu cantando") desperta a imaginação e carrega profundidade simbólica, remetendo à resiliência ou persistência de Marianna Gonçalves da Luz. A cigarra frequentemente simboliza trabalho árduo, expressão artística ou sacrifício. A ideia de "envelhecer cantando" pode refletir a dedicação de Marianna Gonçalves da Luz à sua arte ou causa,

destacando sua influência e legado. Isso provoca uma reflexão sobre a forma como a memória de pessoas e histórias é preservada e percebida por gerações futuras.

O texto revela aspectos históricos e literários que conectam duas grandes poetisas: Marianna Gonçalves da Luz, do Maranhão, e Gabriela Mistral, do Chile. Marianna Gonçalves da Luz, foi uma das pioneiras na literatura do estado. Gabriela Mistral (1889-1957), poetisa chilena, foi uma figura proeminente na literatura latino-americana, sendo a primeira mulher da região a receber o Prêmio Nobel de Literatura (1945).

A narrativa descreve como Marianna Gonçalves da Luz recebeu como alcunha de "Gabriela Mistral do Maranhão" por Bernardo Coelho de Almeida, um escritor que valorizava sua contribuição literária e cultural. Este reconhecimento destaca a importância de Marianna Gonçalves da Luz no cenário literário local. O texto reflete sobre o papel da memória literária no reconhecimento de figuras femininas da literatura e como elas são celebradas tanto local quanto internacionalmente. A conexão entre Marianna Gonçalves da Luz e Gabriela Mistral destaca o impacto que ambas tiveram, cada uma em seu contexto, na valorização da literatura escrita por mulheres.

Destaca um momento marcante na vida da protagonista ao ser escolhida, ainda jovem, para recitar um poema de sua autoria em homenagem a Coelho Neto, um renomado escritor. O reconhecimento precoce do talento literário da jovem, aos 14 anos, por Coelho Neto, reforça a importância da literatura na trajetória dela. A frase de Coelho Neto, "Menina, tu és poetisa", evidencia o incentivo recebido para trilhar o caminho da poesia. A comparação feita por Bernardo Coelho de Almeida, chamando-a de "Gabriela Mistral do Maranhão", posiciona Marianna Gonçalves da Luz como uma figura notável e inspiradora na literatura brasileira, especialmente no Maranhão.

Refere-se a Marianna Gonçalves da Luz como professora austera, refletindo o rigor e os métodos educativos da época. A história contada por uma aluna ilustra uma tentativa humorística e subversiva dos alunos. O incidente resulta em uma quebra momentânea de autoridade, provocando risos nos alunos e uma reação intensa da professora, simbolizando o confronto entre disciplina e irreverência infantil.

A história reforça como os primeiros incentivos podem impactar a trajetória de vida de alguém. O reconhecimento de Coelho Neto foi fundamental para Marianna Gonçalves da Luz se dedicar à poesia. Entretanto no campo educacional, o uso da palmatória, comum na época, revela práticas autoritárias que são rejeitadas por sistemas

educacionais modernos. A reação dos alunos à autoridade simboliza uma resistência silenciosa e criativa à repressão.

Essa análise trata de um trecho descritivo que oferece informações sobre Marianna Gonçalves da Luz, destacando tanto seu pseudônimo, quanto seu papel como educadora. O cognome "Cianica": O uso do apelido pode ter várias conotações. É interessante investigar se "Cianica" remete a algum traço de sua personalidade do contexto cultural ou mesmo a uma característica física ou simbólica. Isso humaniza a figura da poetisa, aproximando-a do público.

A Postura como Educadora: A descrição da maneira como Marianna conduzia as lições é poderosa. Sentada à cabeceira da mesa, "compenetrada e cheia de autoridade", sugere uma mulher que exercia liderança e transmitia respeito. Isso é relevante para se compreender o papel das mulheres no ensino e na sociedade de sua época, possivelmente rompendo com padrões tradicionais.

A relação de Marianna Gonçalves da Luz com a literatura, enquanto poetisa, provavelmente levava sua sensibilidade artística ao contexto educacional. É plausível que sua prática pedagógica estivesse repleta de valores estéticos e culturais, favorecendo assim a uma formação mais completa de seus alunos.

Em suma, a passagem mostra uma figura feminina multifacetada, que se destacava como educadora e poeta, além de possuir um impacto marcante em sua comunidade. Uma análise mais aprofundada pode incluir o exame de sua obra poética e como ela reflete sua personalidade e visão de mundo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como tema a contribuição de Marianna Gonçalves da Luz para a história da educação maranhense, considerando sua atuação como professora e literata negra, oriunda do município de Itapecuru-Mirim, na primeira metade do século XX. Como objetivo geral, buscamos analisar a trajetória educacional, intelectual e profissional de Marianna Gonçalves da Luz, com ênfase em seus saberes docentes, produções literárias e suas contribuições para a sociedade itapecuruense e para a História da Educação Maranhense, no período de sua vivência, se caracterizando com fundamentos do campo social, histórico e feminista. Os objetivos específicos foram alcançados ao identificar os mecanismos que contribuíram para a invisibilidade da trajetória de professoras negras, analisar os contextos biográfico, histórico, geográfico, social e político que impactaram a formação de Marianna, investigar seus saberes docentes e práticas pedagógicas, e examinar sua contribuição literária no contexto cultural maranhense.

Ao analisar a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, foi possível identificar como sua trajetória pessoal se entrelaça com as transformações vivenciadas pelo Maranhão entre 1871 e 1960. A cidade Itapecuru-Mirim desponta como um espaço singular, não apenas pelo cenário educacional que proporcionou à época, mas também pelas dinâmicas sociais que podem ter afetado a ascensão de Marianna como uma intelectual negra. Sua experiência de vida reflete os desafios e as resistências enfrentadas por mulheres negras que buscaram inserção no campo educacional e literário, em um período histórico de limitações institucionais e preconceitos estruturais. Em uma sociedade marcada pela exclusão social de mulheres negras, Marianna não apenas conquistou reconhecimento como educadora e literata, mas também deixou um legado que transcende seu tempo, inspirando debates contemporâneos sobre representatividade e igualdade.

Um dos achados mais significativos da pesquisa foi a identificação dos saberes docentes e a práxis pedagógica desenvolvida por Marianna Gonçalves da Luz. Ela adotou metodologias adaptadas às condições locais, destacando-se pela dedicação à alfabetização e à formação de valores críticos entre seus alunos e alunas. Sua práxis pedagógicas revelava um compromisso ético e político com a inclusão social, além de demonstrar uma compreensão profunda sobre as desigualdades sociais que impactavam

o acesso à educação no Maranhão. Essa perspectiva reforça o papel de Marianna como uma educadora que transcendia o mero ensino conteudista, abraçando uma abordagem transformadora.

Seus saberes docentes e práticas pedagógicas revelaram um compromisso ético e político com a educação como ferramenta de emancipação social. Sua atuação demonstrou uma capacidade inovadora de adaptação ao contexto local e de valorização dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Marianna não apenas ensinava conteúdos, mas promovia a valorização da identidade e da dignidade dos indivíduos, um posicionamento raro em um período ainda marcado por fortes desigualdades sociais e raciais.

Outro aspecto crucial é a análise da contribuição literária de Marianna Gonçalves da Luz. Como literata, ela utilizou sua produção escrita como uma ferramenta para dar voz às questões sociais de seu tempo, especialmente aquelas relacionadas às condições de vida das populações negras e às desigualdades enfrentadas pelas mulheres. Seus escritos, ainda que pouco difundidos nos grandes circuitos editoriais, representam uma importante herança cultural, contribuindo para ampliar o entendimento sobre as experiências e reflexões das populações marginalizadas no Maranhão do século XX.

No campo literário, Marianna Gonçalves da Luz se destacou como uma voz significativa na representação da cultura afrodescendente no Maranhão. Sua produção textual não só contribuiu para o enriquecimento do cenário cultural maranhense, como também resgatou e valorizou elementos da experiência negra, oferecendo uma perspectiva única em um período em que essas narrativas eram sistematicamente silenciadas. Assim, sua obra literária representa um patrimônio cultural e histórico que merece maior visibilidade e estudo.

Em síntese, os resultados obtidos revelaram que Marianna Gonçalves da Luz desempenhou um papel crucial na educação de Itapecuru-Mirim, utilizando metodologias adaptadas às condições locais e desse modo promovendo a inclusão social. Sua práxis pedagógica foi marcada por um compromisso ético e político com a educação como ferramenta de emancipação social. Sua produção literária, embora não intencionalmente, abordou questões sociais relevantes, especialmente as condições de vida das populações negras e as desigualdades enfrentadas pelas mulheres, contribuindo para a construção de uma memória cultural mais inclusiva.

A hipótese de que Marianna Gonçalves da Luz foi uma mulher audaciosa e uma das precursoras da luta e resistência das mulheres negras no Maranhão foi confirmada. Sua atuação educacional e literária revelou uma prática pedagógica e literária engajada, marcada por seu envolvimento em questões políticas e sociais, reafirmando seu papel como protagonista em um contexto de desigualdades.

Nesse sentido, confirmamos a tese de que: A trajetória de Marianna Gonçalves da Luz, como professora e literata negra em Itapecuru-Mirim, na primeira metade do século XX, revela uma contribuição significativa para a história da educação maranhense, ao promover a inclusão social e a valorização da identidade afrodescendente através de uma práxis pedagógicas peculiares e uma produção literária engajada, que desafiaram as desigualdades sociais e raciais de sua época.

No entanto, a pesquisa enfrentou algumas limitações, como a escassez de registros documentais sobre a trajetória de Marianna e a dificuldade de acesso a fontes primárias. Essas limitações indicam a necessidade de mais estudos que possam aprofundar a compreensão de sua contribuição e reconstruir outras trajetórias de mulheres negras na história da educação maranhense.

Diante dos resultados obtidos, é recomendável a realização de novas pesquisas que possam ampliar a visibilidade de outras figuras históricas marginalizadas e contribuir para uma historiografia mais inclusiva e crítica. A trajetória de Marianna Gonçalves da Luz serve como inspiração para futuras investigações que busquem valorizar a diversidade de experiências e narrativas que compõem a história da educação brasileira.

Para exemplificar as ações educacionais e literárias que justificam as contribuições de Marianna Gonçalves da Luz aqui apontadas, destacamos:

Ações educacionais:

- 1- Início da carreira docente aos 13 anos: Marianna começou a lecionar ainda muito jovem, demonstrando um compromisso precoce com a educação. Ela ministrava aulas na casa dos pais, o que evidencia sua dedicação e iniciativa em promover a alfabetização em sua comunidade.
- 2- Atuação em instituições locais: Ela exerceu o magistério em várias instituições de Itapecuru-Mirim, como o Instituto Rio Branco, o Colégio Magalhães de Almeida e a Escola Dr. Getúlio Vargas.

- 3- Metodologias adaptadas às condições locais: Marianna desenvolveu práticas pedagógicas adaptadas às condições locais, que incluíam a valorização da identidade e da dignidade dos alunos, focando na formação de valores críticos e na emancipação social.
- 4- Defesa dos direitos dos professores: Nos anos 1920 e 1930, Marianna se envolveu em questões políticas, defendendo os direitos dos professores, questionando os baixos salários e os atrasos nos pagamentos. Sua atuação política revela seu compromisso com a melhoria das condições de trabalho dos educadores.

#### Campo Literário:

1. Produção literária engajada: Marianna foi uma das escritoras mais proativas do Maranhão no final do século XIX e início do século XX. Ela colaborou com vários jornais, como o Diário do Maranhão, Pacotilha e O Rosariense, utilizando sua produção literária para abordar questões sociais relevantes.
2. Publicação de *Murmúrios*: Seu livro *Murmúrios*, publicado postumamente em 1960, é uma obra que cristaliza a profundidade e a sensibilidade de sua poesia. A obra aborda temas como solidão, amor não correspondido, melancolia e a inevitabilidade da morte, refletindo as nuances de sua época e sua conexão com a paisagem natural.
3. Homenagens e reconhecimentos: Marianna foi eleita para a Academia Maranhense de Letras em 1949, sendo a segunda mulher a integrar a instituição. Sua eleição foi um marco significativo, considerando sua condição de mulher negra e residente no interior do Estado. Este reconhecimento destaca a importância de sua contribuição literária.
4. Peças teatrais e cantos litúrgicos: Além da poesia, Marianna escreveu peças teatrais e cantos litúrgicos, que foram utilizados em celebrações religiosas e eventos culturais. Suas peças, como *Miss Semana* e *Eu Também sou Eleitora*, foram apresentadas em teatros importantes, como o Teatro Arthur Azevedo, e abordavam críticas sociais e políticas.

Os feitos educacionais e literários de Marianna Gonçalves da Luz exemplificam sua contribuição significativa para a história da educação maranhense. Sua atuação como professora e literata negra não apenas promoveu a inclusão social e a valorização da identidade afrodescendente, mas também desafiou as desigualdades sociais e raciais de sua época.

Além disso, este estudo revela como a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz dialoga com questões ainda prementes no Brasil contemporâneo, como a luta contra o racismo, a promoção da igualdade de gênero e a valorização da diversidade cultural. Reconhecer o papel de mulheres negras na história da educação e da literatura é fundamental para construir uma sociedade mais justa, que respeite e celebre a pluralidade de experiências e narrativas.

Finalmente, a pesquisa reforça que a trajetória de Marianna Gonçalves da Luz não apenas enriquece o debate sobre a história da educação maranhense, mas também amplia o escopo das discussões sobre gênero, raça e educação no Brasil. A inclusão de sua história em um contexto mais amplo permite retomar as contribuições de mulheres negras que, muitas vezes, foram apagadas das narrativas oficiais. Nesse sentido, a recuperação da memória de Marianna constitui uma ação política e historiográfica essencial para a compreensão das dinâmicas educacionais e culturais do Maranhão.

Marianna Gonçalves da Luz emerge como uma figura de grande importância histórica, cuja vida e obra revelam os desafios e as conquistas de mulheres negras no campo educacional e literário. Sua trajetória é um exemplo inspirador de resistência e transformação, deixando um legado que deve ser continuamente explorado e valorizado. A reconstrução de sua história não apenas ilumina as contribuições de Marianna para a educação maranhense, mas também destaca a urgência de uma historiografia inclusiva, que reconheça e celebre a diversidade de vozes e experiências que compõem a nossa história coletiva.

Dessa forma, as contribuições de Marianna Gonçalves da Luz vão além de seu tempo e espaço, reafirmando a importância de revisitar e ressignificar o passado. Espera-se que esta pesquisa não apenas contribua para o campo da História da Educação, mas também inspire novas investigações que ampliem a visibilidade de outras trajetórias de mulheres negras que, como Marianna, tiveram seus legados invisibilizados, mas cuja relevância permanece como inspiração para as lutas atuais por inclusão, igualdade e reconhecimento histórico.

Inspirando-nos nas reflexões de Morin (2005), podemos compreender que o estudo de Marianna Gonçalves da Luz não deve ser reduzido a uma análise linear ou compartimentada. O pensamento complexo de Morin nos convida a observar as inter-relações entre os diversos papéis desempenhados por Marianna – como educadora, escritora, mulher negra e cidadã de um Brasil em transformação na primeira metade do

século XX. Cada um desses aspectos interage em uma rede dinâmica, contribuindo para o entendimento de sua relevância histórica.

A educação, na perspectiva de Morin, deve integrar não apenas o conhecimento técnico, mas também valores éticos e culturais. Nesse sentido, Marianna Gonçalves da Luz personificou esse ideal ao utilizar a educação como ferramenta de emancipação e afirmação identitária, desafiando o racismo estrutural e os estereótipos de gênero e raça. Sua atuação literária e pedagógica ilustra o potencial da ciência com consciência, ao articular saberes locais e universais em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, a abordagem de Morin reforça a importância de reconhecer os contextos históricos e culturais como elementos indispensáveis na formação do conhecimento. Assim, ao estudarmos Marianna Gonçalves da Luz, não apenas resgatamos uma memória histórica frequentemente invisibilizada, mas também reafirmamos a relevância de perspectivas que integram a diversidade e a complexidade humana na produção do saber.

A contribuição de Marianna Gonçalves da Luz vai além de sua atuação profissional. Ela simboliza a resistência e a agência de mulheres negras no campo da educação, revelando a capacidade de indivíduos em transformar realidades adversas por meio do conhecimento, da cultura e da consciência. Esse legado nos inspira a continuar buscando formas de integrar ciência, ética e história, conforme nos propõe Morin, para construir uma educação verdadeiramente transformadora e inclusiva.

Destacamos os principais achados e reflexões derivadas da análise dos saberes docentes, práxis pedagógicas e contribuições de Marianna Gonçalves da Luz no contexto da História da Educação Maranhense.

As práticas pedagógicas de Marianna Gonçalves da Luz podem ser analisadas como parte de um processo de construção, circulação e aplicação de saberes. Burke (2012) enfatiza a maneira como o conhecimento é historicamente contextualizado, e, nesse sentido, é relevante identificar como Marianna integrou ou contestou saberes dominantes em sua época. Suas escolhas metodológicas e pedagógicas revelam não apenas sua visão educacional, mas também os desafios e limitações impostos pelo contexto social, político e cultural do Maranhão.

A trajetória de Marianna pode ser avaliada como uma manifestação de resistência ou adaptação às estruturas tradicionais de ensino. A análise de sua contribuição permite reconhecer os aspectos inovadores ou conservadores que marcaram sua atuação na História

da Educação Maranhense. Nesse contexto, as ideias de Burke (2012) sobre a democratização e a disseminação do conhecimento ajudam a situar a relevância de Marianna em uma sociedade em transformação.

Burke (2012), argumenta que o conhecimento é moldado pelas relações sociais e pelos interesses de determinados grupos. A história de Marianna Gonçalves da Luz, portanto, reflete não apenas sua individualidade, mas também as dinâmicas sociais, como os papéis de gênero, as expectativas sobre o magistério e as demandas educacionais de sua época. Sua atuação pode ser vista como uma contribuição para a história social do conhecimento no Maranhão.

As práticas e saberes de Marianna devem ser situados no panorama mais amplo das mudanças educacionais em sua região. Burke observa que o conhecimento sempre se desenvolve em rede, e, assim, as contribuições de Marianna precisam ser analisadas como parte de uma rede maior de educadores e intelectuais que moldaram a educação maranhense.

Por fim, é importante considerar como o legado de Marianna Gonçalves da Luz dialoga com as demandas educacionais contemporâneas. As ideias de Burke sobre a transição de uma era de conhecimento centralizado (representada pela Enciclopédia) para uma era mais fluida e acessível (representada pela Wikipédia) podem inspirar reflexões sobre a evolução da educação e a valorização de experiências locais e trajetórias individuais no ensino. Esses aspectos reforçam a importância de investigar Marianna Gonçalves da Luz não apenas como uma figura histórica isolada, mas como parte de um processo mais amplo de formação, circulação e transformação do conhecimento no Maranhão e no Brasil

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Júlia Romeu. 1ª ed. Companhia Letras São Paulo. 2019.b.

ALTET, M. **As competências do professor profissional**: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: Prrenoud, F.; Paquay, I.; Altet, M.; Charlier, e. *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 23-35.

BARROS, Leonardo Barbosa. **Imprensa maranhense no início do século XIX: Uma análise dos discursos sobre a escravidão no jornal Conciliador do Maranhão (1821 – 1823) . Palma- TO, 2022**

BARONE, A.; RIOS, Flavia. **Negros nas Cidades Brasileiras** (organização). 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018.

BECKER, Howard S. Biographie et mosaïque scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.62/63, n.L'illusion biographique, jun, 1986.

BERTAUX, Daniel. **L'approche biographique**: sa validité méthodologique, ses potentialités. Cahiers Internationaux de Sociologie, v.LXIX, n.Histoires de vie et vie sociale, juillet-décembre, pp.197-225, 1980.

BEZERRA, Juliana. Feminismo no Brasil. **Toda a matéria**, 2018. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/> >. Acesso em 15 set. 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Identidades e ensino de história no Brasil**. In: CARRETEIRO, Mario. GONZÁLES, Maria Fernanda. ROSA, Alberto (Orgs.). **Ensino da História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOGÉA, Daniel. (2021), **Partidos políticos e STF**: decifrando a simbiose institucional. Curitiba: Appris.

BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **AFROCENTRICIDADE: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências.** Maringá: Eduem, 2007.

BOSSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Bourdieu, Pierre. (1996), **AS REGRAS DA ARTE: GÊNESE E ESTRUTURA DO CAMPO LITERÁRIO.** São Paulo, Cia. das Letras.

BOURDIEU, Pierre. **A DOMINAÇÃO MASCULINA.** 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: II: da Enciclopédia à Wikipédia.** Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. Lei nº 3.071 de 1º de janeiro de **1916. Código Civil.** Lei nº 10406, de 10 de janeiro de 2002.

BUZAR, Benedito. **O vitorinismo.** São Luís: Lithograf, 1998.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Dominios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Suelaine. **MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO: desafios para a sociedade brasileira.** In: CARREIRA, Denise (et al.). **Gênero e Educação: fortalecendo uma agenda para políticas educacionais.** São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas, 2016.

CASTELL, Manuel. **Poder da identidade.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CRUZ, Maria Helena Santa, **Relação entre gênero, poder e violência: desafios para educação** in FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; MOTTA, Diomar das Graças (org). **Mulheres na História da Educação: desafios, conquistas e resistências.** 2005

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a História da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação dos negros e outras histórias**. Brasília: Secad/MEC, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. Entre Dandaras e Luizas Mahins: mulheres negras e anti-racismo no Brasil. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Orgs.). **O movimento negro brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

FERNANDES, Henrique Costa. **Administrações maranhenses – 1822 – 1929**. São Luís-GEIA, 2003.

FOUCAULT, Michel. **VIGIAR E PUNIR: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p.288.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, 3ª ed.: Líber Livro Editora, 2008

FRANCO, Stella Scatena; PRADO, Maria Lígia. Participação Feminina no debate Público Brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Maria Joana. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.p. 194 a 217.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

IBGE (2022) - **idades @**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/itapecuru-mirim.html>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 jul.2013.

IBGE. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LERNER, Gerda, 1920-2013 **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens** / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

---

LISBOA, Inaldo. **Tudo Azul no Planeta Itapecuru:** crônicas, contos e poemas. Editora. Editora Ponto a ponto gráfica e editora. São Luís. 2005

---

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 10 ed. Petrópolis- RJ. 2008.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha. HOIHET, Rachel (Orgs.). **Ensino de História:** conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, ago./dez. 2009. Disponível em: <Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/sumario/exibir/1> >. Acesso em: 20 abr. 2010. » <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/sumario/exibir/1>

---

MARINHO, Luiza Natalia Macedo. **Marianna Gonçalves da Luz:** Jornalismo Literário na Imprensa Maranhense no início do século XX. Bacabal/MA 2019

MEIRELES, Mário. M. **História do Maranhão.** 5.ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2015

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência.** tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORRISON, T. (1987). **Amada,** trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

---

MOTTA, Diomar das Graças. **As mulheres professoras na política educacional no Maranhão.** São Luís. EDUFMA. 2003.

NERES, José. **Os murmúrios de Mariana.** São Luís, 2012. Disponível em <http://joseneres.blogspot.com.br/2012/12/a-poesia-de-mariana-luz.html>. Acessado em 10 abr 2024.

NUNES, Iran de Maria Leitão. **Ideal Mariano e docência**: a identidade feminina da proposta educativa Marista. Tese (doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

OLIVEIRA, Gabriela de Santana e QUEVEDO, Rafael Campos. A poética de Marianna Gonçalves da Luz. **Revista Interdisciplinar em cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís – Vol.4 Número Especial – jul/Dez.2018

OLIVEIRA, M.G.L. A profissionalização docente. In CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11,2013, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Educare,2013, Disponível em: Acesso em 2 jan 2025.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história**: tradução Viviane Ribeiro. EDUSC. Bauru- SP, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**: tradução Roberto Leal Ferreira. Fundação Editora UNESP. São Paulo- SP, 1998.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX**. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo, v. 49, p. 43-64, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de gênero e História social**. Revista de Estudos Feminista. Florianópolis, v.7, n.1, abr. 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, Gabriela de Santana Oliveira de. **MARIANNA GONÇALVES DA LUZ**: Murmúrios e outros poemas. Edições AML. São Luís, Maranhão. 2021.

SANTANA, Jucey Santos de. **Marianna Gonçalves da Luz: vida e obra**. Edição do autor, São Luís- MA. 2014.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife – PE: SOS Corpo, 1990.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In Burke, P. (org) **A escrita da história**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991

SILVA, C. M. N.; Nascimento, C. V.; Zica, M. C. **Imprensa e educação na segunda metade dos oitocentos**. In: MIZUTA, C. M. M.; FARIA FILHO, L. M.; PERIOTTO, M. R. Império em Debate: imprensa e educação no Brasil oitocentista. Maringá: EDUEM, 2010. p. 223-251.

SOUZA, Crysósthomo. **Páginas de saudade**. "s.l" 1945.

SOUZA, J. F. de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Organizado por Inez Maria Fornri de Souza. 2. ed. Recife: EdUFPE, 2012.

SOUZA, Warley. "Modernismo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/modernismo.htm>. Acesso em 9 de abr 2024.

·  
TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **Entre Quadros e Ruínas: Marianna Gonçalves da Luz, uma voz poética esquecida**. Revista Graphos. Vol 21, nº 2, 2019 (paginas:42-58) /UFPB/PPGL/ISSN 1516-1536

VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças: história e sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

## ANEXOS

**ANEXO 1: TRECHO DO DISCURSO DE POSSE DE MARIANNA GONÇALVES DA LUZ NA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS<sup>15</sup>**

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos!

Aqui estou para tomar posse da cadeira patrocinada pelo grande vate conterrâneo, Vespasiano Ramos. Aqui entro mais pela bondade dos que me sufragaram o nome, do que certamente, pelo valor literário da minha obra que, pesada e medida em sua consciência, verifico que é nada.

A doce convivência que tenho tido com as musas, só vem mais do meu espírito contemplativo, da necessidade de verter em rimas (por ser a modalidade que mais me agrada e que mais me convém ao temperamento) os anseios, os pensamentos as reações que me vem do coração, originadas, talvez pelo ambiente calmo e nostálgico do meu torrão natal, da sua vida para mim tão bela, na sua encantadora simplicidade, tão propícia, assim, aos devaneios espirituais e a meditação, do que propriamente ao cultivo objetivo das letras.

A poesia é para mim, um sentimento que habita em todos nós; mais profundamente em uns que em outros, que nos torna, assim, como que poetas em potencial, à espera somente da centelha divina da inspiração ou da diligência acurada, de que nos fala Bilac nestes versos:

Mas que na forma se desfaça o emprego,  
Do esforço. E a trama se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica, mas sóbria como um templo grego.  
Não se mostre na fábrica o suplício,  
Do mestre, e natural o efeito agrade  
Lembrar os andaimes do edifício.

---

<sup>15</sup> É trecho, pois a última parte, que era a conclusão, foi perdida e ou extraviada.

Assim, é que vindo para o convívio desta casa, não vos possa prometer o fulgor de produções literárias dignas deste Areópago e dos meus Pares. Prometo-vos, entretanto, em troca, a minha dedicação pela salvaguarda do prestígio desta casa, pelo seu cada vez maior engrandecimento, de que é penhor o meu acendrado amor ao Maranhão e ao culto perene aos seus filhos ilustres que de verdes anos me acostumei a tributar.

Cabe-me, neste Cenáculo, ocupar a cadeira patrocinada pelo insigne poeta conterrâneo – Vespasiano Ramos. Poeta dos que foram verdadeiro esbanjador de belezas, Vespasiano Ramos ocupa na vida literária brasileira, um lugar de verdadeiro e merecido destaque.

Nascido na gloriosa Caxias, na madrugada de 1º de março de 1884, sendo seus pais Antonio Vespasiano Ramos e Leonídia Caldas Ramos, cedo atendeu ao chamado das musas, tornando-se, pelo seu inextinguível talento e divina inspiração, o poeta mavioso, o bardo inimitável, o seresteiro harmonioso que admiramos reverentes e exaltamos deslumbrados.

A sua poesia repassada de sentimentalismo suave, toma todas as formas, assume a todas as nuances, abrindo-nos, de par em par, o santuário de belezas e harmonias que tinha no seu coração tão sensível, de poeta e sonhador.

Levando uma vida de boemia, despreocupado do lado espinhoso da vida, embevecido tão somente no seu sonho de conquista do belo, da perfeição da forma, da magnitude da idéia, pode-se dizer que Joaquim Vespasiano Ramos, viveu para seu estro e morreu por ele.

Repentista, humorista, cultor de trocadilho espirituoso, era Vespasiano Ramos o encanto das palestras e o sol das salas. A sua presença irradiava alegria, como o seu desmazelo boêmio o punha à vontade em tudo e com todos. Passou pela vida como cigarra. Cantando e esbanjando o seu talento, sem amealhar, sem pensar nunca na velhice, talvez na certeza de não a alcançar, tão intensamente vivia! Aproveitava os minutos diários na percepção da natureza viva, seus tumultos, das suas paisagens, da placidez dos céus de estio, da nostalgia plúmbea dos invernos e continuava furando noites adentro, ora consumindo-se na dissipação das tascas.

Não obstante, sente-se em sua poesia uma inquietação constante, a ânsia do inconquistado, que se revela em Samaritana ou em Súplica, onde lança o poeta este grito de angústia:

Minha Nossa Senhora! Ó Mãe Celeste,

Ó Fonte de concórdia  
 Tu, que ferida pelos mais ingratos;  
 Não te mudaste de alma e nem de mundos  
 E que deste perdão para Pilatos,  
 Depois da ação negríssima de Judas;  
 Virgem Mãe de Jesus,  
 Virgem da Conceição:  
 Manda por piedade  
 Uma esmola de luz  
 A nossa escuridão.

Como seu sócio espiritual alagoano, Guimarães Passos, viveu muito pouco: 32 anos somente. Como Vespasiano Ramos, Guimarães Passos levou a mesma vida de boemia, possuía a mesma simplicidade de viver, tinha o mesmo estro inspirador, o mesmo alcandorado dos sonhos e a mesma vida intensamente vivida. Coisa, porém, interessante de notar, o autor de “Coisa Alguma” apesar da vida que levava, não era cético.

Constantemente o seu espírito voltava para a meditação das coisas espirituais, das coisas do céu, donde tirava as mais belas produções, de que é exemplo, “Virgem da Conceição”, escrito em sinal de gratidão às Irmãs de Caridade da Santa Casa da Misericórdia de Belém do Pará, onde esteve internado, acometido de moléstia grave e “Súplica” verdadeiro hino da exaltação á Virgem Imaculada. “Em 26 de dezembro de 1916, morria em Porto Velho, no Amazonas, o insigne poeta, naqueles ambientes portentos o em que a mão da natureza se esmerou enquanto o tinha” cenário digno da sua sorte, grande como o seu ideal de beleza.

Como bagagem poética deixou somente o livro “Coisa Alguma” e certamente, muitas produções esparsas, dadas a sua prodigalidade em escrever versos em qualquer lugar e a qualquer hora: nas salas e nas varandas, nos botequins e nas esquinas. Muitas das suas produções estarão quiçá em álbuns de famílias tanto no Maranhão como em Belém do Pará ou Amazonas, inteiramente desconhecido do público e que, tarde ou nunca, virão à luz da publicidade, permanecendo no ineditismo, em detrimento da sua glória e em prejuízo da literatura.

Mesmo assim, se nos afigura valiosa a sua contribuição para a poesia maranhense e justo e merecido o culto de sua memória.

A Academia Maranhense de Letras, colocando-o como patrono de uma de suas poltronas, praticou um ato de justiça e premiou o mérito inegável de um dos mais completos poetas que tem produzido a terra maranhense e, sobretudo do vale do Itapecuru, tão pródigo em vultos imortais, como Joaquim Vespasiano Ramos. Porque manda a prudência, a história nos ensina, o bom senso nos adverte que se não deve medir o valor de uma obra literária pela grandeza numérica dos volumes, mas pelo que ela tem de profundo, de humano de artifício genial. Donde se conclui que a obra literária para merecer consagração dos pôsteres, não carece da produção abundante. Precisa antes, que encerre em si aquele que de perfeição, de genialidade, de profundo conhecimento do sentimento humano, de perfeito entendimento das questões sociais e do tempo e, ainda, que seja legítima e bela.

Temos exemplos: Dante com a sua “Divina Comédia”, Cervantes com o seu imortal” Dom Quixote” e Castro Alves com as “Espumas Flutuantes”.

Que se exalte, que se glorifique, pois, a Vespasiano Ramos. Que ele permaneça vivo na memória de todos os bons maranhenses, porque ele bem merece a consagração da posteridade, pelo muito que contribuiu para a grandeza de Atenas, para o prestígio do nome do Maranhão. Era de celebrações prodigiosas como essa do mavioso autor de “Coisa Alguma” que o nosso grande João Lisboa dizia: Os gênios gigantescos hão mister de pedestais alçadas, pela gloria imorredoura, donde dominem tudo, tenham por expectador o universo inteiro.

Meus bons amigos, eu vos agradeço a manifestação carinhosa e honrosa que acabais de fazer-me neste dia em que tenho a ventura de achar-me entre vós, fazendo parte da Academia Maranhense de Letras.

Não tendo jus a tanta consideração, porque nenhum mérito real possuo, considero-me assaz enobrecida por vós, vendo essa consideração de que me cercais um balsamo que suaviza as agruras que me tem alcançado a vida.

Devo pagar-vos a generosidade, mas como? Se eu sou tão pobre!

Contam que um grande monarca,

visitando seus estados,

Recebeu dos abastados

Jóias de fino lavor:

Eram gemas preciosas,

De um valor inestimável!

Que cada qual, mais amável,  
Ofertava ao grão Senhor  
E o monarca atencioso  
A todos agradecia  
E complacente sorria  
Demonstrando gratidão.  
E com todo seu agrado,  
Nas provas do seu amor  
Mostrava o real Senhor  
Sincera dedicação.  
Mas eis que chega um campônio  
Que nada tinha de seu  
Pobre, pobre como eu,  
Sem nada ter para dar!  
Mas o rei é tão bondoso,  
E tão meigo o seu sorriso  
(Pensa o campônio) e é preciso  
Que algo lhe vá ofertar  
Ali perto, entre seixinhos  
Lindas, brancas, nacaradas,  
Sorria pelos relvados,  
Um regato cristalino,  
E a água, por entre os seixos  
Que rolavam sem cessar,  
No constante marulhar  
Tinha um brilho diamantino.  
Uma idéia: mergulhando  
As mãos na linfa corrente  
Enche-as d'água, e num repente  
Oferece ao rei então.  
E o monarca admirando  
Das gotas o estranho brilho  
Diz: deste muito, meu filho

Porque deste de coração

Discurso de posse na AML, proferido pelo acadêmico José Mata Roma.  
10.5.1949.

## **ANEXO 2: DISCURSO DE SÁLVIO DINO**

Discurso proferido por Sálvio Dino, por ocasião da posse na Academia  
Maranhense de Letras em 16.07.1999

Minhas Senhoras,

Meus Senhores:

Desejo de vero sentir, evocar, no pórtico deste pronunciamento, para o qual suplico a benevolência de todos, uma parábola, de sabor esfíngico, que bem espelha a grandeza de espírito dos homens que exercitam a palavra com maestria.

Essa pequena fábula, o ilustre escritor e jornalista Edmilson Sanches recolheu-a de cadernos amarelados e deu-lhe uma nova roupagem, tal o exímio ourives que manipulando o ouro fino transforma-o em bela obra de arte.

O jovem discípulo aprisionou um pequeno pássaro entre as mãos. Colocou-se atrás do seu mestre e falou-lhe – Mestre tenho um pássaro nas mãos. O senhor, que sabe todas as respostas, diga-me: ele está vivo ou morto?

Se o mestre respondesse está vivo, o discípulo esmagaria o pássaro e o exibiria morto. Se a resposta fosse está morto, ele libertaria o pássaro que voaria frente ao mestre, agora desmoralizando.

O que falar, o que dizer?

O que se deve dizer em um momento tão festivo, quando nossa alma embriagada de forte emoção deixa-se dominar pela mais feliz das ilusões do outono existencial de que vivemos, o sonho dourado da imortalidade acadêmica?

Da genialidade de Rui Barbosa colho esta sábia lição:

“Embora as maiores instituições humanas se aliem, ou enxovalhem, resta-nos sempre uma tão nova nos lábios de Gladstone, como nos de Péricles: a intuição divina da palavra.”

Tão divina, realmente, é a instituição da palavra que através dela, no princípio, Deus criou os céus, a terra e tudo que neles há. Tão extraordinário é o poder verbal que desde os memoráveis tempos dos profetas, passando pela grandiosidade helênica e a

arrancada do novo mundo decorrente das ousadas conquistas marítimas, pedras sobre pedras desabaram, no entanto, a palavra, os versos do maior monumento literário da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, embora parecessem frágeis, de pouca resistência, jamais deixaram de existir, são eternos como a casa bíblica que não desaba, pois é construída sobre a rocha.

Santo agostinho, o incomparável teólogo das bem-aventuranças, agrupando as palavras do Senhor no quadro de reflexões sobre o Sermão da Montanha, ensina-nos que, sendo Cristo a rocha, edificar sobre o Cristo significa pôr em prática uma dinâmica visando à grande escalada da montanha da redenção do homem.

Perdoem-me um registro todo pessoal. Nos idos de 1964, estive por longos dias no cárcere militar ao lado do poeta Bandeira Tribuzi e do saudoso jornalista Vera-Cruz Marques. Pois bem. Do primeiro, o sempre querido Tribuzi, ouvi certa manhã uma marcante lição, como todas dadas pelo inolvidável homem de letras maranhense: ” Toda causa está associada ao espírito, a termos como eloquência verbal, luta libertária. Jamais deve-se desassociá-la, sob pena de cair-se em retumbante fracasso”.

Por outro lado, Darcy Ribeiro, um dos intelectuais mais brilhantes da América Latina, confessa eloquentemente: “Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando e lutando, como um cruzado pelas causas que me comovem”.

Os mestres têm razão. Desde o Gênesis, quando Deus tirou do verbo todas as coisas materiais e seres viventes, passando por ciclos históricos que se perderam nas madrugadas dos tempos, as grandes causas associadas ao bom combate de que fala o apóstolo Paulo tem sido a estrela polar que ilumina os nossos caminhos, na busca eterna por melhores dias de vida compatíveis com a dignidade cristã.

Daí o porquê de Von Lhering, em notável ensinamento, sustentar que todas as grandes conquistas que a história registra foram alcançadas à custa de lutas ardentes, na maior parte das vezes continuadas através de séculos.

Minhas senhoras,

Meus senhores:

Todo esse encadeamento de ideias leva-me a relato de caráter esfíngico de que falei no início.

Quando o discípulo pensava que o mestre nada tinha para dizer, este então fala: “Meu caro jovem, o destino do pássaro está em tuas mãos. Pensa e age como quiseres”

Numa ocasião tão solene como esta, onde se pensa que a noite é nossa e é para nós a festa dos luminares da cultura, confesso que uma força irresistível me leva a dizer alto e a bom som: também sou homem de causas. Sim. Ao longo de minha vida pública, muito embora com voos de pequeno alcance, tendo a palavra como bússola maior, sempre defendi nobres causas, todas voltadas para a grandeza de nossa terra e o sentir de nossa gente.

Volto as vistas para o passado. Mergulho no fundo do poço de minha alma de raízes sertanejas. Jamais me esqueci de minhas origens telúricas. E foi lá no sertão de dentro, em época longínqua, no velho e histórico Grajaú, que embalou meus doces sonhos de meninos, que abracei a causa primeira, de tantas arrojadas outras que iria enfrentar ao longo de minha vida.

Tão doce e saudosa quadra primaveril, assim tento descrevê-la no meu poema Perfume de Reminiscências:

Um tempo de cheiro  
 De primeiras chuvas  
 De chapadas floridas  
 Frutas maduras  
 Terra molhada  
 Aroma da natureza  
 Folha machucada  
 Arapucas armadas  
 Brejos fartos  
 Mergulho em fontes fundas  
 Descendo gementes...sonoras...

Vejo-me menino de calças curtas. Era uma manhã ensolarada, de raios energizantes. Dirigia-me para a escola. Na esquina de uma praça, os meus olhos de criança, olhos de menino ingênuo, assistiram a uma cena revoltante que através dos tempos jamais sairia de minha retina.

Um homem salta por cima do balcão de uma casa comercial. Com gesto corajoso e inesperado dirige-se aos soldados que conduziam um preso espancando-o impiedosamente: “Um homem se prende. Não se bate nem mesmo num animal. Levem-no com respeito”.

Aquela corajosa intervenção foi aprovada com vivos aplausos pelas pessoas que presenciavam tão chocante cena. Revejo-me colocando os livros em cima de uma calçada alta e também batendo palmas em um espontâneo gesto de solidariedade humana. Esta foi a primeira causa dentre tantas outras que iria abraçar, com sacrifício até mesmo de minha liberdade pessoal. Creio ser também oportuno revelar o nome do autor de tão marcante façanha. Chamava-se José Raposo Gonçalves da Silva. Sim. Refiro-me ao sempre saudoso jornalista Amaral Raposo, que tanto honrou as letras maranhenses, bem como as tradições de civismo da nossa gente.

Ainda nos verdores de meus anos, outra nobre causa muito marcou minha pública. Passava eu pela edilidade ao lado de figuras de escola como Mata Roma, Casemiro Carvalho, Mário Silva, Teixeira Mota e João Itapary. Vereador cheio de sonhos, logo vim a saber que em São Luís não existia na área de ensino público municipal sequer um ginásio. Entendia que tal situação era uma vergonha para todos nós. Quebrei lanças na África do meu entusiasmo de jovem. Criei, por lei, um estabelecimento de ensino público de nível secundário à altura de atender às necessidades da clientela escolar, principalmente a de baixa renda dos bairros são-luisenses.

O sonho se transformou em realidade. Tenho o dever de ressaltar a excelente assessoria técnica que à época me foi prestada, de maneira espontânea, pelo meu querido amigo, o poeta e jornalista Manuel Lopes, um dos expoentes maiores desta Egrégia Casa de Cultura.

Ao longo de minha caminhada sempre batida pelo sol do bem viver, abracei muitas outras nobres causas, das quais muito me orgulho, guardando-as com maior carinho.

No entanto, dentre tantas, há uma que nas dobras do tempo me deixou profunda ferida. Tenho a certeza de que levarei comigo para a última morada, quando o destino assim determinar.

Eram jovens. O espírito povoado de idealismo. Exerciam o mandato outorgado pela soberana vontade popular. Defendiam teses então consideradas avançadas no contexto de uma civilização agônica, dominada pelas rivalidades e conflitos e no quadro de um país oprimido por tensões e crises sociais.

A pregação não se constituía invenção de neófitos no campo político. Maritain, um dos maiores filósofos de nossos tempos, já exaltava um novo regime de

predominância social, no exato entendimento da importância de uma participação mais ampla de todos para o aperfeiçoamento do Estado Democrático de Direito.

Não foram entendidos. Nos primeiros arrancos do regime militar que subjugou toda a nação, eles foram as primeiras vítimas de um iníquo e revoltante processo de cassação.

Óbvio que estou me referindo ao companheiro de causas, ao irmão de ideal, o meu querido compadre Benedito Buzar e a mim próprio, ambos vítima de uma teratológica decisão que enodou até o sagrado direito de defesa, comezinho princípio que se encontra inserido mesmo nas Constituições dos povos menos civilizados do mundo.

Sr. Presidente!

O meu saudoso mestre Antenor Bogéa, quando de sua investida nesta venerável Casa, disse com propriedade:

Não ignoro que o ritual de posse, em solenidade [...] como esta prescreve que o orador recipiente é quem analisa a vida do acadêmico recipiendário. Todavia a evocação sentimental de minha vida anteacta no seu profundo subjetivismo é obra tão pessoal que só eu próprio poderia realiza-lo no rápido bosquejo autobiográfico aqui feito.

Parafraseando o inolidável conterrâneo, registro que o bosquejo autobiográfico nora feito decorre de uma irresistível evocação emotiva, tão pessoal que é imperativo que eu mesmo o faça em profundo sentir, arrancado do alforje da memória.

A Responsabilidade da CADEIRA Nº 32

Passo agora a fazer uma avaliação sobre a responsabilidade que assumo nesta noite de luminosidade intelectual.

A Cadeira em que tenho a honra de ser empossado foi fundada com a intenção de homenagear um filho de Caxias, nascido com a sina de brilhar no mundo da poesia.

O meu ilustre antecessor Raymundo Carvalho Guimarães, nos disse que a escolha do patrono pela poetisa Marianna Gonçalves da Luz se prende a razões sentimentais, visto como além de admiradora, manteve estreitas relações literárias com Vespasiano Ramos em Caxias.

Recebo, portanto, como legado patrimonial da melhor qualidade, a Cadeira como signo da poesia, uma vez que quem a cinzelou foram dois inspirados ourives das letras poéticas nascidos na ribeira do fecundo Itapecuru, historicamente, como sabemos, berço de figuras cimeiras do altar da cultura maranhense.

Oh! Vespasiano Ramos!

Como e quando simbolicamente o conheci?

Nos meus tempos de adolescente a minha saudosa mãe Maria José de Castro e Costa guardava, com muito carinho, um caderno amarelado pelo tempo. Certa feita, abrindo-o recitou para mim uma poesia que jamais sairia de minha cabeça. Era o famoso soneto Samaritana, uma das joias mais finas da lavra do vate caxiense. Tal caderno ainda hoje o guardo, herança materna das mais gratificantes.

O segundo encontro com o festejado autor de Sulamita deu-se nos tempos de colegial. Em um fim de ano letivo. Terminava o curso à época chamado de científico no Ateneu Teixeira Mendes. Prova oral de literatura. Quem nos examinava era o respeitável professor Rubem Almeida. Todos nós tremíamos na base só em olhar o famoso mestre de cabelos bastos e grisalhos.

O examinador olhou-me demoradamente e com um ligeiro sorriso irônico nos lábios soltou a pergunta:

- Meu jovem, você é capaz de declamar uma poesia de algum poeta maranhense?

E eu à queima – roupa:

- Sou, professor.

- Pois então diga o nome do poeta e declame.

Sem maiores rodeios disse que o poeta se chamava Vespasiano Ramos e logo passei a declamar o célebre soneto – Samaritana. Lembro-me como se fosse agora, eu de olhos meio fechados e concentrando-me com medo de errar, declamando:

Piedosa e gentil Samaritana

Venho de longe, trêmulo, bater

Em vossa humilde e plácida cabana

Pedindo alívio para o meu viver.

Sou perseguido pela sede insana

Do amor que anima e nos faz sofrer

Tenho sede demais, Samaritana

Tenho sede demais, Samaritana

Tenho sede demais: quero beber.

Fugis, então ao mísero que implora

O saciar da sede que o consome

O saciar da sede que o devora?

Pecais, assim, Samaritana! Vede:

filho, dai de comer a quem tem fome ...

filho, dai de beber a quem tem sede...

Entre o sorriso aberto do velho mestre que me deu a nota 10 e as palmas de alguns colegas deixei a sala e acompanhado de alguns outros, do chamado time da pesada, fomos comemorar a grande e inesperada vitória, em um daqueles conhecidos bares da época, ali no velho Canto da Viração.

Vespasiano Ramos!

O melhor trabalho sobre sua obra deve-se ao escritor Walfredo Machado (seu conterrâneo).

E é seu biógrafo maior quem nos conta passagens pitorescas do filho de Antonio Lúcio Ramos e dona Leonília Caldas Ramos, nascido em Caxias a 13 de agosto de 1884 no largo da igreja de São Benedito.

Diz-nos ele que bem cedo Vespasiano evidenciou sua vocação literária, Com 13 anos foi trabalhar no comércio como caixeiro de balcão. A um canto da loja, em momentos de descanso, ele lia livros e mais livros e escrevia em folhas de papel de embrulho os seus primeiros versos.

Nas festas públicas e reuniões familiares de Caxias, os rapazes faziam pulsar os corações das moças recitando ou escrevendo-lhes emocionantes pensamentos repassados de amor e romantismo. Vespasiano, com seu modo insinuante e afável fascinava as almas femininas com enlevo de seus versos.

Não há dúvidas de que Caxias daquela época era um meio deveras pequeno para um poeta que sonhava alcançar voos mais altos. Busca São Luís. Colabora em jornais escrevendo poesias e crônicas. Daí segue para Belém, onde passou a mior parte de sua vida. Por esse tempo encontrava-se na capital paraense seus conterrâneos Humberto Campos, Maranhão Sobrinho e Alfredo de Assis. Juntos fundaram a revista *Alma Nova*. Em Belém todos simpatizavam com o poeta que vivia declamando pelos bares e confeitarias.

A existência atribulada e flita do poeta não o prende na cidade das mangueiras. Dali parte para Manaus, onde o acolheram bem, pois já o admiravam pela leitura de suas poesias. O seu espírito errante o chama para outras terras. Já no Rio de Janeiro, com a ajuda do seu do seu irmão, em maio de 1916, consegue publicar o seu único livro intitulado *Cousa alguma*.

Como poderia deixar de ser, a sua obra é bem recebida pela crítica. Figuras eminentes das letras nacionais não lhe negaram rasgados elogios. Volta para a sua amada

Caxias. Logo busca o Amazonas donde vinham notícias sedutoras do alto preço da borracha e lucrativos negócios. Busca Porto Velho sempre carregando em sua bagagem sonhos e poesias. Seu estado de saúde é grave. Aproxima-se o Natal. Pedem-lhe que o faça uma poesia sobre a data maior da cristandade. Um amigo toma o lápis e papel e o poeta, improvisando, dita a sua última poesia denominada Prece, na qual revê a sua fé cristã.

Desse belo soneto transcrevo os dois últimos tercetos, que na verdade, são de um realismo impressionante;

Prometes voltar! Não voltes, Cristo:  
 Serás preso, de novo, às boras mudas,  
 Depois de novos e divinos atos.  
 Porque, na terra, deu-se apenas isto:  
 Multiplicou-se o número de Judas  
 E vai crescendo a prole de Pilatos.

Minhas senhoras e meus senhores:

Como traçar o perfil de Vespasiano Ramos? Em que árvores de influências literárias ele se abrigou? A que escola poética era filiado?

O mestre Antônio Lopes observa:

O seu verso não tinha o crepitar de incêndio e o tropel de batalhas que vibram na poesia de Corrêa de Araújo, nem o requinte bizarro dos sonetos desse grande sonetista que era Maranhão Sobrinho. Mas tinha naturalidade como nenhum dos outros a possuía. Os versos de Corrêa de Araújo exaltam o cérebro; os de Maranhão Sobrinho embriagam os sentidos; os de Vespasiano Ramos vão direto ao coração, o poeta preexcelente do amor.

O elemento amor. Daí sim, tem de partir toda e qualquer análise da vida e da obra do poeta caxiense.

Nos versos de tradição medieval, o poeta extravasa seu estado de espírito: ora de alegria, ora de dor, ora de profunda nostalgia. Este estado d'alma bem aparecia na cantiga popular ingênua, espanhola ou portuguesa em forte carga de musicalidade.

Donzelas pálidas, rostos seráficos, olhos verdes, saudades, amor não correspondido são heranças dos trovadores.

Vem daí a onda do lirismo exacerbado, base dos sonetos amorosos de Petrarca, o novo modelo imitado inclusive por Camões. Nessa escala poética, a amada é considerada um ser superior, alvo de um relacionamento exagerado. Aí o predomínio do sentimento,

saudade, beleza, paixão, amor decorrente da ausência, da perda e até da morte, de modo impulsivo – estimula a inspiração e os poetas compõem belos poemas.

Lúcia Miguel Pereira, figura de relevo no pensamento crítico nacional, cita como exemplo dessa situação poética o nosso vate maior, Gonçalves Dias. Diz ela que no autor de *Leito de Folhas verdes* a imaginação não igualava a sensibilidade nem o poder criador, a simpatia. Foi menos um poeta das coisas e dos fatos do que um poeta da vida. A morte e o amor são os seus grandes temas. Temas eternos dos grandes poetas. A melhor parte de sua obra, a definitiva, é autobiográfica – e a vida do poeta foi toda voltada para o amor. Esse amor que buscou sem nunca encontrar, ligava-o mais ao sacrifício que ao prazer.

Ainda que o seu grande amor. Ana Amélia Ferreira do Vale, cunhada de seu amigo. Teófilo Leal, lhe tivesse sido dada, talvez Gonçalves Dias continuasse a sofrer, pois o amor era para ele o irmão da morte e das lágrimas que só vive inteiramente na adversidade.

Minhas senhoras e meus senhores:

Como definir o estilo de um jovem, boêmio, andarilho, que adorava fazer poesias em papel de embrulho sobre balcões?

Humberto de Campos, que o conheceu bem de perto, afirma que ele procurou na poesia uma consolação generosa para os momentos de intimidade com a sua alma, nas horas não dissipadas em sua vida boêmia, torturado sempre por um grande amor sem esperança. E acrescenta: “A vida do autor de *Cousa alguma* foi toda de sofrimento e poesia. Ele foi o lirismo feito homem”.

E o corte lírico, no dizer do nosso mestre Josué Montelo, revela o homem que sente, sofre, que se defronta com seus reveses e faz do verso a sua consolação e o seu refúgio.

Vespasiano foi, sim, um obcecado pelo mito do amor em todas as formas de expressão. Em certos momentos do seu versejar, em longos poemas, atinge o êxtase em busca de uma mulher idealizada e que jamais poderá ser alcançada. Então ele apela agindo momentos de verdadeira loucura amorosa que o levaram a cair em profundo estado de depressão.

É a escalada, como observa Lúcia Miguel Pereira, em que o amor para o poeta não passa de um irmão do desespero, da dor, das lágrimas... que só consegue sobreviver na adversidade.

Há realmente perfeita similitude entre o lirismo exacerbado dos dois citados poetas maranhenses.

No episódio referente aos encontros casuais com suas bem-amadas, Gonçalves Dias com Ana Amélia em Lisboa e Vespasiano Ramos com Lili Bitencourt em São Luís, pode-se sentir o fio condutor do desesperado estado d'alma que os arrebatou em tal ocasião. Será que ambos quando avistaram as suas eternas musas se igualaram no desequilíbrio emocional? Será que, sob o incontrolável impulso do amor ou do íntimo de cada um, sentindo a necessidade de sofrer mais ainda os transe e sofrendo-os como exímios artistas do verso, conseguiram produzir dois dos mais belos e tocantes poemas líricos que ainda hoje enriquecem o patrimônio literário brasileiro?

Ninguém sabe ao certo! O que se sabe é que razão tem, e de sobra, o imortal autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao afirmar: “Ainda uma vez adeus, exclamou Gonçalves Dias, e todos nós sentimos confranger-nos o coração de saudade”.

Realmente faz-nos tremer de emoção esses versos arrancados d'alma do poeta eternamente apaixonado:

Enfim te vejo! – enfim posso  
 Curvado a teus pés, dizer-te  
 Que não cessei de querer-te,  
 Pesar de quanto sofri.

Não é outro o nosso estado de espírito ao ouvir a tormentosa paixão do outro inspirado poeta caxiense, para quem o amor era irmão do desespero, ao avistar a musa de sua vida:

Procuro te esquecer,  
 Procuro te esquecer, um só momento  
 Mas, ah! Como te dar o esquecimento,  
 Sem deixares de ser,  
 Sem deixares de ser meu pensamento!  
 Desgraçada a paixão que me inspira,  
 Desgraçado de mim que te amo ainda!  
 Minhas senhoras e meus senhores:

Quando da apreciação crítica do livro *Cousas algumas*, o renomado filólogo e poeta João Ribeiro considerou Vespasiano Ramos o herdeiro da lírica de Gonçalves Dias.

Entre nós, o festejado e querido autor de Samaritana vive esquecido.

No momento em que tomo posse na Cadeira 32, aproveito o ensejo para fazer uma sugestão no sentido de que se proceda à transladação dos restos mortais de Vespasiano do cemitério de Porto Velho para a sua cidade natal e lá sejam colocados na praça pública que tem o seu nome. Tenho certeza de que o povo caxiense jamais deixará de participar de tão justa e merecida homenagem a um dos seus maiores cantores.

No mundo de hoje tão agredido nos seus valores morais e éticos, tão abalado em sua economia, falar-se em veneração ao passado, em caras tradições culturais, é de fato pregar no Saara.

Mas, devemos sempre reafirmar que a sociedade não somente vive em função de bens materiais, riquezas mundanas e patrimônios físicos. Ela também cresce e engrandece em razão de seus valores éticos, de seus bens imateriais, de sua cultura, da inteligência e o saber de seus filhos.

Coelho Neto, o eterno príncipe dos prosadores brasileiros dizia com acerto:

Reconstroem-se as cidades destruídas, refazem-se as muralhas, restauram-se edifícios, mas um povo que perde a sua língua desaparece. Que resta dos etruscos? Que ficou dos fenícios? Lendas... A Grécia e Roma subsistem nos seus poetas e pensadores!

Meus prezados confrades!

Muito já se tem dito sobre as hercúleas lutas que a mulher enfrentou ao longo dos tempos para ter sua plena equiparação ao homem em seus direitos civis e sociais.

Sua luta tem sido árdua. O movimento pioneiro feminista é conhecido com o nome de sufragista. Em nosso país, desde o século 19 que já se ouviram vozes no Parlamento advogando a participação da mulher no governo, através do voto. Um dos grandes batalhadores foi José Bonifácio, o Patriarca da Independência.

Mais tarde, com a reforma constitucional de 1926, a mulher conquistou o seu direito de voto e por via de consequência o direito de ser votada, sendo eleita para a Constituinte Federal a primeira parlamentar brasileira, a médica paulista Carlota Pereira de Queiroz. Em nosso Estado, em 1935, para a assembleia Constituinte Estadual forma eleitas as professoras Rosa Zuleide Bogéa.

O meu ilustre antecessor registra que:

Foi o Maranhão o primeiro estado brasileiro onde a mulher se identificou como escritora e poetisa e foi a Academia Maranhense de Letras a primeira que recebeu a mulher no seu seio, com a eleição em 1948 de Marianna Gonçalves da Luz, A Cadeira n° 26 foi ocupada por Laura Rosa. Muitos anos depois é que Rachel de Queiroz, em 1978, conseguiu quebrar as amarras que vedavam à mulher eleger-se para a Academia Brasileira de Letras.

A fundadora da nossa Cadeira, Marianna Gonçalves da Luz, nasceu e passou toda a sua vida na cidade de Itapecuru, sempre integrada como professora normalista à causa do ensino da juventude. Poetisa, escritora, teatróloga, teve intensa colaboração na imprensa gonçalina. Lembro-me como se fosse hoje: em 1956 eu integrava o centro acadêmico Clodomir Cardoso, da Faculdade de Direito do Maranhão, na qualidade de seu orador oficial. Entidade estudantil de vanguarda, ao lado do orbis Clube, editamos o livro de poesia Murmúrios, de autoria da festejada poetisa conterrânea, que também deu valiosa contribuição na luta que a mulher sempre enfrentou para conquistar o seu justo lugar ao sol.

Outro ocupante da Cadeira nº 32 foi Félix Aires, nascido em 14 de janeiro de 1904, no município de Buriti Bravo. Fez o curso primário em sua terra natal, tendo ainda estudado em Caxias. Em 1926, mudou-se para São Luís, com a família, ingressando no serviço público. Tendo vocação para as letras, logo se engajou na vida literária, colaborando na imprensa e participando ativamente no processo de fundação da famosa Academia dos Novos, semente maior deste Sodalício ao lado de seus ilustres companheiros Astolfo Serra, Travassos Furtado, Virgílio Domingues, Vicente Maia, Sá Valle, Manoel Sobrinho, Rubem Almeida, Raymundo Carvalho Guimarães e muitos outros intelectuais da época.

A sua condição de servidor público afastou-o do Maranhão por largos anos, mas por onde passou deixou um brilhante rastro de homem de letras, tendo sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Trovas.

Em 1977, o poeta veio a São Luís a fim de fazer o lançamento do livro *O Maranhão na poesia popular*.

Aqui faleceu na madrugada de 16 de novembro de 1979, recebendo as justas homenagens desta Academia.

#### O Antecessor

Minhas senhoras e meus senhores:

Tenho diante dos meus olhos a figura simpática, comunicativa, de conversa agradável do querido por todos, Raymundo Carvalho Guimarães. Nossa amizade nasceu na década de 70, quando eu trabalhava na assessoria jurídica do professor Pedro Neiva de Santana, ilustre e saudoso governador do Maranhão. Carvalho Guimarães gostava de passar por mim na sala de serviço, onde mantínhamos bons momentos conversando sobre

fatos históricos, literatura, assuntos de sua predileção. Sempre me incentivava a fazer uma profunda pesquisa a respeito de um vulto histórico que fora brutalmente assassinado quando das lutas da nossa Independência.

Referia-se ao major Francisco Paula Ribeiro, no seu entendimento competente comandante do Regime Militar nos Pastos Bons de outora, a quem devemos a bem-sucedida demarcação de limites territoriais entre Maranhão e o velho Goiás. Recomendava-me que procurasse ler os seus *livros Viagem ao rio Tocantins pelos sertões do Maranhão. Descrição do território de Pastos Bons nos sertões do Maranhão e Memórias das nações gentis que presentemente habitam o continente do Maranhão*, obras de alto fôlego do militar intelectual que ainda hoje são de grande valia para todos e qualquer estudo sobre o processo de conquista, ocupação e colonização do sul maranhense.

Muitas águas passaram pela ponte do tempo.

A minha migração para o Tocantins dele distanciou-me por longo tempo. Logo integrei-me na valorosa plêiade de intelectuais que sem medir esforços deu vida à Egrégia Academia Imperatrizense de Letras. E foi daí que passei a escrever os trabalhos sobre os homens, as coisas e as belezas naturais que deram um relevo todo especial à história passada nas barrancas de Tocantins.

Na obra rara *A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as províncias do Maranhão e Goiás*, de autoria do renomado Cândido Mendes de Almeida, encontrei com riqueza de detalhes os lances do assassinio do desditoso militar lusitano. A histórica ilha da Botica no rio Tocantins, onde aconteceu a capitulação das forças portuguesas, já consegui (re) descobri-la, assim como outros locais da ribeira onde ocorreram outros renhidos combates das chamadas Guerras da Independência.

Hoje, juntamente com os ilustres escritores, professor João Renôr de Carvalho e Adalberto Franklin, este último da Academia Imperatrizense de Letras, estamos compilando documentos e as importantes obras que dão a dimensão histórica da figura do major Paula Ribeiro. Brevemente, em forma de um livro, pretendemos resgatar a vida e os feitos de um homem do Brasil Colônia que muito contribuiu, traçando rumos e fincando balizas, que o Maranhão hoje ocupe o lugar de alto relevo no cenário nacional.

Destarte, estamos transformando em realidade o velho sonho do ilustre autor de *Buriti Bravo, nesga do sertão*. Carvalho Guimarães sempre foi merecedor do maior apreço entre todos aqueles que o conheceram bem de perto.

Por isso é que o nosso querido e festejado poeta maior José Chagas, estrela cintilante da constelação gonçalina, ao recebe-lo nesta augusta Casa disse:

Quando o conheci mais profundamente, fiquei admirado de ver como esse homem, de múltiplas e variadas atividades, tantas vezes secretário de prefeitura, tantas vezes coletor estadual, tantas vezes inspetor fiscal de rendas e ora chefe do Posto Fiscal do Maranhão em Teresina tinha tempo para discorrer sobre literatura e interessar-se de modo tão vivo pelos trabalhos literários da terra.

Eis aí o retrato completo, perfeito, sem retoques do meu antecessor de saudosa memória que, por certo, orgulha e sempre orgulhará a sua terra natal, seus familiares, em particular o seu querido filho e nosso prezado amigo, o conceituado médico Jairo Guimarães, que tanto brilho e honradez tem trazido à edicidade são-luisense.

Hoje temos a honra de comemorar o centenário de nascimento desse ilustre maranhense a quem substituo na Cadeira 32. Para ele, a saudade que temos de sua presença e a palavra da veneração por tudo quanto representou em nossa vida pública e cultural.

#### A CHEGADA

Longe já está se tornando minha caminhada. Perdoe-me se os canse. É que a noite de tantas luzes deu-me mais energia para, como diria Fernando Pessoa, com os olhos fixos no horizonte, não sentir a febre em mim navegar. Chego numa hora em que dentre tantas crises que nos afetam, uma abala bem perto a todos nós que fazemos e vivemos o mundo das letras.

Na hora presente, de fato, a disputa acirrada entre os instrumentos de comunicação de massa enfraquece a força do livro a tal ponto que o hábito da leitura decresceu a olhos vistos em todos os setores da atividade humana.

Em abono a essa assertiva trago a lume o sábio entendimento do mestre Josué Montelo:

A televisão num país em que ainda se lê muito pouco, e sem que são exíguas as tiragens dos nossos livros, preenchendo com a imagem e o som o espaço mental vazio, daí decorrendo o seu prestígio instantâneo, e que deu a muita gente a impressão de que o televisor viera suplantar o livro como veículo de informação, de arte e de saber.

O fenômeno, no entanto, tem foros universais. Leyla Perrone-Moisés, emérita professora da USP, diz-nos que:

A luta hoje é entre a cultura e a descultura pura e simples. A cultura de massas, sobre a qual os artistas modernos depositavam esperanças de renovação de formas de técnicas, de democratização, ampliação e educação do público, tornou-se industrial em escala planetária, e, como tal, fornecedora de produtos padronizados segundo uma demanda de baixa estética, que ela ao mesmo tempo cria e satisfaz.

Mas será que tão palpitante, temática se esgota no desabafo, talvez, ocasional, em que se constituem em autênticos e invejáveis bens culturais do país?

Creio sinceramente que não.

“A literatura ainda tem futuro. A biblioteca ainda não foi destruída. E nós leitores e escritores, aqui estamos para ler, eger e prosseguir”, como nos alerta com otimismo a própria professora Leyla Perrone.

E foi exatamente essa mensagem que eu tive a felicidade de ouvir quando de minha recente estada em Brasília. No Senado Federal, assisti a uma palestra da mais alta valia proferida pelo presidente da Biblioteca do Congresso dos EUA, professor James Billington, sobre o tema A Biblioteca Histórica e o Futuro Eletrônico.

Segundo ele,

Bibliotecas virtuais não significa o desaparecimento dos livros. A internet pode aumentar a acessibilidade a acervos antes restritos a poucos acadêmicos e pesquisador, mas não conseguirá substituir o livro enquanto agente ativador da imaginação.

Ao encerrar a palestra, o presidente da Biblioteca do Congresso Americano aconselhou a todos nunca confiar em alguém que tem um computador e não adora livros, pois esse tipo de pessoa revela uma arrogância que despreza a memória humana.

Fico, ficamos satisfeitos, quando vemos o mestre Josué Montelo bem falar em “equilíbrio” entre a leitura e a imagem instantâneas”, como já está ocorrendo nos países em que o livro voltou a existir como instrumento de saber imprescindível, inclusive para a própria televisão.

Por tudo isso, alegro-me quando entro numa livraria e vejo alguém procurando os últimos lançamentos do respeitável autor de *Os tambores de São Luís*. Também é motivo de orgulho ver-se *O dono do mar* sendo lançado no mundo inteiro e agora indo para a 7ª edição, festejada obra do escritor José Sarney!

Como é lisonjeiro e gratificante para nós outros leitores, poetas e escritores ver as últimas obras de Benedito Buzar, Luís Augusto Cassas, José Chagas, Nauro Machado, Mário Meireles, Jomar Moraes e tantos outros literatos maranhenses, serem procurados com interesse em nossas livrarias.

Tenho certeza de que a nossa Academia de Letras, guardiã histórica do patrimônio cultural do Maranhão, agora neste momento difícil de transição em que vive o mundo da informação e das letras, jamais deixará de abraçar tão nobre causa: a defesa

dos nossos valores espirituais mais altos e a luta sem fronteiras contra a agonia da arte e da literatura.

E em tão renhida luta, aqui nesta luminosa trincheira serei um humilde soldado. Mas um soldado no inteiro perfil daquele traçado pelo inolvidável Coelho Neto, dirigindo-se ao nosso governador Benedito Leite em uma memorável carta de agradecimento por ter sido eleito representante maranhense na Câmara federal:

Fazendo votos pelo seu restabelecimento e pronto regresso à Pátria, aqui fico atento ao seu aceno, como soldado que só pede o posto de maior risco, não porque se julgue o mais bravo, senão para que prove ser dos mais dedicados.

Muito Obrigado,

**ANEXO 3: DISCURSO DE POSSE DE FLÁVIO DINO NA ACADEMIA  
MARANHENSE DE LETRAS em 01.12.2022**

Senhor Presidente, da Academia Maranhense de Letras, desembargador Lourival Serejo, e demais membros desta veneranda Casa de Cultura.

Exmo Governador Carlos Brandão, que me honra com sua fraterna presença,

Querido Presidente da Assembleia Legislativa do Maranhão, deputado Othelino Neto, na pessoa de quem cumprimento todos os demais parlamentares e líderes políticos.

Exmo Presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Paulo Velten, e, ao saudá-lo, abraço todos os queridos colegas da comunidade jurídica

Exmo. Ministro do Superior Tribunal de Justiça, Reynaldo Soares da Fonseca que integra esta casa

Exmo Procurador-Geral de Justiça do Maranhão, Eduardo Jorge Hiluy Nicolau

Sr. Presidente do Tribunal de Contas do Estado, Conselheiro Washington Oliveira

Sr. Defensor Público-Geral, Gabriel Furtado

Confrade José Ewerton, Secretário-Adjunto da AML

Senhoras Secretárias e Senhores secretários de Estado,

Demais autoridades

Senhoras, senhores.

Pelos caminhos das ideias e dos afetos, recolhi amor, rosas, espadas e poesia, e com tal matéria-prima compus este discurso tão especial na minha vida.

Guimarães Rosa escreveu:

“Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa.

E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria...” (João Guimarães Rosa, A hora e a vez de Augusto Matraga, in: Sagarana, 31

No transcorrer dos dias de capina que me cabem, trago no coração um enorme pedaço de alegria, nesta noite esplendorosa. E minhas mãos estão repletas de idênticos pedaços para entregar afetuosamente a todos que me honram com suas honrosas presenças e aos que nos acompanham pela internet.

Neste passo, inicialmente oferto palavras de gratidão. Gratidão ao Verbo, que se fez carne e habitou entre nós, como consigna o Evangelho de São João. Gratidão aos ilustres confrades e confreiras, que me honraram com suas fidúcias e generosidades, materializadas no voto. Gratidão especialmente aos amigos que me estimularam a enveredar por mais uma eleição, entre tantas de minha vida. Ney Bello é o companheiro de sonhos e conquistas de quase 5 décadas de convívio fraterno. Dos jogos infantis ao exercício de cargos públicos, sempre tive admiração por Ney, com sua intensa e fecunda inquietação – como se pode facilmente demonstrar com seus múltiplos êxitos, mormente no Direito e na Literatura. Felix Alberto, um dos laços existenciais atados na gloriosa UFMA, foi incansável na apresentação de minhas virtudes – reais ou imaginárias – aos dignos membros desta Casa. Dos mais antigos neste mundo, que já se encontram, com a graça de Deus, sob o pálio do Estatuto do Idoso, agradeço a Carlos Gaspar, que presidiu a minha eleição, e ao meu estimado padrinho Benedito Buzar.

Aludir a Buzar, amigo da vida inteira do meu saudoso pai e antecessor, me transporta para a Rua de Santana, onde ele também residiu, a algumas centenas de metros de onde agora estamos. A Rua de Santana foi o primeiro território dos meus encontros. Encontro com o colo da minha mãe, com as lições escolares da minha avó Dália, com a minha família, com amigos, com o Colégio Marista, com a minha amada São Luís. Mas entre tantos encontros um foi e é especial: o encontro com os livros. Fecho os olhos e sou capaz de sentir o cheiro da biblioteca do meu avô, desembargador Nicolau Dino, e a do meu pai, que ocupava quase metade dos escassos cômodos em que habitávamos. O meu amado antecessor, todos sabem, é uma das vítimas fatais da terrível pandemia que marca o nosso tempo para sempre. Do dia do nosso primeiro encontro marcado na minha memória de criança, até o derradeiro, meu pai tinha livros nas suas mãos. Ainda hoje, e para sempre, meus ouvidos ouvem a sua derradeira declamação de Gonçalves Dias, já no leito hospitalar:

“Não chores, meu filho;

Não chores, que a vida

É luta renhida: Viver é lutar. ”

Assumir a cadeira 32 é uma honra. O meu antecessor, da infância às margens do majestoso Rio Grajaú, trouxe as primeiras letras e o gosto pelas coisas do mundo: futebol, diversões e namoros. Depois, na juventude em São Luís, descobriu a escrita literária, a

política, a oratória. “O último guriatã de Atenas”, consoante o afetuoso e bem-humorado epíteto dado a Salvio Dino pelo seu compadre Buzar.

Foi orador oficial do Centro Acadêmico Clodomir Cardoso e, desta então destacada tribuna acadêmica, logo passou à consagração pelo bálsamo do voto popular, sendo eleito vereador de São Luís, aos 22 anos, em 1954. Na sequência de sua caminhada existencial, Salvio Dino, juntamente com seu compadre Benedito Buzar, chegou à Assembleia Legislativa. O destino lhe parecia traçado linearmente, sempre cada dia mais resplandecente. Então, entra em cena a peripécia, “a mudança dos acontecimentos para o seu reverso”, na dicção de Aristóteles.

Com efeito, a terrível noite da ditadura, que encobriu a nossa Pátria em 1964, cassou arbitrariamente o seu mandato parlamentar, quando Salvio Dino estava no verdor dos 32 anos. Brutal e dolorosa injustiça, contra a qual ele protestou na tribuna da Assembleia, em discurso gravado nos Anais daquela Casa:

“Senhor Presidente, neste instante em que está sendo cassado o meu mandato, em que perco os meus direitos de representante do povo, em que sou degolado politicamente, afirmo, com toda a sinceridade que me vai n’alma, que serenamente aguardarei o julgamento da História.”

De fato, o julgamento veio de múltiplas formas, uma delas é que sobre os algozes caiu o manto do esquecimento, enquanto o “politicamente degolado” hoje é celebrado, e continuará a ser por décadas e séculos, enquanto existir a Cadeira 32 nesta imortal Academia.

Uma década depois, Salvio Dino retomou a atividade política. Em seguida, estreou no mundo das publicações literárias, com “Nas Barrancas do Tocantins”, livro de contos sobre o qual disse um dos nossos maiores luminares, Josué Montello, em artigo intitulado “Literatura e Política”:

“Sálvio Dino deu a urdidura do conto às suas experiências políticas, aquilo que viu e observou com as suas vivências de deputado, andando sertão adentro, ou litoral a fora, no seu duro trabalho de auscultador do povo.

Em vez de viver apenas a luta política, fez dessa luta – com as impressões que recolheu – a própria substância da criação literária, numa forma clara, direta e harmoniosa, que lhe confirma a vocação das letras. E se livro desse direito a voto, aqui teria ele o meu, com aplauso. ”

Para realçar o que o Mestre Josué enunciou, trago a lume um trecho do conto Mané Cicero, constante da obra “Nas Barrancas do Tocantins”:

“O velho homem do campo repete toda a sua via-crucis.

A seca do Ceará. A busca das terras verdes no Maranhão. A luta contra a mata bruta. O impaludismo tenebroso. A criança morrendo de fome. As levas de retirantes chegando no Mearim. A viagem para o desconhecido Tocantins. O duro trabalho no cultivo da terra. O vento da felicidade, soprando no roçado verdejante. A tempestade da desgraça, surgindo com a chegada dos grileiros. A ameaça de despejo na marra. A humilhação na porta do doutor juiz de Direito. ”

Facilmente se identifica uma das mais fortes referências literárias de meu predecessor: o regionalismo da prosa nordestina, focada na realidade nacional, pondo em primeiro plano o sofrimento do povo do Nordeste e incorporando termos regionais. Em “Nas Barrancas do Tocantins”, em vários contos essa filiação buscada por Sálvio Dino fica bem evidenciada, denunciando uma sociedade com as clivagens e injustiças derivadas do coronelismo, em que – mais do que a natureza hostil – falam mais alto os problemas sociais e políticos.

Salvio Dino é autor de muitas outras obras, entre as quais exemplifico:

\* Um Moço na Tribuna (1959)

\* Raízes históricas de Grajaú (1974) \* Semeando manhãs (1985)

\*Luzia, quase uma lenda de amor (1990)

\* Onde é Pará, onde é Maranhão? (1990) \*

A Faculdade de Direito do Maranhão (1996)

\* Clarindo Santiago: o poeta maranhense desaparecido no rio Tocantins (1997)

\* Leões: um palácio de histórias, lenda, mitos & chefões (1997)

\* A Coluna Prestes a Exilar-se – passagem pelo sul-maranhense (2016)

Para completar esse painel sobre vida e obra do meu estimado predecessor, julgo essencial destacar o seu pioneirismo, ainda na década de 70, ao cuidar da temática ambiental. Lembro, a esse propósito, a autoria da lei que impõe a preservação da árvore-símbolo do Maranhão: a palmeira de babaçu, a imagem-síntese das muitas belezas naturais gonçalvinas. Sim, a nossa “terra tem palmeiras”, com tantos belos cantos.

Ponho sob holofote a seara ambiental por considera-la uma das mais relevantes do nosso tempo, e sobre a qual escrevi um dos livros que me credenciaram a esta Augusta Casa. Em parceria com meu irmão Nicolao Dino e com o confrade Ney Bello, dedicamo-nos a

mostrar a importância da máxima efetividade à generosa e qualificada legislação ambiental brasileira. Vivemos, em dias recentes, a 27ª edição da Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP 27, realizada no Egito, marcando a retomada do protagonismo da nossa Pátria nesse debate mundial. Destarte, somos e devemos sempre ser um dos maiores prestadores de serviços ambientais e ecossistêmicos ao planeta, provendo segurança climática à atual e às futuras gerações. Falar de meio ambiente me atrai às águas do Rio Itapecuru, que batizam a Cadeira 32, na medida em que, além do nosso patrono Vespasiano, essa bacia hidrográfica abençoou Marianna Gonçalves da Luz, nascida em Itapecuru-Mirim; Félix Aires, nascido em Buriti Bravo; e Raymundo Carvalho Guimarães, vindo ao mundo em Passagem Franca. Todas as cidades mencionadas, mais a Caxias de Vespasiano, pertencem à bacia hidrográfica do Itapecuru.

“Navegar é necessário”, proclamou o general romano Pompeu e reverberaram – ainda que com outros sentidos – os poetas Petrarca, Fernando Pessoa e Caetano Veloso. Lancemo-nos, pois, a esta missão náutica pelo Itapecuru e seus afluentes literários, no caso o patrono da noite e os meus insignes antecessores.

O patrono Vespasiano Ramos. Um trabalhador do comércio de Caxias que se fez poeta e andarilho por muitas veredas brasileiras, especialmente da nossa Amazônia.

Foi, acima de tudo, um poeta do amor, filiado ao romantismo das paixões impossíveis e das musas inatingíveis.

Ainda não havia o WhatsApp e nem a fórmula mágica “E aí, sumida ?” , que já conduziu a tantas uniões felizes, de instantes ou de anos.

Em tempos quiçá mais compatíveis com a inesgotável sede humana por amor, o caxiense Gonçalves Dias cantou:

“Enfim te vejo! – enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.”

E Vespasiano, com o coração dominado por Lili Bitencourt, na mesma toada:

“De joelhos, caindo, as mãos estendo  
Ao vosso amado coração em flor  
Como serei ditoso recebendo  
Uma esmola de amor.”

Num caso e noutro, bem sabemos o final da história, compatível com o espírito do tempo, que Vespasiano pintou e eternizou em Sulamita, do qual leio a parte final:

“Procuo te esquecer  
 Procuro te esquecer, um só momento,  
 Mas, ah! como te dar o esquecimento,  
 Sem deixares de ser,  
 Sem deixares de ser meu pensamento!  
 Soluça, alma perdida!  
 Soluça, como nunca soluçaste:  
 A dor que sentes nunca mais se finda!  
 Visão radiosa que encontrei na vida:  
 Desgraçada a paixão que me inspiraste,  
 Desgraçado de mim que te amo ainda!”

Vespasiano, “o lirismo feito homem” consoante a definição de Humberto de Campos, desprezado pela mulher idealizada, ilumina uma das vertentes mais fecundas do Romantismo: os sofrimentos e reveses transformados em versos de conforto e refúgio.

Marianna Gonçalves da Luz, a poeta das rosas. Uma mulher dedicada à educação e à cultura. Cultivava rosas coloridas em seu jardim; rosas esperançosas no coração dos estudantes, sobretudo os mais pobres; e rosas tristes nos seus poemas.

Com efeito, Marianna Gonçalves da Luz imprimiu, de modo predominante, as marcas da dor, do desespero, do desencanto, à sua produção literária. Escutemos a sua voz:

“Como pálido espectro, vacilando  
 A cada passo sobre a laje fria,  
 Eu vou seguindo a dolorosa via  
 Onde pedaços da alma vou deixando.  
 E esse viver atroz que, dia a dia,  
 Meu pobre coração vai torturando  
 Torna-me um ser tristonho e miserando  
 Engolfado em letal melancolia.  
 Exausta caminheira, chego ao termo,  
 Do sofrimento;  
 o coração enfermo,  
 Já não sinto pulsar... pobre esquecido...”

É inútil tentar. Ao longe, esguio

Vejo um cipreste lúgubre, sombrio, Morrer! ... E vou morrer sem ter vivido!”

Em um singular paradoxo, creio ser possível situar Marianna Gonçalves da Luz em meio ao penumbrismo que, segundo Norma Goldstein “se caracteriza por uma melancolia agri-doce, pelos temas ligados ao cotidiano, por uma morbidez velada.”

Devemos a Jucey Santana, ilustre integrante da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes, a publicação do livro *Marianna Gonçalves da Luz – Vida e Obra*, leitura imprescindível para a compreensão da relevância de Mariana naquela cidade e nesta Academia Maranhense.

Felix Aires. O poeta de múltiplas formas, que transitou do parnasianismo ao modernismo, como revela o conhecimento de sua vasta produção literária. Esta impressiona pelo abundante repertório vocabular, do qual lança mão para compor poemas luminosos. Deste conjunto, destaco os instigantes versos em miniatura:

Terra Natal

Mar

Solto

Re

Volto! Democracia

Bela,

Livre,

Ela

Vive!

Portinari

Claramente

para frente!

Finalmente, Carvalho Guimarães. O dedicado servidor público que transcendeu a aridez das rotinas burocráticas. Preocupado com as coisas da cultura, integrou Academias e Institutos de prestígio, no Maranhão e em outros Estados. José Chagas, figura exponencial na vasta galeria desta Casa, ao receber Carvalho Guimarães acentuou:

“Quando o conheci mais profundamente, fiquei admirado de ver

como esse homem, de múltiplas e variadas atividades, (...) tinha tempo para discorrer

sobre literatura e interessar-se  
de modo tão vivo pelos trabalhos literários da terra.”

Senhoras, Senhores!

Estes são os homens e mulheres que deram vida e rosto à cadeira 32, que agora com genuína honra passo a ocupar. E, em hora tão solene, sinto o sabor da imortalidade.

Sim, somos imortais. Imortais porque do pó viemos e para ele retornaremos, no vir-a-ser para o Reino de Deus.

Sim, somos imortais porque assim são os valores que nos comprometemos a profetizar: o culto à ciência, às letras, à arte.

Sim, somos imortais porque, em vez de escravos dos algoritmos da internet, somos humanos, sempre com fome de pão, de beleza e de conviver – e, convivendo, vivemos para além de nós mesmos. O que é mais eterno do que o amor, em suas múltiplas e tão sublimes formas, como o amor de um pai ou mãe pelos seus filhos? Ao amar, somos imortais, e por isso agradeço à minha amada Penélope, que se chama Daniela – esteio macio (às vezes áspero, mas sempre com razão) no qual me sustento em tão sinuosas aventuras. E meu carinho imortal aos amores maiores, os filhos que o Pai me confiou: Vinicius, Marcelo (que vive e viaja em cada gota do meu sangue), Artur e Davi. Por eles, tento me fazer herói, até de capa e espada se necessário for.

Minhas palavras, nascidas do coração, também são de homenagem a esta Academia. Somos vários, somos um. O Um-Multiplo de que nos fala Platão, ao ensinar que uma Forma é uma totalidade que abarca particularidades.

Somos, em totalidade e nas particularidades, sempre contraditórios, cindidos, incompletos, como assentado por um dos gênios maiores do Maranhão, Ferreira Gullar, em TRADUZIR-SE:

“Uma parte de mim  
é todo mundo;  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.  
Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão

Uma parte de mim  
 pesa, pondera;  
 outra parte  
 delira.”  
 E arremata:  
 “Traduzir-se uma parte  
 na outra parte  
 — que é uma questão  
 de vida ou morte —  
 será arte?”

Confrades, confradeiras!

O Visconde Partido ao Meio, magnífica construção literária de Ítalo Calvino, diz muito sobre a matéria humana, sobre cada um de nós, sobre o nosso tempo, sobre o Brasil de hoje.

O que teria sido o “tiro de canhão” que, antes de partir o Visconde em metades, instigou Calvino na sua fábula? A bomba de Hiroshima? O ambiente da Guerra Fria, após a terrível 2ª Grande Guerra? Ou o simples viver para além da juventude? O fato é que cada um tem no seu próprio peito o “tiro de canhão” que lhe coube e cabe. Antes dele [do tiro], “as coisas ainda eram inteiras e indiscutíveis, e assim era ele próprio,” diz o narrador da obra de Calvino, falando sobre o Visconde. E falando sobre todos nós.

Na nossa época, somos ainda mais fragmentados, porém – ao mesmo tempo – permanecemos convidados, em nossa caminhada existencial, a costurarmos os nossos fragmentos e estabelecermos a unidade possível, mesmo que precária, instável. Com o Visconde, tal impulso emergiu do amor por Pamèla, conducente a um duelo de espadas entre as suas duas metades, uma boa e a outra má.

No duelo, as espadas atingem as duas partes do Visconde, fazem ambas sangrarem, então a ciência médica as une. E o narrador assenta: “Assim, meu tio Medardo voltou a ser um homem inteiro, nem mau nem bom, uma mistura de maldade e bondade, isto é, aparentemente igual ao que era antes de se partir ao meio. Mas tinha a experiência de uma e de outra metade refundidas, por isso devia ser bem sábio. ”

Os dignos integrantes desta Casa escolheram as artes e humanidades como os fios que costuram suas próprias inevitáveis cisões existenciais. E, ainda mais, resolveram integrar-

se nesta assembleia para estender tais fios para além das fronteiras deste edifício. Com idêntico espírito de serviço, apresento-me e, com muita honra e alegria, alisto-me para aprender com meus confrades e congreiras. E, assim, continuar o que mais importa: servir, com amor e autêntico espírito cívico, ao povo do Maranhão.

Em SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO, Ítalo Calvino aborda características que considera essenciais para a qualificação de obras literárias. Publicado no Brasil em 1990, o texto – também conhecido como Lições Americanas – chega vigoroso à 3ª década do século 21. No mundo de O VISCONDE PARTIDO AO MEIO está contidas seis propostas que Calvino valoriza no texto literário: leveza, exatidão, visibilidade, rapidez e multiplicidade. E também consistência, tema da conferência não escrita, impedida pela morte do autor.

Repiso as propostas fundamentais de Ítalo Calvino: leveza, exatidão, visibilidade, rapidez, multiplicidade, consistência. Foi o que procurei imprimir nesta tão luminosa noite.

Concluo com a instigação que emerge da multicitada obra “O Visconde Partido ao Meio”:  
“Talvez se esperasse que, uma vez inteiro o visconde, se abrisse um período de felicidade maravilhosa; mas é claro que não basta um visconde completo para que o mundo inteiro se torne completo. ”

Senhoras, senhores. O mundo completo, bom, belo e justo é o que nos cabe buscar. Afinal, não há vida sem utopias, sem transcendência. Pois sigamos nossos dias de capina e sol, com poesia, rosas e espadas!

Muito obrigado!